



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ARYELLE MALHEIROS CARUZZO

**DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS  
IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA  
NA PRÁTICA ESPORTIVA PARALÍMPICA NO BRASIL**

---

Londrina  
2025

ARYELLE MALHEIROS CARUZZO

**DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS  
IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NA PRÁTICA  
ESPORTIVA PARALÍMPICA NO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física Associado UEM/UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dra. Márcia Greguol.

Londrina  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

C329d Caruzzo, Aryelle Malheiros Caruzzo.  
DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA / Aryelle Malheiros Caruzzo Caruzzo. - Londrina, 2025.  
145 f. : il.

Orientador: Márcia Greguol.  
Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Física e Esportes, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2025.  
Inclui bibliografia.

1. Deficiência - Tese. 2. Iniciação esportiva - Tese. 3. Crianças e adolescentes - Tese. 4. Suporte Parental - Tese. I. Greguol, Márcia. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Física e Esportes. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

CDU 796

ARYELLE MALHEIROS CARUZZO

**DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS  
IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NA PRÁTICA ESPORTIVA  
PARALÍMPICA NO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física Associado UEM/UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação Física

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Márcia Greguol  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Márcio Pereira Morato  
Universidade de São Paulo - USP

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Andressa Ribeiro Contreira  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

---

Prof. Dr. Vinícius Denardin Cardoso  
Universidade Estadual de Roraima - UERR

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Bruna Barboza Seron  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Londrina, 15 de julho de 2025.

## DEDICATÓRIA

---

Dedico a finalização desse trabalho ao Professor Décio Calegari (*in memoriam*), por ter me apresentado o universo de possibilidades que a Educação Física pode oferecer às pessoas com deficiência.

## EPÍGRAFE

---

**Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.**

Carl Gustav Jung.

*Fundamentos da psicologia analítica (1996)*

## **AGRADECIMENTOS**

---

Nesta seção, registro meus profundos agradecimentos àqueles que tornaram possível a conclusão desse trabalho por estarem presentes durante a minha caminhada:

À Universidade Estadual de Londrina pela oportunidade de fazer parte do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL durante meu processo de doutoramento.

À Universidade Estadual de Maringá e aos funcionários do Departamento de Educação Física por todo o suporte e estrutura oferecidos durante todos esses anos em que tive a oportunidade de frequentar a instituição.

Aos professores do Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, por todos os conhecimentos transmitidos durante as disciplinas cursadas.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Greguol, por todo o acolhimento recebido desde o primeiro contato, por me ensinar com leveza sobre os conteúdos técnicos da área, mas sobretudo, por me direcionar com muita paciência, compreensão e bom humor ao longo desses quatro anos de relação. Não me bastaria expressar aqui, toda a minha admiração e gratidão por tantos momentos compartilhados.

Aos membros da banca, pela disponibilidade em contribuir para a finalização deste trabalho. Todos foram convidados a partir da minha admiração pelo trabalho realizado por cada um, em diferentes realidades.

À Prof.<sup>a</sup>. Dra. Andressa Ribeiro Contreira, com quem eu tive o privilégio de aprender, desde a graduação, questões técnicas de escrita, mas principalmente, por me ensinar que afeto e profissionalismo precisam andar juntos nos processos de ensino.

À Prof.<sup>a</sup>. Dra. Bruna Barboza Seron, por todos os direcionamentos e trocas sempre tão ricos em conhecimento e permeados de boas risadas. Minha admiração pela mulher potente que você é.

Ao Prof. Dr. Vinícius Denardin Cardoso por toda a parceria durante os anos em que estivemos à frente dos nossos Centros de Referência Paralímpicos. Aprender contigo sempre foi muito enriquecedor para mim.

À Profa. Dra. Andressa da Silva de Mello por todos os ensinamentos e por abrir as portas do Centro de Referência Paralímpico de Belo Horizonte para que eu pudesse desenvolver a minha coleta piloto.

Ao Prof. Dr. Márcio Pereira Morato pelo seu aceite e disponibilidade em integrar a

banca examinadora desse trabalho realizado com tanto carinho.

Ao Comitê Paralímpico Brasileiro por permitir a realização dessa pesquisa e principalmente, por todo o suporte recebido para a coleta de dados, em nome do Coordenador Filipe Barboza, meus sinceros agradecimentos. E aos colegas de profissão que me auxiliaram durante a coleta de dados junto às famílias.

À todas as famílias que se dispuseram a participar da pesquisa, e por serem minha fonte de inspiração em continuar estudando e contribuindo com esse contexto.

À Equipe CRPB Maringá, por me apoiarem durante a realização desta pesquisa se fazendo presentes em cada momento, me mostrando o quão ricas podem ser as relações profissionais que criamos ao longo do caminho. Em especial, aos Professores Juliana, Pedro, Gabriel e Rodrigo.

Quanto aos amigos, tenho a sorte de ser rodeada de pessoas que me inspiram, apoiam e me mostram diariamente o quanto o afeto, afeta. Pessoas que foram suporte, me auxiliaram e foram verdadeiros refúgios durante os momentos tempestivos. Deixar seus nomes registrados aqui, é uma das formas de manifestar toda a minha gratidão pelos momentos vividos: Giuliano, Thiago, Marcelen, Catarina, Vanessa, Juliana, Anábia, Renato, Karolina, Letícia A., Ana F, Geovanna e Hugo.

À Associação de Basquete e Handebol em Cadeira de rodas, KINGS Maringá, por me mostrar a cada desafio, toda a potência que existe no esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência. Estar enquanto diretora técnica desse grupo é um processo constante de aprendizado e inspiração.

Ao meu marido Gabriel Salgado de Moraes, por diariamente se fazer presente em minha rotina, sempre com ações singelas, com palavras de carinho e incentivo, nunca deixando com que o meu cansaço falasse mais alto. E claro, à família Salgado de Moraes, por todo o apoio que sempre recebi, desde 2011.

À minha família, sou imensamente grata por tudo o suporte recebido, não deixando com que eu desanimasse em qualquer etapa do trabalho. Minha mãe Silvana, por sempre acreditar que “do meu jeitinho” eu conseguiria atingir os meus objetivos. Minha irmã Nayara, que além de ser “a minha pessoa preferida nesse mundo”, me ensina diariamente sobre a nossa área de formação. Ao meu padrasto Edson Barros e meu cunhado Kayme Arges por todo o carinho e orações. E ao meu afilhado, Samuel que mesmo sem se dar conta disso, me proporcionou inúmeros momentos de leveza durante o processo formativo.

Por fim, à Deus, eu agradeço por todas as manifestações da sua infinita bondade e por me auxiliar a encarar as dificuldades e desafios como oportunidades de aprendizado e evolução espiritual, entendendo que tudo ocorre para o nosso bem.

## RESUMO

CARUZZO, Aryelle Malheiros. **Determinantes sociais, Suporte Parental e suas implicações para a inserção de crianças e adolescentes com deficiência na prática esportiva paralímpica no Brasil**. 2025. 141 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

A prática esportiva regular favorece o desenvolvimento físico, psicológico e social de crianças e adolescentes com deficiência. Com o objetivo oportunizar a iniciação paradesportiva para essa população, o Comitê Paralímpico Brasileiro criou o Programa de iniciação esportiva intitulado 'Centro de Referência Paralímpico', que oferece a prática de modalidades paralímpicas da iniciação ao alto rendimento e possui polos instalados em todo Brasil. A percepção das barreiras e possíveis facilitadores para a prática esportiva está associada a questões sociais e é influenciada pelos hábitos e preferências familiares. Assim, o objetivo da presente pesquisa foi verificar a associação entre os determinantes sociais e o suporte parental na inserção de crianças e adolescentes com deficiência na prática esportiva paralímpica no Brasil. Para isso, a presente tese foi estruturada segundo o Modelo Escandinavo, e está organizada em quatro capítulos: Capítulo 1 – Introdução geral da tese; Capítulo 2 – Determinantes sociais associados à prática esportiva paralímpica em diferentes regiões do Brasil; Capítulo 3 – Esporte paralímpico no Brasil: compreendendo as barreiras e os facilitadores através do olhar de mães de crianças e adolescentes com deficiência; Capítulo 4 – Considerações finais. Os dois estudos realizados tiveram participantes das cinco regiões do país. No Capítulo 1, encontra-se a contextualização da temática, justificativa, objetivos, hipóteses elencadas, delimitações e limitações da pesquisa, aspectos éticos, definições de termos e a estrutura da tese. O Capítulo 2 objetivou identificar as características sociais das famílias das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros e a partir do reconhecimento das informações obtidas, comparar os fatores socioeconômicos com as barreiras e facilitadores percebidos, a atividade física habitual dos pais, os tipos de deficiências das crianças e adolescentes em função das diferentes regiões do Brasil. Participaram do estudo 318 pais de crianças e adolescentes com deficiência, alunos de 17 polos dos Centros de Referência Paralímpicos, representantes das 5 regiões do Brasil. As análises dos dados, de cunho quantitativo, foram realizadas no programa de linguagem estatística *R Studio*. Os resultados indicaram que os pais das crianças e adolescentes com deficiência apresentam níveis moderados de Suporte Parental voltado à prática esportiva, principalmente através do incentivo verbal, não sendo verificada a influência por modelagem, visto que grande parte dos participantes afirmaram não praticar nenhuma atividade física. Foram observadas maiores médias na região norte, em famílias classificadas economicamente como D/E e entre as famílias com filhos com deficiência física. Em relação às barreiras e os possíveis facilitadores percebidos para a prática esportiva, os resultados apontaram semelhanças entre as cinco regiões do Brasil. O Capítulo 3 buscou, por meio de um estudo qualitativo, compreender a associação entre as características sociais e o suporte parental para a prática esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência no Brasil, bem como verificar o papel dos níveis de suporte e das barreiras e possíveis facilitadores

percebidos. Foram analisadas 10 entrevistas, sendo 2 de cada região do Brasil, de mães de alunos com deficiências físicas e intelectuais, convidadas a participar de acordo com os demais critérios de inclusão. Para a análise dos dados, foram adotadas as orientações da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), e as categorias de análise elencadas foram: Barreiras Percebidas, Facilitadores percebidos, Suporte Parental, e Determinantes sociais. Os resultados trouxeram importantes reflexões quanto às questões sociais existentes no país. No Capítulo 4 estão descritas as considerações finais da tese. Conclui-se assim que os baixos níveis de atividade física dos pais que constituíram a população do estudo não estão diretamente ligados aos níveis de Suporte Parental que os pais podem oferecer aos seus filhos para a prática esportiva de modalidades paralímpicas. Ainda, que as barreiras e facilitadores percebidos, em sua maioria não estão relacionados às questões pessoais, mas sim à fatores externos e que podem ser mais bem direcionados a partir da atuação profissional ou mesmo de melhores direcionamentos políticos, uma vez que o estudo possui abrangência nacional e percebeu realidades semelhantes em todas as regiões do país.

**Palavras-chave:** deficiência; crianças e adolescentes; prática esportiva; modalidades paralímpicas; suporte parental; fatores socioeconômicos; barreiras e facilitadores.

## ABSTRACT

CARUZZO, Aryelle Malheiros. **Social determinants, parental support and their implications for the inclusion of children and adolescents with disabilities in Paralympic sports in Brazil.** 2025. 141 p. Thesis (Doctorate in Physical Education) – State University of Londrina, Paraná. 2025.

Regular sports practice favors the physical, psychological and social development of children and adolescents with disabilities. In order to provide opportunities for this population to become involved in Paralympic sports, the Brazilian Paralympic Committee created the Sports Initiation Program called the 'Paralympic Reference Center', which offers the practice of Paralympic sports from beginners to high performance and has centers installed throughout Brazil. The perception of barriers and possible facilitators for the practice of sports is associated with social issues and is influenced by family habits and preferences. Thus, the objective of this research was to verify the association between social determinants and parental support in the inclusion of children and adolescents with disabilities in Paralympic sports practice in Brazil. To this end, this thesis was structured according to the Scandinavian Model and is organized into four chapters: Chapter 1 – General introduction of the thesis; Chapter 2 – Social determinants associated with the practice of Paralympic sports in different regions of Brazil; Chapter 3 – Paralympic sports in Brazil: understanding the barriers and facilitators through the perspective of mothers of children and adolescents with disabilities; Chapter 4 – Final considerations. The two studies carried out had participants from the five regions of the country. Chapter 1 contains the contextualization of the theme, justification, objectives, hypotheses listed, delimitations and limitations of the research, ethical aspects, definitions of terms and the structure of the thesis. Chapter 2 aimed to identify the social characteristics of the families of children and adolescents with disabilities who practice the Paralympic modalities offered by the Brazilian Paralympic Reference Centers and, based on the recognition of the information obtained, compare the socioeconomic factors with the perceived barriers and facilitators, the parents' usual physical activity, and the types of disabilities of the children and adolescents according to the different regions of Brazil. The study included 318 parents of children and adolescents with disabilities, students from 17 Paralympic Reference Centers, representing the five regions of Brazil. The quantitative data analyses were performed in the statistical language program R Studio. The results indicated that parents of children and adolescents with disabilities have moderate levels of parental support aimed at sports practice, mainly through verbal encouragement. The influence of modeling was not verified, since most of the participants stated that they did not practice any physical activity. Higher averages were observed in the northern region, in families economically classified as D/E and among families with children with physical disabilities. Regarding the barriers and possible facilitators perceived for the practice of sports, the results pointed out similarities among the five regions of Brazil. Chapter 3 sought, through a qualitative study, to understand the association between social characteristics and parental support for the practice of Paralympic sports by children and adolescents with disabilities in Brazil, as well as to verify the role of levels of support and perceived barriers and possible facilitators. Ten interviews were analyzed, two from each region of Brazil, with mothers of students with physical and intellectual disabilities, invited to

participate in accordance with the other inclusion criteria. For data analysis, the guidelines of Bardin's Content Analysis (2011) were adopted, and the analysis categories listed were: Perceived Barriers, Perceived Facilitators, Parental Support, and Social Determinants. The results brought important reflections on the social issues that exist in the country. Chapter 4 describes the final considerations of the thesis. It is concluded that the low levels of physical activity of the parents who constituted the study population are not directly linked to the levels of Parental Support that parents can offer their children for the practice of Paralympic sports. Furthermore, the perceived barriers and facilitators are mostly not related to personal issues, but rather to external factors that can be better addressed through professional action or even better political guidance, since the study had a national scope and identified similar realities in all regions of the country.

**Key-words:** disability; children and adolescents; sports practice; paralympic modalities; parental support; socioeconomic factors; barriers and facilitators.

## LISTA DE FIGURAS

---

<b>Figura 1</b> – Número de participantes do estudo de acordo com as regiões do Brasil.....	45
<b>Figura 2</b> - Classificação Econômica dos participantes segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (n=318).....	53
<b>Figura 3</b> - Organização do quantitativo absoluto das principais Barreiras percebidas pelos participantes (n=318) .....	59
<b>Figura 4</b> – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Ambientais percebidas pelos participantes (n=318).....	60
<b>Figura 5</b> – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Sociais percebidas pelos participantes (n=318).....	60
<b>Figura 6</b> – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Pessoais percebidas pelos participantes (n=318).....	60
<b>Figura 7</b> – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Pessoais dos Pais percebidas pelos participantes (n=318) .....	61
<b>Figura 8</b> – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Políticas percebidas pelos participantes (n=318).....	61
<b>Figura 9</b> – Organização do quantitativo absoluto dos principais Facilitadores percebidos pelos participantes (n=318) .....	62
<b>Figura 10</b> – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Ambientais percebidos pelos participantes (n=318). .....	62
<b>Figura 11</b> – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Sociais percebidos pelos participantes (n=318).....	63
<b>Figura 12</b> – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Pessoais percebidos pelos participantes (n=318).....	63
<b>Figura 13</b> – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Pessoais dos Pais percebidos pelos participantes (n=318) .....	63
<b>Figura 14</b> – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Políticos percebidos pelos participantes (n=318).....	64
<b>Figura 15</b> – Representação das etapas percorridas para análise dos dados do presente estudo a partir dos direcionamentos para Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).....	81
<b>Figura 16</b> – Nuvem de palavras gerada a partir dos apontamentos feitos	

pelas participantes sobre a postura profissional almejada no  
atendimento das crianças e adolescentes com deficiência..... 91

## LISTA DE TABELAS

---

- Tabela 1** – Descrição das características sociodemográficas dos pais de crianças e adolescentes que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros participantes do estudo (n=318) ..... 50
- Tabela 2** – Descrição das características sociodemográficas das crianças e adolescentes que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros participantes do estudo (n=318)..... 52
- Tabela 3** - Perspectiva de suporte oferecido pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos (n=318)..... 54
- Tabela 4** - Comparação dos níveis de Suporte Parental (Trost) dos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos em relação às regiões do país (n=318)..... 55
- Tabela 5** - Comparação dos níveis de Suporte Parental (Trost) dos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos em relação à classificação econômica (n=318)..... 56
- Tabela 6** - Comparação dos níveis de Suporte Parental (Trost) dos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos em relação aos tipos de deficiência dos alunos (n=318)..... 57
- Tabela 7** - Nível de Atividade Física Habitual dos pais das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos (n=318)..... 57
- Tabela 8** - Comparação entre as regiões do Brasil e o nível de Atividade Física Habitual dos pais das crianças e adolescentes com

deficiência que praticam as modalidades paralímpicas  
oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos (n=318) ..... 58

## LISTA DE QUADROS

---

<b>Quadro 1-</b>	Estrutura da tese organizada conforme os capítulos dos estudos apresentados de forma independente.....	38
<b>Quadro 2 –</b>	Organização das categorias de análise do questionário de Barreiras e Facilitadores utilizado no estudo.....	47
<b>Quadro 3 –</b>	Principais Barreiras e Facilitadores percebidos por região do Brasil e a predominância da Classe Econômica dos participantes (n=318).....	65
<b>Quadro 4 –</b>	Caracterização das mães das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, participantes do estudo (n=10).....	78
<b>Quadro 5 –</b>	Organização das categorias relacionadas às Barreiras e Facilitadores pré-estabelecidas de acordo com o referencial teórico utilizado no estudo para análise das entrevistas realizadas.....	82
<b>Quadro 6 –</b>	Organização das categorias relacionados aos tipos de Suporte Parental pré-estabelecidos de acordo com o referencial teórico utilizado no estudo para análise das entrevistas realizadas .....	83
<b>Quadro 7-</b>	Temas emergentes para caracterização das barreiras percebidas pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência para a prática esportiva paralímpica no Brasil.....	85
<b>Quadro 8 -</b>	Temas emergentes para caracterização dos facilitadores percebidos pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência para a prática esportiva paralímpica no Brasil.....	89
<b>Quadro 9 -</b>	Temas emergentes para caracterização do Suporte Parental constatado pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência para a prática esportiva paralímpica no Brasil. ....	95
<b>Quadro 10 -</b>	Temas emergentes para caracterização dos Determinantes Sociais identificados a partir do discurso das mães das crianças e adolescentes com deficiência que influenciam na prática esportiva paralímpica no Brasil .....	99

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

---

UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
PCD	Pessoa com Deficiência
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
CRPB	Centro de Referência Paralímpico Brasileiro
TEA	Transtorno do Espectro Autista

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO GERAL DA TESE</b> ..... 19
<b>1.1</b>	<b>Contextualização da temática</b> ..... 23
<b>1.2</b>	<b>Justificativa</b> ..... 32
<b>1.3</b>	<b>Objetivo geral</b> ..... 33
<b>1.4</b>	<b>Objetivos específicos</b> ..... 33
<b>1.5</b>	<b>Hipóteses</b> ..... 33
<b>1.6</b>	<b>Delimitações da pesquisa</b> ..... 34
<b>1.7</b>	<b>Limitações da pesquisa</b> ..... 35
<b>1.8</b>	<b>Aspectos éticos</b> ..... 35
<b>1.9</b>	<b>Definição de termos</b> ..... 35
<b>1.10</b>	<b>Estrutura da tese</b> ..... 38
 <b>CAPÍTULO 2 – DETERMINANTES SOCIAIS ASSOCIADOS À PRÁTICA ESPORTIVA PARALÍMPICA EM DIFERENTES REGIÕES DO BRASIL</b>	
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> ..... 42
<b>2</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODO</b> ..... 44
<b>2.1</b>	<b>Caracterização do estudo</b> ..... 44
<b>2.2</b>	<b>Participantes</b> ..... 44
<b>2.3</b>	<b>Instrumentos</b> ..... 45
<b>2.4</b>	<b>Procedimentos de coleta</b> ..... 48
<b>2.5</b>	<b>Análise de dados</b> ..... 49
<b>3</b>	<b>RESULTADOS</b> ..... 49
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO</b> ..... 66
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> ..... 73
 <b>CAPÍTULO 3 – ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL: COMPREENDENDO AS BARREIRAS E OS FACILITADORES ATRAVÉS DO OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA</b>	
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> ..... 76

<b>2</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODO</b> .....	<b>77</b>
<b>2.1</b>	<b>Caracterização do estudo</b> .....	<b>77</b>
<b>2.2</b>	<b>Participantes</b> .....	<b>78</b>
<b>2.3</b>	<b>Instrumentos</b> .....	<b>79</b>
<b>2.4</b>	<b>Procedimentos de coleta</b> .....	<b>80</b>
<b>2.5</b>	<b>Análise de dados</b> .....	<b>81</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>84</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>106</b>
	<b>CAPÍTULO 4</b>	
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>108</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>113</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE A</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE B</b> – Questionário criado via plataforma <i>Google Forms</i> para coleta de dados a nível nacional .....	<b>125</b>
	<b>APÊNDICE C</b> – Roteiro para Entrevista Semiestruturada .....	<b>126</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>128</b>
	<b>ANEXO A</b> – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos – UEL .....	<b>128</b>
	<b>ANEXO B</b> - Questionário Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) (Associação Brasileira de Pesquisa – ABEP 2020) .....	<b>135</b>
	<b>ANEXO C</b> - Questionário Suporte Parental I – (Trost, <i>et al.</i> 2003) .....	<b>137</b>
	<b>ANEXO D</b> - Questionário Suporte Parental II – (Santos, <i>et al.</i> 2020) .....	<b>138</b>
	<b>ANEXO E</b> – Questionário Baecke de Atividade Física Habitual – (Baecke, <i>et al.</i> 1982). .....	<b>139</b>
	<b>ANEXO F</b> – Questionário Barreiras e Facilitadores para a prática de atividade física – (Seron; Arruda; Greguol, 2015) .....	<b>140</b>

**ANEXO G** – Autorização para coleta de dados em todos os polos  
do Projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro – CRPB ..... 141

---

## **CAPÍTULO 1**

### Introdução geral e estrutura da tese

---

## 1. Introdução

Segundo informação do Censo Demográfico do Brasil de 2022, entre as 198,3 milhões de pessoas com dois anos ou mais de idade no país, 14,4 milhões (ou 7,3%) eram pessoas com deficiência. O número de mulheres com deficiência (8,3 milhões) superava o de homens nessa condição (6,1 milhões). Enquanto apenas 2,2% da população de 2 a 14 anos tinham algum tipo de deficiência, na faixa dos 15 aos 59 anos esse percentual sobe para 5,4% e chega a 27,5% entre as pessoas com 70 anos ou mais (IBGE, 2022). Entre as deficiências apontadas, novamente, em consonância com outras edições do Censo, foi observada maior prevalência de problemas visuais, seguidos pelos motores e cognitivos. Dada a diversidade existente entre as regiões brasileiras, são observadas desigualdades sociais distintas entre pessoas com deficiência no que tange o acesso aos direitos fundamentais. Dessa forma, com a finalidade de melhor compreendermos o processo social no qual as PcD estão inseridas, torna-se pertinente relembrarmos alguns caminhos que o processo inclusivo já percorreu até os dias atuais.

Em 1948 foi publicada a Declaração dos Direitos Humanos, com o objetivo de garantir a igualdade de direitos a todos, independentemente de quaisquer condições que os indivíduos pudessem apresentar (Brasil, 2015; Seron *et al.* 2021). Com relação às práticas esportivas no Brasil, dez anos depois do marco supracitado, em 1958 foram fundados os primeiros clubes voltados ao atendimento/participação de pessoas com deficiência (Clube dos Paraplégicos em São Paulo e o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro). No cenário internacional, a década de 1980 teve grandes destaques no contexto da inclusão social das pessoas com deficiência entre as organizações políticas, visto que a temática passou a ser reconhecida como uma questão de direitos humanos (Oliveira Filho, *et al.* 2019). Recentemente, a deficiência obteve posição de destaque na Agenda para o Desenvolvimento Sustentável – 2030, uma vez que foram debatidas as temáticas relacionadas à educação, crescimento, ingresso no mercado de trabalho, igualdade e acessibilidade dos ambientes e instalações, a fim de garantir direitos fundamentais às pessoas com essa condição (Greguol, 2017).

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, em relação ao termo 'deficiência', afirma que este é um conceito que está em constante mudança e que engloba três importantes fatores para o seu desenvolvimento em nossa sociedade: os impedimentos, as barreiras e as restrições de participação dessas pessoas quando

comparadas com pessoas sem deficiência (Siqueira, 2019). Dessa forma, torna-se importante pautarmos as relevantes evoluções que a mudança deste conceito trouxe na perspectiva da inclusão social. O Modelo Social da Deficiência (1966) foi desenvolvido com o objetivo de evidenciar as potencialidades da Pessoa com Deficiência, visando entender a deficiência como uma condição e não como um problema, uma vez que o Modelo Médico até então utilizado reduzia as PcD às suas limitações (Diniz, 2012; França, 2013).

Elaborado pelo sociólogo e também pessoa com deficiência Paul Hunt, o Modelo Social postula que a dissociação de deficiência e doença é essencial para que a pessoa com deficiência seja vista como parte da sociedade, e não como um problema que precise ser reparado, tratado ou melhorado para, então, ser considerado “parte de um todo” (Piccolo, 2015). Nessa perspectiva, o Estatuto da Pessoa com Deficiência dá visibilidade ao Modelo Social Relacional (2015) e explica que o processo de habilitação e reabilitação social das pessoas com deficiência precisa ter como base uma ação multidisciplinar, que segundo o Art. 15 da Lei 13.146/2015 (Brasil, 2015) indica a adoção de medidas interdisciplinares que atuem com o objetivo de desenvolver suas aptidões físicas, mentais e sociais (Siqueira, 2019). Dessa forma, busca-se um desenvolvimento saudável, o qual incluiria a prática esportiva a fim de proporcionar à pessoa com deficiência meios para modificar de forma positiva a sua própria vida a partir do engajamento seguro em tais atividades (Greguol; Malagodi, 2019).

Ao encontro do exposto, a literatura acadêmica há alguns anos traz o consenso de que a prática esportiva é um ótimo ambiente de socialização e desenvolvimento para crianças e jovens, tanto com como sem deficiência (Pedrinelli; Verenguer, 2019). Estudos recentes abordam ainda que comportamentos saudáveis estão intimamente relacionados a bons níveis de percepção de competência motora em crianças com deficiência (Martínez; Matas; Fernández, 2022). De acordo com as autoras, ao perceber-se competente em determinada atividade, a criança tende a permanecer engajada esportivamente e, ao persistir na prática de atividades físicas, adquire de fato o domínio motor necessário para a realização otimizada dos movimentos requeridos.

Dessa forma, para que haja um bom desenvolvimento físico, psicológico e social de crianças com deficiência, estas não devem ser privadas do convívio social-coletivo com seus pares (Barros, *et al.* 2017; Seron, *et al.* 2021), sejam estes com ou

sem deficiência, uma vez que o contato social propicia variadas possibilidades de aprendizado. Além disso, os objetivos inerentes ao desenvolvimento infantil estão intimamente ligados ao convívio coletivo (Mantoan; Lanuti, 2022). Ainda, é um consenso na literatura vigente a relação positiva que o esporte possui para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades motoras da pessoa com deficiência, bem como as contribuições que a prática esportiva traz para a autonomia do indivíduo (Bianconi; Munster, 2023), ressaltando assim as possibilidades de transformação social que surgem a partir do engajamento esportivo (Rocha *et al.* 2021).

Ao voltarmos os olhares para o contexto paradesportivo, o Brasil vem se firmando como uma potência mundial, visto que, desde os Jogos Paralímpicos de Londres (2012), o país permanece entre os 10 mais bem colocados (Dos Santos *et al.* 2022). Na última edição dos Jogos Paralímpicos de Paris (2024), o Brasil alcançou um feito inédito e finalizou sua participação na 5ª posição no quadro de medalhas, ficando à frente de países que são considerados potências esportivas como Japão, Holanda e Itália, por exemplo (CPB, 2024). Embora o país em um momento de crescimento exponencial no cenário competitivo Paralímpico, no entanto, Cardoso (2016), ao investigar atletas de destaque nacional, verificou que o principal motivo relatado pelos participantes para o engajamento esportivo inicial ter acontecido somente na fase adulta foi a falta de oportunidades de acesso à prática.

Nessa perspectiva, ao identificar que grande parte dos atletas brasileiros de alto rendimento relatavam não ter contato algum com as modalidades paralímpicas em idade escolar, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) buscou, por meio do Projeto Centros de Referência Paralímpicos (CRPB), oportunizar o melhor desenvolvimento esportivo paralímpico a partir da implantação de Centros que fossem o berço de atividades para crianças e adolescentes com deficiência desde a iniciação ao alto rendimento de modalidades paralímpicas, corroborando assim com as iniciativas públicas e privadas que já vinham lutando para que o esporte adaptado fosse ensinado e disseminado entre crianças e adolescentes com deficiência em todo o país (CPB, 2022). A implantação dos Centros de Referência em todo o território nacional, além de ser vista como uma possibilidade de incentivo à prática esportiva paralímpica, traz também possibilidades para que haja a detecção de novos talentos paradesportivos (Rocha *et al.* 2021).

Desde a sua implantação em 2019, os Centros de Referência Paralímpicos, que iniciaram com 5 polos, contam hoje em 2025 com aproximadamente 80 unidades

espalhadas por todo o território nacional (CPB, 2025). Ainda, desde 2009 ocorre anualmente no Brasil um dos maiores eventos esportivos mundiais para crianças e adolescentes com deficiência: as Paralimpíadas Escolares. Em 2024, a iniciativa, idealizada e realizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), contou com a participação de mais de 2.000 atletas em idade escolar dos 26 Estados e do Distrito Federal, competindo em 13 modalidades esportivas. O número de participantes nessa edição foi descrito como recorde desde o seu ano de criação (CPB, 2025).

Apesar das iniciativas promissoras do CPB no que tange a iniciação das modalidades paralímpicas no país, sabe-se que infelizmente grande parte da população brasileira composta por jovens com deficiência ainda não tem acesso a práticas esportivas que promovam a sua iniciação em modalidades paralímpicas (PNS, 2021), propiciem a socialização ou que estejam de acordo com os requisitos mínimos para a prática inclusiva/adaptada (Biduski, *et al.* 2021). Nesse sentido, as barreiras comumente reladas por pessoas com deficiência que buscam praticar atividades físicas vão desde a falta de acessibilidade nos locais de prática, de equipamentos disponíveis e principalmente a falta de profissionais capacitados (Mckenzie; Willis; Shields, 2021; Palma; Patias; Feck, 2020; Verenova; Marova; Chmelik, 2022). Ainda, considera-se o convívio social um facilitador relatado de forma muito positiva, uma vez que o ambiente esportivo tem o poder de promover um convívio essencial para o desenvolvimento/ engajamento pessoal dos praticantes (Bacerra; Manzini; Martinez, 2019; Biduski, *et al.* 2021).

Em seu estudo, Frisina (2021) aponta que as barreiras e facilitadores percebidos pelos pais de crianças e adolescentes com deficiência estão em consonância com o que foi exposto anteriormente, mas afirma o quão importante seria o desenvolvimento de estudos que apontassem caminhos para que essas famílias pudessem buscar formas de transpor tais barreiras e propiciar ambientes saudáveis para o desenvolvimento de seus filhos. Isso é particularmente relevante uma vez que as famílias de crianças e adolescentes com deficiência precisam se adaptar e buscar soluções, constantemente e em diversos campos de vivência, para que seus filhos tenham condições pareadas de desenvolvimento (a depender do tipo de deficiência, por exemplo), quando comparadas aos seus pares sem deficiência (Oliveira; Gonçalves, 2024; Sur, *et al.* 2021).

Sabe-se também, que os contextos culturais e socioeconômicos nos quais estão inseridas essas famílias também afetam de forma direta no entendimento,

engajamento e direcionamento paradesportivo das crianças e adolescentes com deficiência (Ku; Jin, 2022). Nessa perspectiva, o suporte parental assume um papel crucial no seu desenvolvimento motor, cognitivo e social e, principalmente, no seu desenvolvimento esportivo (Ku, *et al.* 2020), sendo direcionado de maneira direta ou indireta à criança ou adolescente com deficiência. Esse suporte ocorre de maneira indireta quando ocorre a participação ativa dos pais junto aos filhos (modelagem), enquanto o suporte direto relaciona-se com o apoio dos pais para a prática esportiva do seu filho, incentivos verbais, transporte para a prática, dentre outras ações (Siebert; Hamma; Yuna, 2016; Trost, *et al.* 2003).

Não obstante os estudos apresentados apresentem consenso ao reafirmarem a importância do suporte parental para a prática de atividades físicas de crianças e adolescentes com deficiência, não foram encontrados dados que associem determinantes sociais e suas implicações para que haja o engajamento de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva, considerando as barreiras observadas em paralelo aos facilitadores percebidos. Assim, a presente pesquisa buscou compreender os determinantes sociais, o tipo de suporte parental, as barreiras e facilitadores percebidos e suas implicações para a inserção de crianças e adolescentes com deficiência em atividades voltadas à iniciação esportiva paralímpica em todo o território nacional, de modo a conceber as respostas necessárias para a seguinte questão problema: Quais os fatores sociais determinantes para que pais de crianças e adolescentes com deficiência insiram seus filhos em programas de iniciação esportiva paralímpica no Brasil?

### **1.1 Contextualização da temática**

Com o objetivo de trazer maior aprofundamento das temáticas que são a base do presente estudo, serão apresentados dois tópicos com aprofundamento teórico elucidativo, voltados ao Suporte Parental e às Barreiras e Facilitadores, ambos relacionando-se com o ponto central do estudo: crianças e adolescentes com deficiência e a prática esportiva.

### O Suporte Parental no contexto esportivo de crianças e adolescentes com deficiência

A família representa um sistema complexo de relações, o qual, a partir de diversas interações, divide-se em subsistemas que se atravessam e influenciam entre si, como a relação conjugal, as relações parentais, fraternais, entre outras (Silva; Dessen, 2014). Nesse contexto, as famílias de crianças e adolescentes com deficiência apresentam uma multiplicidade de valores que precisam ser interligados com o auxílio de diversos profissionais que passam a fazer parte da sua rotina a partir da descoberta da deficiência de um filho (Felizardo, 2009), como médicos, terapeutas, professores especializados, dentre outros. Nessa perspectiva, o Suporte Parental é uma teoria que olha diretamente para a importante fonte de apoio e direcionamento que crianças e jovens recebem de seus pais e responsáveis em relação a diversos aspectos importantes para o desenvolvimento durante a infância/ adolescência, como o engajamento esportivo por exemplo (Nascimento Junior, *et al.* 2017).

A literatura aponta que o encorajamento e as crenças provenientes da família podem ser fontes primárias de interferência na participação esportiva de crianças e adolescentes (Ku; Jin, 2022). Já as práticas educativas parentais seriam características que exercem total influência no desenvolvimento da criança, uma vez que as primeiras interações familiares são responsáveis pela aprendizagem dos comportamentos considerados socialmente competentes (Sur, *et al.* 2021). E é por meio das relações familiares que a criança passa a estabelecer padrões de comportamento, pois através de tais interações lhes são transmitidos valores que serão posteriormente internalizados em sua postura comportamental (Lewis; Dessen, 1986 *apud* Nakashima; Nascimento Junior; Vieira, 2012).

Padrões de comportamento que a família auxilia o indivíduo a construir irão se manifestar na execução das suas tarefas, pois a forma como ocorre a sua participação será influenciada pelas características de personalidade, pelos valores e interesses que se desenvolveram durante a sua educação (Martínez; Matas; Fernández, 2022). Esses aspectos também podem ser observados na participação da criança em determinadas modalidades esportivas, a qual pode sofrer influência parental desde o momento da escolha da atividade, já que em muitos casos há uma transferência de expectativas por parte dos pais (Siebert; Hamm; Yun, 2016). Dessa forma, a participação e o incentivo recebidos dos pais assumem real importância na prática esportiva dos filhos. Muitos estudos ao redor do mundo afirmam a importância do

incentivo dos pais à prática de atividades físicas e esportivas por crianças com deficiência e o quão significativo é o apoio recebido (Ku; Jin, 2022), a ponto de potencializar a experiência vivida pela criança que, ao tornar-se adulta, tende a escolher um estilo de vida ativo a partir das vivências positivas em relação à prática que teve na infância.

Desta forma, os comportamentos dos filhos seriam em parte moldados de acordo com o incentivo recebido pelos pais (apoio), e ainda pelos seus hábitos manifestados, que são observados e vivenciados nas situações rotineiras (modelo) (Lisboa, *et al.* 2018). Nesse sentido, esse suporte vindo dos pais pode acontecer de forma direta ou indireta na prática esportiva dos filhos (Siebert; Hamm; Yun, 2016; Trost, *et al.* 2003). Em seu estudo, Hong *et al.* (2020) destacam quatro tipos de suporte parental como fortes fatores de influência para a prática de atividade física e/ou esportiva por crianças e adolescentes, sendo eles o encorajamento (incentivo), o envolvimento (praticar junto), o apoio financeiro (contribuições/ aquisições materiais) e a modelagem (exemplo). Ainda segundo os autores, quanto maior o envolvimento direto e a prática de atividade física dos pais, maior a tendência de os filhos aderirem a um estilo de vida fisicamente ativo.

Dessa forma, pais que praticam atividade física regularmente podem vir a influenciar de maneira positiva seus filhos para um estilo de vida fisicamente ativo. Entende-se então que a influência parental é um dos fortes fatores associados à prática de atividade física e esportiva em crianças e adolescentes e que essa influência pode ocorrer tanto diretamente por meio de apoio e incentivo, quanto indiretamente por meio da modelagem de comportamento (Cheng; Mendonça; Farias Junior, 2014; Harrington; Jarvis; Manson, 2017; Shields; Synnot, 2016). Nessa perspectiva, torna-se relevante considerar que os pais, irmãos, técnicos, professores e amigos exercem influência sobre as escolhas das crianças e adolescentes acerca da prática ou não de atividades físicas (Payne; Isaacs, 2007).

Não obstante a relevância de um estilo de vida fisicamente ativo, há o entendimento de que é baixo o quantitativo de crianças e adolescentes com deficiência que têm a possibilidade de participar de atividades esportivas (Greguol, 2017). Um dos possíveis motivos para esta situação seria o fato de os pais destes jovens, a partir das funções e demandas geradas pela condição de seus filhos, possuírem muitos compromissos e dedicarem grande parte das suas agendas semanais aos cuidados requeridos (Silva; Dessen, 2014). Ainda, cientes de que tais

atividades geralmente acontecem no contraturno escolar, a depender da dinâmica, condição e estrutura familiar, a participação efetiva em atividades de iniciação esportiva pode ficar comprometida (Pereira-Silva; Dessen, 2006). Assim, para que os pais de crianças e adolescentes com deficiência adotem a postura de encorajar a participação contínua de seus filhos em atividades esportivas, torna-se necessária a implementação de intervenções, estratégias e políticas eficazes para promover a participação (Shields; Synnot, 2016).

Estudos apontam que ambientes familiares considerados inseguros, isto é, que não trazem uma estrutura familiar sólida para que crianças com deficiência se desenvolvam, são associados à desistência esportiva precoce (Qi; Cai; Meng, 2021). Dessa forma, a partir dos resultados do estudo, pode-se afirmar que o contrário também se faz verdadeiro, uma vez que ambientes que apoiam o engajamento esportivo de crianças com deficiência propiciam espaços para que as mesmas se desenvolvam de acordo com suas habilidades adquiridas. Assim, o envolvimento dos pais desencadearia comportamentos positivos na vida esportiva de seus filhos durante suas trajetórias, fazendo com que se sentissem competentes e seguros para realizar suas atividades (Nakashima; Nascimento Junior; Vieira, 2012). Tal fato refletiria de maneira direta na participação esportiva de crianças e adolescentes, uma vez que, ao se sentirem competentes, tendem a insistir apesar dos obstáculos que lhe são impostos durante a prática (Valentini *et al.* 2010).

Para a análise dos cenários parentais, algumas teorias (Parris, *et al.* 1980), modelos (Delvert, *et al.* 2022; Payne; Isaacs, 2007; Siebert; Hamm; Yun, 2016; Trost, *et al.* 2003) e diferentes questionários (Ku, *et al.* 2020; Ku; Jin, 2022; Nakashima; Nascimento Junior; Vieira, 2012; Sur, *et al.* 2021) vêm sendo utilizados para que o Suporte Parental seja amplamente estudado, dentro e fora do contexto da deficiência. Nesse sentido, conforme as referências citadas acima, foram encontrados diversos artigos que utilizaram diferentes instrumentos para tratar do suporte recebido dos pais para a prática esportiva de crianças e adolescentes. E para além dos instrumentos parametrizados, muitos estudos atuais se utilizam de entrevistas semiestruturadas para que possam entrar em contato direto com as famílias (Moura, *et al.* 2021; Oliveira; Gonçalves, 2024), na perspectiva de se aprofundarem em outras nuances do tema, buscando assim a compreensão de possibilidades de desenvolvimento saudável das relações parentais.

As relações familiares e as suas implicações para o desenvolvimento de

crianças e adolescentes é um tema com várias camadas e vem sendo investigado em diferentes países (James, *et al.* 2022; Joeng; Kim; Lee, 2015), sob diferentes perspectivas das relações familiares. Nesse contexto, o foco de investigação pode vir dos pais (Ku, *et al.* 2020; Sur, *et al.* 2021) ou mesmo de seus filhos (Mizoguchi, 2012; Nakashima; Nascimento Junior; Veira, 2012). Tantas possibilidades de investigação propiciam um melhor desenvolvimento da temática, enriquecendo dessa forma os debates acerca da temática tão necessária para o desenvolvimento esportivo na infância e adolescência, sobretudo entre aqueles que apresentem alguma deficiência.

### *Barreiras e Facilitadores para a prática de atividades físicas por pessoas com deficiência*

A presença de barreiras físicas e estruturais influenciam diretamente o bem-estar psicossocial e podem dificultar o desenvolvimento esportivo de uma pessoa com deficiência (Seron, *et al.* 2021). Já as barreiras atitudinais e sociais também merecem atenção profissional direcionada, uma vez que interferem de forma negativa no desenvolvimento de bons hábitos esportivos (Hilgenberg, 2019). Nesse sentido, o entendimento das barreiras existentes para a prática de atividades físicas e esportivas passa por diversos agentes envolvidos no processo, desde o próprio indivíduo até seus familiares e profissionais (médicos, professores, psicólogos, fisioterapeutas, dentre outros) (Wright, *et al.* 2018).

Dessa forma, o levantamento dos tipos de barreiras e facilitadores percebidos para a prática esportiva pode auxiliar na compreensão de quais fatores sociais e/ ou estruturais podem vir a colaborar com a inserção efetiva de crianças e adolescentes na prática esportiva. Greguol (2017), no Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil (PNUD), traz um compilado de dados sobre as principais barreiras percebidas para a prática de atividades físicas, sendo essas divididas em pessoais (dor, fadiga, percepção de que a atividade seja difícil, falta de conhecimento sobre as atividades), sociais (falta de apoio de amigos e familiares) e ambientais (falta de transporte, de equipamentos adequados, de profissionais capacitados, de acessibilidade arquitetônica e de recursos financeiros para a prática).

Estudos atuais apontam a importância da percepção dos pais em relação às barreiras ou facilitadores, pois, para que haja o engajamento esportivo de crianças e adolescentes com deficiência em programas de atividades físicas ou esportivas, seus tutores e responsáveis legais precisam se sentir seguros em relação a diversos fatores

(Ku; Jin, 2022; Sur, *et al.* 2021). Tais necessidades vão desde acessibilidade arquitetônica, atitudinal, metodológica e instrumental por parte dos profissionais que direcionarão as atividades em locais adequados (Antunes; Pinto, 2023), à segurança para a prática, pois muitos pais relatam ter medo de que seus filhos se arrisquem em determinadas atividades e, como consequência, adquiram algum tipo de trauma ou lesão (Wright, *et al.* 2018).

Partindo da compreensão de que a deficiência de uma criança pode gerar demandas diversas quando comparadas às demandas de uma criança sem deficiência, pode-se também supor que pais/ responsáveis nessa condição, a depender das demandas geradas pela deficiência apresentada pelos filhos, passam por dificuldades além daquelas já enfrentadas comumente por pais de crianças sem deficiência (Pereira-Silva; Dessen, 2006; Shields; Synnot, 2016; Sur, *et al.* 2021). Tais dificuldades vão desde o auxílio no seu crescimento, alimentação específica, gerenciamento do aprendizado do uso do banheiro corretamente, até outras questões que precisam sempre ser conciliadas com idas a terapias, visitas constantes a fisioterapeutas, fonoaudiólogos, dentre outras especialidades necessárias para o adequado desenvolvimento dessa criança (Nelsen; Foster; Raphael, 2019; Sunelaitis; Arruda; Marcom, 2007).

Nesse sentido, com o intuito de reduzir as barreiras e propiciar a percepção de facilitadores e benefícios advindos da prática esportiva, observou-se que a maior divulgação de informação para os pais sobre as possibilidades de desenvolvimento dos seus filhos através da prática esportiva é fundamental para a melhoria dos níveis de atividade física entre jovens com deficiência (Ku; Jin, 2022; Mckenzie; Willis; Shields, 2021). Tal estratégia é vista como condição básica para a massificação do acesso dessa população aos programas de iniciação esportiva, especialmente dentro do ambiente escolar (Munster, 2023), direito previsto na Constituição de 1988 (BRASIL, 2025).

Não obstante, é possível observar que mesmo dentro do ambiente escolar existem diversas barreiras impostas para prática de atividades físicas e esportivas por crianças com deficiência (Mantoan; Lanuti, 2022). A Educação Física, por muito tempo, foi vista na perspectiva de atividade corretiva ou mesmo como um espaço para seleção de talentos (o mais forte, mais rápido, mais ágil), onde aqueles que não se encaixavam nos padrões elencados não fariam parte do contexto de prática (Hallal; Melo, 2017). A partir da evolução/ substituição do Modelo Médico para o Modelo Social, da

instituição de leis, direcionamentos acadêmicos, dentre outros espaços, a pessoa com deficiência passou a ser vista como um ser individual, compreendida como a soma da sua condição mais as dificuldades do ambiente que impedem a sua inserção plena na sociedade (Diniz, 2012). Dessa forma, a pessoa deixa de ser percebida apenas pela sua limitação, pois esta passa a ser entendida como uma característica de possível adaptação e não mais como uma sentença de impossibilidades (Seron, *et al.* 2021), fato este que vem possibilitando o maior acesso e inclusão nas atividades desenvolvidas na Educação Física escolar.

O entendimento de que deficiência e saúde podem e devem coexistir em um plano de ensino é o que deve direcionar os esforços profissionais e essa prática deve ser adotada por aqueles que compreendem a área de atuação da Educação Física voltada aos indivíduos com deficiência (Munster; Bacciotti; Pereira, 2023). Apesar do entendimento de que o contexto escolar pode atuar na vida de uma criança ou adolescente com deficiência como um facilitador que acolhe suas diferenças, torna-se importante também o reconhecimento de muitos cenários em que a escola e os profissionais que nela atuam podem vir a se apresentar como barreiras praticamente intransponíveis pelo indivíduo ou mesmo pela sua família (Mantoan; Lanuti, 2022).

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência, 'considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas' (Siqueira, 2019). Nessa perspectiva, foram elencadas para o presente estudo quatro categorias de barreiras e facilitadores para a prática de atividades físicas e esportivas, baseadas no estudo de Seron, Arruda e Greguol (2015): ambientais, Sociais, Pessoais e Políticos. A categoria dos fatores pessoais foi dividida em pessoais dos pais e pessoais das crianças, objetivando ampliar a análise dos fatores relatados. Ressalta-se que a diminuição das barreiras enfrentadas e a potencialização dos facilitadores devem ser os objetivos das instituições e organizações esportivas que realizam o atendimento a pessoas com deficiência (Biduski, *et al.* 2021).

Entendem-se como barreiras ambientais a falta de segurança no ambiente e equipamentos adequados, dificuldades com os horários oferecidos, acessibilidade no local, transporte e condições climáticas. Dentre as barreiras citadas, a falta de acessibilidade dos locais públicos é tida como um ponto crucial para que pessoas com

deficiência possam utilizar os espaços para a prática das atividades. Assim, a falta de acesso a esses espaços constitui-se em barreira significativa que restringe e impede a participação e, conseqüentemente, o desenvolvimento das pessoas com deficiência nas atividades esportivas e de lazer (Santos; Pereira, 2022). Ressalta-se que as barreiras ligadas às condições de acessibilidade e transporte adequado para a prática esportiva (ônibus adaptados por exemplo) afetam não somente os indivíduos que desejam iniciar em modalidades esportivas, como também o treinamento de atletas que já estão ligados ao alto rendimento em modalidades paralímpicas (Vieira; Colere; Souza, 2021).

Estudos recentes também ressaltam a importância de um ambiente social seguro para que crianças e adolescentes com deficiência possam se desenvolver com segurança, despertando a curiosidade e fazendo com que as suas diferenças sejam colocadas de lado em seus processos de ensino (Mckenzie; Willis; Shields, 2021). Considera-se um ambiente social apropriado aquele que não realiza nenhum tipo de distinção durante as possibilidades de ensino, fazendo-se presente nas habilidades aprendidas pelo aluno, e não somente nas habilidades que ainda não foram aprendidas (Munster; Bacciotti; Pereira, 2023). Dessa forma, as atividades físicas e esportivas serão influenciadas de forma positiva pelo ambiente social que essa criança ou adolescente estiver frequentando, aumentando as chances da permanência na prática.

Ainda no aspecto social, Biduski *et al.* (2021) destacam a importância do apoio recebido da família e amigos, sendo a falta de companhia e/ou incentivo para a prática considerada uma barreira para pessoas com deficiência. Especificamente no que tange o profissional responsável por ministrar a prática esportiva por crianças e adolescentes com deficiência, algumas barreiras percebidas, tais como a falta de simpatia e conhecimento por parte do professor, são fatores que também podem impedir ou dificultar a permanência na prática. Nesse sentido, considera-se que este profissional deva criar conexões com os seus alunos com e sem deficiência, podendo desestimular um indivíduo que não se sinta contemplado com suas ações no processo de ensino de uma nova habilidade (Mantoan; Lanuti, 2022).

Já sobre as características individuais e sua contribuição para o desenvolvimento esportivo, entende-se como barreiras pessoais a falta de disposição e interesse para a prática esportiva oferecida, as limitações físicas advindas da deficiência, a indisponibilidade de tempo, a presença de dores e o desconforto com a

própria aparência. Nesse contexto, o desgaste físico percebido pelo praticante, a depender do seu tipo de deficiência, pode ser um fator crucial na continuidade da prática esportiva (Vieira; Colere; Souza, 2021). Assim, as barreiras pessoais são percebidas a partir de condições muito específicas, e o desconforto com a sua própria aparência ou a presença de dores, por exemplo, são barreiras que perpassam camadas íntimas e que carecem de acolhimento e informação por parte do profissional que estiver lidando com o indivíduo (Biduski, *et al.* 2021; Seron; Arruda; Greguol, 2015).

Quanto às barreiras pessoais dos pais, ao entendermos que crianças e adolescentes, a depender da sua faixa etária, dependem de maneira integral de seus cuidadores, estes, para além das suas demandas rotineiras, tendem a se sentir sobrecarregados devido às demandas relacionadas ao tipo de deficiência de seus filhos (Sur, *et al.* 2021; Synnot, 2016). Somado a essa sobrecarga, o contexto social da inserção dos filhos em ambientes voltados à prática esportiva pode suscitar receios relacionados às possíveis lesões e discriminações que seus filhos possam sofrer (Felizardo, 2009).

Por fim, quando falamos em acesso a atividades esportivas, torna-se necessário também pensarmos sobre as políticas públicas que garantam o acesso de pessoas com deficiência aos espaços e programas, a falta de divulgação de informações nos veículos de mídia e o custo financeiro inacessível, os quais se constituem em barreiras políticas. Por isso, pensando em reduzir tais barreiras, um dos objetivos específicos da Política Nacional de Promoção da Saúde é “contribuir para a adoção de práticas sociais e de saúde centradas na equidade, na participação e no controle social, visando reduzir as desigualdades sistemáticas, injustas e evitáveis, com respeito às diferenças [...] relacionadas às pessoas com deficiências e necessidades especiais” (BRASIL, 2010). Dessa forma, compreende-se a importância de promover discussões a respeito, levar pautas e necessidades ao poder público e às grandes mídias a fim de favorecer a inserção de pessoas com deficiência em ambientes sociais e esportivos (Vieira; Colere; Souza, 2021).

De forma geral, percebe-se que o entendimento das barreiras é importante para que se possa reconhecer quais são os fatores que limitam a evolução do atendimento a pessoas com deficiência no contexto esportivo. Da mesma forma, a compreensão dos facilitadores, ou seja, das ações e posturas que podem contribuir de forma direta para o avanço nas ações voltadas às PcD também se torna crucial em um processo

de desenvolvimento de programas e políticas que possam favorecer essa população (Biduski, *et al.* 2021). Nessa perspectiva, o presente estudo espera oferecer subsídios para a construção de políticas públicas voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes com deficiência em ambientes esportivos.

## 1.2 Justificativa

O entendimento das relações familiares e como as suas características, hábitos diários e formas de relacionamento social contribuem para o desenvolvimento de crianças e jovens com deficiência vem sendo amplamente discutido em diversas áreas como na Medicina (Frisina, 2021; Mckenzie; Willis; Shields, 2021), Psicologia (Oliveira; Gonçalves, 2024; Sur, *et al.* 2021), Terapia Ocupacional (Ferreira, *et al.* 2017) e Educação Física (Biduski, 2021; Ku, *et al.* 2020; Ku; Jin, 2022). Ao buscar estudos que investigassem os aspectos intervenientes para a prática esportiva de crianças e adolescentes com deficiência, foi identificada a escassez de pesquisas que trouxessem contextos possíveis de serem replicados no Brasil, uma vez que a literatura nacional não abrange as variáveis utilizadas no presente estudo, e que não foram localizados estudos que contemplassem todas as regiões do país no que diz respeito à prática de modalidades paralímpicas.

Dessa forma, conhecer os fatores sociais que podem contribuir para a inserção das crianças e adolescentes com deficiência em atividades esportivas no território nacional torna-se essencial (Frisina, 2021), visto que, a partir desse entendimento, espera-se contribuir para que políticas públicas tão necessárias para o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes com deficiência (Greguol, 2017) sejam criadas e implementadas de maneira assertiva, favorecendo assim a população do presente estudo. Destaca-se ainda a lacuna quanto à investigação dos determinantes sociais associados à percepção de barreiras e facilitadores a partir do perfil dos pais, bem como do suporte que os mesmos oferecem aos seus filhos com deficiência para a prática esportiva paralímpica.

A justificativa pessoal para a análise das variáveis citadas se deu pelo envolvimento direto da pesquisadora com a temática. Desde o período da graduação, a pesquisadora é envolvida em projetos dentro da Universidade relacionados à prática esportiva de crianças e adolescentes com deficiência e, atualmente, trabalha no Comitê Paralímpico Brasileiro e convive diariamente com o seu então 'objeto de

estudo'. Dessa forma, o entendimento de tais questões já elencadas torna-se o combustível para que as ações sigam sendo desenvolvidas de maneira assertiva, responsável e afetiva.

### **1.3 Objetivo Geral**

Verificar a associação entre os determinantes sociais, o suporte parental e as barreiras e facilitadores percebidos na inserção de crianças e adolescentes com deficiência na prática esportiva paralímpica no Brasil.

### **1.4 Objetivos Específicos**

#### Estudo 1

- Identificar as características sociais das famílias das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas no Brasil.
- Comparar os fatores socioeconômicos, o suporte parental, as barreiras e facilitadores percebidos, os níveis de atividade física habitual dos pais, os tipos de deficiências das crianças e adolescentes das diferentes regiões do Brasil que praticam modalidades paralímpicas.

#### Estudo 2

- Verificar o papel das barreiras e possíveis facilitadores percebidos para a participação de crianças e adolescentes com deficiência representantes das cinco regiões do Brasil na prática esportiva paralímpica.
- Compreender a associação entre o suporte parental, os determinantes sociais e as barreiras e facilitadores percebidos para a prática esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência no Brasil.

### **1.5 Hipóteses**

Diante das questões já elencadas, foram elaboradas as hipóteses conceituais do presente estudo, que serão retomadas no Capítulo 4, durante as considerações finais da tese.

- H1 - Pais de crianças e adolescentes com deficiência com maiores níveis de instrução participam mais efetivamente de atividades esportivas e influenciam positivamente o engajamento esportivo dos seus filhos.
- H2 – Os tipos de deficiência dos filhos são fatores decisivos em relação ao suporte parental oferecido para a prática de modalidades esportivas paralímpicas.
- H3 – Os fatores socioeconômicos são determinantes para que crianças e adolescentes com deficiência pratiquem modalidades esportivas paralímpicas.
- H4 – As diferentes barreiras socioeconômicas existentes nas regiões do Brasil influenciam diretamente a participação esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência.
- H5 – Pais que são adeptos à prática de atividades físicas tendem a incentivar a prática de modalidades esportivas paralímpicas de crianças e adolescentes com deficiência no Brasil.

## **1.6 Delimitações da Pesquisa**

A tese se delimita a partir de análises realizadas na perspectiva dos pais e mães das crianças e adolescentes com deficiência. O objetivo foi estabelecer uma relação direta com os sistemas parentais envolvidos no direcionamento esportivo de crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros em todas as regiões do país.

A fim de melhor responder os objetivos propostos, a tese apresenta dois estudos. O primeiro estudo possui delineamento quantitativo e tem como foco de investigação os instrumentos selecionados para a análise das variáveis relacionadas aos determinantes sociais, ao suporte parental, atividade física habitual dos pais e barreiras e facilitadores percebidos, com os dados obtidos por meio de questionários. O segundo estudo teve como delimitação as análises qualitativas. Nesse caso, os dados foram obtidos através de entrevista semiestruturada, que foi elaborada com o objetivo de melhor compreender as implicações observadas estatisticamente no primeiro estudo.

### **1.7 Limitações da Pesquisa**

Com o propósito de compreender os fatores que influenciam o engajamento esportivo de crianças e adolescentes com deficiência, a presente pesquisa limitou-se a analisar famílias de crianças e adolescentes com deficiência que estivessem vinculados ao Projeto do Comitê Paralímpico Brasileiro que possui polos em todo o Brasil – os Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros. Dessa forma, foi enfrentado como um fator limitante da pesquisa o contato remoto que foi feito com as famílias de outros Estados. Nesse sentido, embora o número de participantes seja elucidativo para responder os objetivos propostos, devido ao método de coleta de dados via Plataforma *Google Forms*, não foi possível atingir o número de questionários coletados pré-estabelecidos no início do Projeto de Tese.

### **1.8 Aspectos Éticos**

Em relação aos aspectos éticos, conforme consta na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que aprova as normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, este projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina e aprovado com parecer número 5.798.812 (Anexo A).

Ainda, de acordo com a resolução 466/12 do CNS, todos os participantes do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), no qual constam informações acerca do projeto, objetivos, benefícios, eventuais contraindicações e informações do pesquisador. Ainda, o participante que se sentisse desconfortável com a pesquisa, poderia não concluir a sua participação via resposta no formulário ou mesmo durante as entrevistas realizadas a qualquer momento sem nenhum impedimento ou restrição.

### **1.9 Definição de Termos**

A partir das delimitações elencadas para o contexto teórico da presente tese, encontram-se abaixo, a definição dos termos que serão abordados ao longo do trabalho, bem como as perspectivas de abordagem. Espera-se assim, contribuir com a experiência de leitura e entendimento acerca dos referenciais utilizados.

### **Determinantes Sociais**

Para o presente estudo, adotou-se a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), e entende-se como determinantes sociais as condições de vida às quais os indivíduos estão sujeitos durante toda a sua trajetória, desde seu nascimento, crescimento, ambientes de aprendizagem, lazer, trabalho, até seu envelhecimento. Dessa forma, os contextos sociais e culturais interferem diretamente nas condições de saúde dos sujeitos (Comissão de Determinantes Sociais da Saúde, 2008) e são mensurados nas pesquisas apresentadas a partir das seguintes variáveis: Ficha de identificação detalhada dos participantes; Nível econômico (ABEP); Níveis de atividades físicas habituais; Barreiras e facilitadores.

### **Suporte Parental**

Base teórica que olha diretamente para a importante fonte de apoio e direcionamento que crianças e jovens recebem de seus pais / tutores ou responsáveis legais em relação a diversos aspectos importantes para o desenvolvimento durante a infância/ adolescência (Nascimento Junior, *et al.* 2017).

### **Barreiras e Facilitadores**

A percepção de pessoas com deficiência sobre quais as barreiras e os possíveis facilitadores para a prática de atividades físicas são inerentes ao processo de iniciação esportiva em qualquer idade. As barreiras físicas/estruturais, pessoais, sociais ou políticas podem dificultar o desenvolvimento esportivo e influenciar diretamente na percepção de bem-estar psicossocial do indivíduo (Seron, *et al.* 2021).

### **Rede de Apoio**

Entende-se como 'rede de apoio' as relações constituídas junto à mãe e seu filho pela sua família, amigos, vizinhos, profissionais da saúde, dentre outros. No conceito, engloba-se a família nuclear (marido/companheiro e filhos) e a família extensa (outros familiares) como um suporte disponível a se recorrer durante o desenvolvimento do indivíduo recém-chegado à família (Alves, *et al.* 2022). Ao longo dos estudos, algumas mães relataram poder contar ou não com as suas 'redes de apoio', razão pela qual entendeu-se como necessária a definição do termo em questão.

## **Responsáveis**

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são considerados os responsáveis legais de uma criança ou adolescente: pais ou mães, tutores, guardadores ou entidades de atendimento formalmente nomeados (ECA, 2019). No presente estudo, os dados apresentados no Capítulo 2 foram obtidos a partir dos questionários preenchidos pelos pais e mães das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros. Assim como no Capítulo 3, as entrevistas foram realizadas com as mães dos alunos, de acordo com os critérios de inclusão elencados. Dessa forma, faz-se necessária a definição do termo em questão, uma vez que estudos que abordam relações parentais também se utilizam dessa expressão e podem ser mencionados ao longo do texto.

## **Iniciação Esportiva**

Para a utilização do termo 'iniciação esportiva' de forma segura, entende-se como necessária a ressalva de que este é um conceito universal, tratando-se de indivíduos com algum tipo de deficiência, ou não. A partir do que é ensinado nas escolas e clubes, o processo vai além de uma simples aprendizagem de rotinas (técnicas) e jogadas (táticas) restritas à aquisição de fundamentos básicos para que o praticante os desenvolva no contexto do jogo. Do mesmo modo, é o processo de aprendizagem a partir da sequência de conteúdos e metodologias que são apresentados ao indivíduo ao longo do tempo (Greco, 2012).

## **Esporte Paralímpico**

Constitui-se a partir de modalidades que se relacionam de forma direta com o programa paralímpico em nível nacional ou internacional, possuindo regras e regulamentações vindas de órgãos oficiais. Ainda, podem ser praticadas por pessoas com deficiência em diferentes contextos, tanto com foco na saúde, no lazer ou no alto rendimento esportivo (CPB, 2025).

## **Centro de Referência Paralímpico Brasileiro**

O Projeto 'Centro de Referência Paralímpico' é uma proposta desafiadora do Comitê Paralímpico Brasileiro e surgiu com o intuito de disseminar a prática esportiva no território nacional para crianças e adolescentes com deficiência em idade escolar,

inserindo profissionais capacitados para desenvolver o Projeto na realidade das regiões em que estiverem inseridos (CPB, 2022). As modalidades paralímpicas desenvolvidas em cada Centro de Referência variam muito devido à localidade de inserção, bem como em relação aos recursos disponíveis, mas todos atendem crianças e adolescentes em idade escolar (08 a 17 anos) com deficiências motoras, visuais e intelectuais (CPB, 2025).

### 1.10 Estrutura da Tese

A tese está estruturada no Modelo Escandinavo, cujo formato baseia-se na apresentação dos resultados dos estudos realizados por meio de artigos independentes. Dessa forma, o quadro abaixo foi elaborado com o objetivo de organizar de forma mais clara o presente documento, bem como propiciar uma melhor experiência de leitura. A presente tese caracteriza-se como uma pesquisa mista, pois utilizará abordagens e métodos quantitativos e qualitativos, sendo conduzida de forma sequencial em relação aos estudos realizados. De acordo com Johnson e Christensen (2008), esse tipo de pesquisa agrupa os diferentes pontos fortes e fraquezas de ambos os métodos, enriquecendo a qualidade da investigação.

**Quadro 1-** Estrutura da tese organizada conforme os capítulos dos estudos apresentados de forma independente.

<b>Capítulo 1</b>	<b>Introdução geral e apresentação dos tópicos que constituem a estrutura da tese.</b> Apresentação da contextualização da temática, justificativa, objetivo geral, objetivo específico, hipóteses, delimitações e limitações da pesquisa
<b>Capítulo 2</b>	<b>Estudo 1 – Abordagem quantitativa.</b> Determinantes sociais associados à prática esportiva paralímpica em diferentes regiões do Brasil
<b>Capítulo 3</b>	<b>Estudo 2 – Abordagem qualitativa.</b> Esporte paralímpico no Brasil: compreendendo as barreiras e os facilitadores através do olhar de mães de crianças e adolescentes com deficiência
<b>Capítulo 4</b>	<b>Considerações finais</b> Conclusões gerais da tese

Fonte: a autora.

O Capítulo 1 contempla a contextualização geral da tese apresentada. O Capítulo 2 refere-se ao Estudo 1, que foi desenvolvido sob a perspectiva da abordagem quantitativa, a partir dos dados coletados por meio de questionários já validados para o contexto brasileiro e aplicados em polos do Projeto Centro de Referência, que se voluntariaram em participar da pesquisa desenvolvida de forma remota (online). O Capítulo 3 é constituído pelo segundo estudo realizado com abordagem qualitativa, uma vez que os dados coletados são fruto das entrevistas realizadas com as mães das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, convidadas a participar de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. Por fim, o capítulo 4 apresenta as conclusões gerais da tese, suas implicações práticas, bem como sugestões para futuras pesquisas na área. Cabe ressaltar que, em ambos os artigos, os resultados foram apresentados em sua totalidade, de modo a facilitar a compreensão das análises realizadas. No entanto, para o encaminhamento das futuras publicações, os resultados serão sintetizados de acordo com as normas impostas pelas revistas selecionadas. As referências utilizadas no desenvolvimento da tese estão agrupadas por ordem alfabética, segundo as normas da ABNT, em uma sessão que antecede a apresentação dos Apêndices e Anexos.

---

## **CAPÍTULO 2**

Determinantes sociais associados à prática esportiva paralímpica  
em diferentes regiões do Brasil

---

## Determinantes sociais associados à prática esportiva paralímpica em diferentes regiões do Brasil

### RESUMO

A democratização da prática esportiva paralímpica por crianças e adolescentes com deficiência representa um desafio para um país tão diverso e vasto como o Brasil. Considerando que a prática esportiva é um ótimo ambiente de socialização e desenvolvimento para crianças e jovens com deficiência, o programa de iniciação esportiva intitulado 'Centro de Referência Paralímpico Brasileiro' (CRPB) foi criado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro com o objetivo de oportunizar a prática de modalidades paralímpicas com polos por todo Brasil. Assim, o presente estudo objetivou identificar e comparar os determinantes sociais associados à prática esportiva em diferentes regiões do Brasil. Foram convidados a participar do estudo pais de crianças e adolescentes com deficiência que praticam modalidades paralímpicas oferecidas pelos CRPB. Participaram do estudo 318 pais, vindos de 17 polos do Programa, representantes das 5 regiões do Brasil. Foi aplicado um questionário que incluiu informações sociodemográficas, percepção de barreiras e facilitadores, prática de atividade física dos pais e suporte parental. As análises dos dados foram realizadas no programa de linguagem estatística *R Studio*. Para a caracterização dos participantes foi utilizada estatística descritiva (frequência simples e relativa), Média ( $\bar{X}$ ) e Desvio-Padrão (DP). Também foram utilizados testes de comparação e correlação entre os dados coletados adotando-se  $p \leq 0,05$ . Os resultados indicaram que os pais das crianças e adolescentes com deficiência apresentam níveis moderados de Suporte Parental ( $M_d=16,20$ ) voltado à prática esportiva, principalmente através do incentivo verbal, com maiores médias apresentadas na região norte ( $M=19,87$ ), famílias classificadas economicamente como D/E ( $M=17,09$ ) e entre as famílias com filhos que possuem deficiência física ( $M=16,54$ ). Em relação às barreiras percebidas para a prática esportiva, os resultados evidenciaram que as 'Dificuldades com o transporte' (28,3%), o 'Medo que seu filho seja discriminado ou se frustrar' (30,2%) e a 'Falta de políticas públicas' (37,7%) estiveram entre as principais categorias, sendo verificadas semelhanças entre as cinco regiões do Brasil. Como principais facilitadores percebidos, estiveram a 'Preocupação com a saúde do(a) filho(a)' (43,1%), 'Custo financeiro acessível' (35,8%) e 'Conhecimento do Professor' (33,3%). Conclui-se que, mesmo não praticando atividades físicas, as famílias das crianças e adolescentes com deficiência reconhecem sua importância e que, mesmo com as barreiras existentes para a prática, seguem incentivando a continuidade da prática esportiva paralímpica de seus filhos.

**Palavras-chave:** Deficiência; Jovens com deficiência; Modalidades Paralímpicas; Suporte Parental; Barreiras e Facilitadores.

## 1. INTRODUÇÃO

Dados do Censo Demográfico de 2022 dão conta que 2,2% dos brasileiros dos 2 aos 14 anos apresentam algum tipo de deficiência (IBGE, 2022). Apesar dos avanços recentes no que tange o acesso às garantias fundamentais, sabe-se que uma parcela significativa dessa população ainda encontra grandes dificuldades de participação social (Pedrinelli; Verenguer, 2019). Entre as oportunidades de participação a serem massificadas, a prática esportiva por crianças e adolescente com deficiência ainda representa um desafio no que diz respeito à democratização nas diversas regiões brasileiras (Bianconi; Munster, 2023).

A literatura há alguns anos traz o consenso de que a prática esportiva é um ótimo ambiente de socialização e desenvolvimento para crianças e jovens com deficiência, sendo um caminho possível para a sua inclusão social (Biduski, *et al.* 2021; Rocha, *et al.* 2021). É ressaltado ainda que comportamentos saudáveis estão intimamente relacionados a bons níveis de percepção de competência motora em crianças com deficiência e que aquelas que conseguem acesso à prática de forma precoce tenderão a permanecer fisicamente ativas ao longo da vida (Martínez; Matas; Fernández, 2022). No entanto, embora sejam diversos os potenciais benefícios destacados, a porcentagem de crianças e adolescentes com deficiência que conseguem ter acesso a uma prática esportiva regular ainda é modesta, o que aponta para uma necessidade iminente de se compreender os fatores que podem dificultar ou facilitar essa experiência (PNS, 2021).

Uma ampla gama de condições ambientais, pessoais ou sociais podem ser consideradas como barreiras que dificultam ou impedem o ingresso de crianças e adolescentes com deficiência aos programas de iniciação esportiva. Por outro lado, outros agentes podem exercer uma influência diversa, atuando positivamente tanto no acesso como na permanência em ambientes de prática esportiva (Mckenzie; Willis; Shields, 2021; Palma; Patias; Feck, 2020; Verenova; Marova; Chmelik, 2022). Cabe ressaltar que tanto as barreiras como os facilitadores podem variar de forma significativa a depender dos contextos regionais e socioeconômicos nos quais as famílias estão inseridas (Sur, *et al.* 2021).

Sabe-se que o contexto cultural e social das famílias afeta de forma direta no entendimento, engajamento e direcionamento paradesportivo das crianças e adolescentes com deficiência (Ku; Jin, 2022). Nessa perspectiva, o suporte parental assume um papel crucial no seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e,

principalmente, no seu desenvolvimento esportivo (Ku, *et al.* 2020), sendo esse apoio direcionado de maneira direta ou indireta à criança ou adolescente com deficiência. Esse suporte ocorre de maneira indireta quando da participação ativa dos pais junto aos filhos, enquanto o suporte direto relaciona-se com o apoio dos pais para a prática esportiva do seu filho, transporte, incentivos verbais, dentre outras ações (Siebert; Hamma; Yuna, 2016; Trost, *et al.* 2003).

Nessa perspectiva, em uma tentativa de ampliar o acesso e disseminar a iniciação às modalidades paralímpicas em todo o território nacional, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) buscou, por meio do Projeto Centros de Referência Paralímpicos (CRPB), oportunizar o melhor desenvolvimento esportivo paralímpico a partir da implantação de Centros que fossem o berço de modalidades paralímpicas desde a iniciação ao alto rendimento, corroborando assim com as iniciativas públicas e privadas que já vinham lutando para que o esporte para pessoas com deficiência fosse ensinado e disseminado entre crianças e adolescentes em todo o país (CPB, 2022). Ainda assim, mesmo com o impacto positivo dessa iniciativa, sabe-se que uma parcela expressiva de jovens com deficiência encontra desafios para se engajar em tais atividades, fato este agravado pelas diversas barreiras existentes para o acesso a práticas inclusivas nas escolas, clubes e outros centros de formação esportiva (Biduski, *et al.* 2021; PNS, 2021).

Tal fato reforça a necessidade da compreensão dos determinantes sociais que podem ser associados ao acesso à prática paradesportiva entre crianças e adolescentes. Dessa forma, o presente estudo buscou identificar as características sociais das famílias das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros e, a partir do reconhecimento das informações obtidas, as barreiras, facilitadores e suporte parental percebidos de acordo com o nível socioeconômico, atividade física habitual dos pais, tipos de deficiências das crianças e adolescentes e regiões do Brasil. Nesse sentido, buscaram-se subsídios para responder à pergunta: Quais os fatores sociais determinantes para que pais e responsáveis de crianças e adolescentes com deficiência insiram seus filhos na prática esportiva paralímpica nas diferentes regiões brasileiras?

## **2. MATERIAIS E MÉTODO**

### **2.1 Caracterização do estudo**

Os dados coletados foram organizados de forma quantitativa descritiva, objetivando observar, registrar, analisar e correlacionar os fenômenos sem a influência da pesquisadora (Gaya, 2016). Para isso, utilizou-se o método exploratório (*survey*) na abordagem quantitativa, por meio da aplicação de questionários.

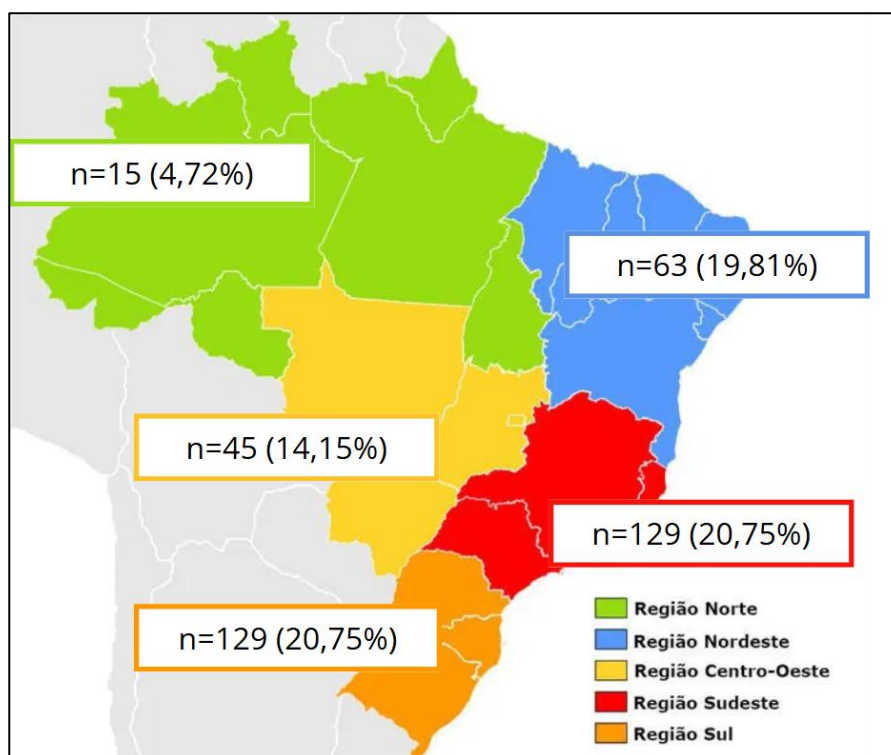
### **2.2 Participantes**

A população do estudo foi composta pais e responsáveis de crianças e adolescentes que participam das atividades oferecidas pelo Projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro, que estão presentes em 12 Estados do território nacional, representantes das cinco regiões do país: Norte (Amazonas, Roraima e Tocantins), Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso,), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e região Sul (Santa Catarina). No início do desenvolvimento da pesquisa (abril/2023), havia 34 polos do projeto implantados, e segundo a Coordenação geral do Projeto, todos juntos, somavam aproximadamente 1.750 alunos.

Com base nos critérios de inclusão no estudo, a população consistiu em 780 alunos aptos em participar do estudo. Os critérios elencados foram: ser um polo do projeto Centro de Referência Paralímpico com ao menos 6 meses de implantação, que o aluno do CRPB também tivesse ao menos 6 meses de participação na atividade em questão; que a idade da criança/ adolescente estivesse dentro da faixa etária dos 08 aos 17 anos, e que o participante (pais ou responsáveis legais da criança ou adolescente que participa das atividades de iniciação esportiva) iniciasse sua contribuição na pesquisa após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A).

A partir dos critérios de exclusão elencados: preenchimento incorreto dos instrumentos, abandono das atividades esportivas praticadas pelas crianças e adolescentes, foram convidados a participar do estudo 22 polos, sendo efetivada na amostragem final do estudo a participação de 17 polos, representantes das 5 regiões do Brasil. Participaram do estudo, 318 pais e responsáveis de crianças e adolescentes que participam das atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, o que representa um total de 40,7% da amostra total elencada. A distribuição dos participantes por região do Brasil está descrita na figura abaixo:

**Figura 1** – Número de participantes do estudo de acordo com as regiões do Brasil.



Fonte: a autora.

### 2.3 Instrumentos

Com o objetivo de sanar os questionamentos do presente estudo, bem como testar as hipóteses estipuladas foram utilizados, além da ficha de identificação dos participantes, foram utilizados questionários já validados para a língua portuguesa a respeito do Nível Econômico, Nível de Suporte Parental, Atividade Física Habitual dos pais e Barreiras e Facilitadores percebidos pelos pais para a prática de atividade física dos filhos.

#### Nível Econômico

O questionário Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) (Anexo B), desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), que esteve em vigor a partir de 2020 foi utilizado com o objetivo de identificar o nível econômico e educacional das famílias das crianças e adolescentes com deficiência participantes do estudo. Neste instrumento, para cada bem que a família possui, é gerada uma pontuação, e cada classe econômica é definida pela soma dessa pontuação. O questionário também avalia o grau de instrução do chefe da família para

classificar os indivíduos. O sistema de pontos para a pesquisa, segundo o 'critério Brasil' é dividido em 5 classificações através de uma pergunta matriz. Mediante as pontuações computadas em cada um dos itens considerados, foi definida a classe econômica familiar e categorizada da menor (classe D/E) para a maior (classe A). As classes A1 e A2 foram agrupadas genericamente como A, assim como as classes B1 e B2 em B e C1 e C2 em C, tendo as classes D e E analisadas em um único grupo.

### **Suporte Parental I - (Trost, *et al.* 2003)**

O nível de Suporte Parental dos pais das crianças e adolescentes com deficiência participantes do estudo foi avaliado por meio da escala validada por Trost *et al.* (2003) (Anexo C). Esta escala contém cinco questões que analisam a frequência semanal com que os pais apoiaram a prática de atividade física de seus filhos, bem como a importância atribuída à prática. A escala avaliativa do instrumento tem uma amplitude de 5 a 25 pontos, sendo que o menor número indica menor suporte parental percebido enquanto as maiores pontuações indicam maior suporte percebido, respectivamente.

### **Suporte Parental II - (Santos, *et al.* 2020)**

Com o objetivo de melhor compreender os caminhos e influências que o suporte recebido dos pais têm no desenvolvimento esportivo das crianças e adolescentes com deficiência, foi utilizado um recorte do questionário elaborado por Santos, *et al.* (2020) (Anexo D). O questionário completo possui 21 itens, sendo dividido nas dimensões 'Escola' e 'Família'. Para o presente estudo, foram utilizados apenas 7 itens da categoria 'família', adaptados em sua forma de escrita para a perspectiva de suporte oferecido pelos pais, população alvo do estudo. O questionário original estará na sessão 'anexos', já o questionário adaptado e utilizado estará na sessão 'apêndices', em um *link* clicável com o formulário desenvolvido para a pesquisa.

### **Atividade Física Habitual - (Baecke, *et al.* 1982)**

O Questionário Baecke de Atividade Física Habitual (Anexo E) foi selecionado para avaliar o nível de atividade física habitual dos pais e responsáveis das crianças e adolescentes com deficiência. O mesmo já foi traduzido e adaptado para a língua portuguesa por Florindo *et al.* (2003). Este questionário possui 16 questões em uma

escala tipo *Likert* de 1 a 5, envolvendo três escores relacionados aos 12 meses precedentes: (1) atividade física ocupacional, consistindo de oito questões; (2) esportes/exercícios físicos no lazer, consistindo de quatro questões, e (3) atividades de lazer e de locomoção, consistindo de quatro questões. O escore total para a atividade física habitual é obtido somando-se Atividade Física Ocupacional (AFO) + Esportes/Exercícios Físicos no Lazer (EFL)+ Atividades de Lazer e de Locomoção (ALL).

### **Barreiras e Facilitadores** – (Seron; Arruda; Greguol, 2015)

Para avaliar as barreiras e facilitadores percebidos para a prática de atividade física foi utilizado um instrumento adaptado a partir do estudo supracitado (Anexo F), no qual os pais e responsáveis das crianças e adolescentes com deficiência indicavam em cada caso apresentado o quanto cada fator descrito 'atrapalhava', 'ajudava' ou 'não interferia' na prática de atividade física dos seus filhos, a partir da sua percepção. O questionário possui os seguintes indicadores de barreiras e facilitadores: fatores pessoais, sociais, ambientais e políticos, sendo cada um dos itens abordados em categorias específicas. Para melhor organização e aprofundamento da temática, os indicadores das barreiras e facilitadores foram reorganizados em 5 categorias, sendo elas: Ambientais, Sociais, Pessoais (dos alunos na perspectiva dos pais), Pessoais dos Pais e Políticas, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 2** – Organização das categorias de análise do questionário de Barreiras e Facilitadores utilizado no estudo.

<b>BARREIRAS</b>	<b>FACILITADORES</b>
<b>Barreiras Ambientais (7)</b>	<b>Facilitadores Ambientais (7)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de Segurança no ambiente</li> <li>• Falta de equipamentos/materiais específicos para a prática</li> <li>• Horário inadequado das atividades</li> <li>• Falta de acessibilidade arquitetônica</li> <li>• Dificuldades com o transporte</li> <li>• Espaço disponível inadequado para a atividade</li> <li>• Condições climáticas inadequadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sensação de segurança no ambiente</li> <li>✓ Disponibilidade de equipamentos/materiais específicos para a prática</li> <li>✓ Horário adequado das atividades</li> <li>✓ Acessibilidade arquitetônica</li> <li>✓ Transporte acessível</li> <li>✓ Espaço disponível adequado para a atividade</li> <li>✓ Condições climáticas adequadas</li> </ul>
<b>Barreiras Sociais (5)</b>	<b>Facilitadores Sociais (5)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de apoio dos amigos</li> <li>• Falta de simpatia do professor</li> <li>• Falta de conhecimento do professor</li> <li>• Falta de apoio da família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Apoio dos amigos</li> <li>✓ Simpatia do professor</li> <li>✓ Conhecimento do professor</li> <li>✓ Apoio da família</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de companhia para a prática</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Companhia para a prática</li> </ul>
<b>Barreiras Pessoais (11)</b>	<b>Facilitadores Pessoais (7)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de disposição pessoal</li> <li>• Limitações físicas</li> <li>• Cansaço físico</li> <li>• Falta de habilidades físicas</li> <li>• Falta de interesse pessoal</li> <li>• Falta de Conhecimento próprio ou orientação sobre atividade física/esportiva</li> <li>• Mal humor</li> <li>• Presença de dores</li> <li>• Medo de se machucar</li> <li>• Falta de tempo</li> <li>• Desconforto com a própria aparência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Boa disposição pessoal/humor</li> <li>✓ Boa percepção das habilidades físicas</li> <li>✓ Interesse pessoal</li> <li>✓ Conhecimento próprio ou orientação sobre atividade física/esportiva</li> <li>✓ Preocupação com a saúde</li> <li>✓ Tempo disponível</li> <li>✓ Preocupação com a própria aparência</li> </ul>
<b>Barreiras Pessoais dos Pais (5)</b>	<b>Facilitadores Pessoais dos Pais (3)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cansaço físico</li> <li>• Limitações físicas ou comorbidades</li> <li>• Falta de Conhecimento próprio ou orientação sobre atividade física/esportiva</li> <li>• Medo que seu filho se machuque</li> <li>• Medo que seu filho seja discriminado e/ou se frustrar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Conhecimento sobre a importância da prática de atividade física/esportiva</li> <li>✓ Preocupação com a saúde do meu filho</li> <li>✓ Interesse pelo esporte</li> </ul>
<b>Barreiras Políticas (4)</b>	<b>Facilitadores Políticos (4)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de divulgação de informações</li> <li>• Elevado custo financeiro</li> <li>• Inexistência de programas específicos</li> <li>• Falta de políticas públicas que garantam o acesso à prática de programas de atividades físicas/esportivas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Divulgação de informações</li> <li>✓ Custo financeiro acessível</li> <li>✓ Existência de programas específicos</li> <li>✓ Presença de políticas públicas que garantam o acesso à prática de programas de atividades físicas/esportivas</li> </ul>

Fonte: a autora.

## 2.4 Procedimentos de Coleta

A partir da aprovação no Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Londrina sob o parecer nº5.868.340 (Anexo A), foi realizado contato com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) para a obtenção da autorização para coleta de dados junto aos polos do Projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro – CRPB (Anexo G). Uma vez que os Centros de Referência estão distribuídos pelo território nacional, a coleta de dados foi realizada de forma online, ocorrendo em todos os Estados em que o Projeto estivesse inserido, de acordo com os critérios de inclusão já citados.

A coleta de dados em cada polo do projeto ocorreu após contato prévio com os

coordenadores locais, que foram instruídos pela pesquisadora sobre os objetivos da pesquisa, importância da participação/ colaboração, bem como sobre os critérios estabelecidos para a indicação dos participantes. Mediante contato com os responsáveis de cada polo, as famílias recebiam o *link* desenvolvido via Plataforma *Google Forms*, o qual continha: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ficha de identificação e questionários elencados para o estudo, disponível para apreciação da banca em um link clicável (Apêndice B).

## 2.5 Análise de dados

As análises dos dados foram realizadas no programa de linguagem estatística *R Studio*. Para a apresentação das características sociodemográficas dos pais das crianças e adolescentes participantes, bem como das características sociodemográficas das crianças e adolescentes inseridos nas atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, foi utilizada estatística descritiva (média, desvio-padrão e distribuição de frequência). Todas as análises foram realizadas utilizando Linguagem R para *software* de computação estatística (TEAM RC, 2014), assim como para a apresentação das questões utilizadas do questionário de Suporte Parental - II, das Barreiras e Facilitadores percebidos.

Para os testes de comparação dos questionários de Atividade Física Habitual (Baecke) e Suporte Parental (Trost) quanto à região e nível econômico dos participantes, utilizou-se o Teste *Anova one-way* com *post-hoc* de *Turkey*. Para isso, os pressupostos de normalidade, utilizando-se o teste *Shapiro-Wilk* e de homogeneidade das variâncias, por meio do teste de *Bartlett*, foram atendidos. Além disso, utilizou-se o teste de correlação de Pearson para verificar o grau de associação entre as variáveis, adotando-se  $p \leq 0,05$  para todas as análises.

## 3. RESULTADOS

Com o propósito de melhor responder aos objetivos elencados para o presente estudo, os resultados serão apresentados na seguinte ordem: caracterização dos participantes do estudo (pais e responsáveis e seus filhos, alunos dos Centros de Referência); classificação do nível econômico dos participantes; identificação e comparações relacionando os níveis de suporte parental e a atividade física habitual dos pais; identificação das barreiras e facilitadores percebidos pelos pais para a prática de atividade física dos filhos de maneira geral (nacional) e por região, bem

como a comparação das principais barreiras e facilitadores percebidos segundo as regiões do Brasil.

As características sociodemográficas dos pais e responsáveis de crianças e adolescentes que participam das atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros estão apresentadas na Tabela 1. Verificou-se a predominância do gênero feminino (91,2%) nas respostas dos questionários enviados aos pais e responsáveis dos alunos, sendo com maior prevalência (44,7%) de participantes entre 41 e 50 anos, casadas (57,9%) e com o ensino médio completo (39,7%). Quando questionados sobre o trabalho, a maioria das respostas foi 'não' (55,6%) e, quanto ao tipo de ocupação, em sua maioria os participantes dedicam-se a cuidar da casa e dos filhos (51,2%). Quanto à prática de atividades físicas, grande parte da população investigada afirmou praticar atividades (46,9%) das mais variadas de duas a três vezes por semana.

**Tabela 1** – Descrição das características sociodemográficas dos pais das crianças e adolescentes que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros participantes do estudo (n=318).

		<b>Frequência absoluta (n)</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
<b>Gênero</b>	Feminino	290	91,2
	Masculino	28	8,8
<b>Idade</b>	Até 30 anos	12	3,8
	31 a 40 anos	90	28,3
	41 a 50 anos	142	44,7
	Acima de 51 anos	74	23,3
<b>Estado Civil</b>	Solteiro(a)	107	33,6
	Casado(a)	184	57,9
	Divorciado(a)	27	8,5
<b>Escolaridade</b>	Analfabeto(a)	1	0,3
	Fundamental Incompleto	30	9,4
	Fundamental Completo	14	4,4
	Médio Incompleto	24	7,5
	Médio Completo	126	39,7
	Superior Incompleto	28	8,9
	Superior Completo	42	13,2
	Pós-graduação Incompleta	8	2,5
	Pós-graduação Completa	45	14,1
<b>Trabalho</b>	Sim	141	44,3
	Não	177	55,6

<b>Tipo de ocupação</b>		
Autônomo(a)	85	26,7
Carteira Registrada (CLT)	26	8,2
Servidor(a) Público(a)	44	13,9
Cuida da casa e do(s) filho(s)	163	51,2
<b>Quantidade de filhos</b>		
1	92	28,9
2	136	42,8
3	61	19,2
4 ou mais	29	9,1
<b>Prática de Atividade Física</b>		
Sim	149	46,9
Não	169	53,1
<b>Tipo de Atividade Física (n=149)</b>		
Exercícios resistidos	42	13,4
Corrida/ Caminhada	36	11,3
Exercícios de Alongamento	14	4,4
Modalidades coletivas	9	2,9
Atividades aquáticas	5	1,4
Pratica mais de uma atividade	35	11,0
Não informou a atividade	8	2,5
<b>Quantidade de vezes por semana (n=149)</b>		
1x	9	2,9
2x	37	11,6
3x	37	11,6
4x	16	5,0
5x	41	12,9
6x	7	2,2
7x	2	0,7

**Fonte:** a autora.

Para que os resultados e discussões estejam alinhados com a população do presente estudo, entendeu-se como necessária a descrição das características sociodemográficas dos alunos (Tabela 2), que de forma indireta foram objeto de investigação. Observou-se a predominância de alunos do gênero masculino (68,2%), com idades dos 11 aos 14 anos (39%). Quanto aos tipos de deficiência, foram criadas 5 categorias: Física (42,1%), Visual (9,8%), Intelectual (27,7%), TEA - Transtorno do Espectro Autista (15,1%) e Múltipla (5,3%). Tais categorias foram criadas a partir dos dados coletados pois, dadas as respostas obtidas, verificou-se a necessidade de identificar separadamente os alunos com TEA, uma vez que os mesmos em sua maioria ainda não participam de competições oficiais devido à inexistência, até o presente momento, de uma Classe Funcional que os represente.

Cada Centro de Referência tem a liberdade para oferecer a prática de diferentes modalidades paralímpicas, de acordo com a realidade do local onde o projeto está inserido. Dentre os participantes do estudo, foram identificadas 3 modalidades predominantes: Natação (31,4%), Atletismo (25,5%) e Halterofilismo (13,9%), para além das demais modalidades que foram apontadas (14,1%). Observou-se também que alguns alunos praticam mais de uma modalidade (15,1%) e que tempo médio de participação no projeto para a maioria dos participantes foi reportado como 'até os 2 anos' (44,7%).

**Tabela 2** – Descrição das características sociodemográficas das crianças e adolescentes que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros participantes do estudo (n=318).

		<b>Frequência absoluta (n)</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
<b>Gênero</b>			
	Feminino	101	31,8
	Masculino	217	68,2
<b>Idade</b>			
	7 a 10 anos	88	27,7
	11 a 14 anos	124	39,0
	15 a 18 anos	93	29,2
	Acima de 19 anos	13	4,1
<b>Deficiência</b>			
	Física	134	42,1
	Visual	31	9,8
	Intelectual	88	27,7
	TEA	48	15,1
	Múltipla	17	5,3
<b>Modalidade</b>			
	Natação	100	31,4
	Atletismo	81	25,5
	Halterofilismo	44	13,9
	Pratica mais de uma atividade	48	15,1
	Outros	45	14,1
<b>Tempo de prática</b>			
	Até 6 meses	105	33,0
	Até 2 anos	142	44,7
	Até 5 anos	44	13,8
	Acima de 5 anos	27	8,5
<b>Participação em competições</b>			
	Sim	150	47,2
	Não	168	52,8
<b>Tipo de competição (n=150) <sup>1</sup></b>			
	Jogos Escolares Estaduais	102	32,1
	Paralimpíadas Escolares Nacionais	81	25,5
	Conexão Paralímpica/ Meeting	52	16,4
	Não sei ao certo	85	26,7

---

**Possui alguma patologia**

Sim	81	25,5
Não	237	74,5

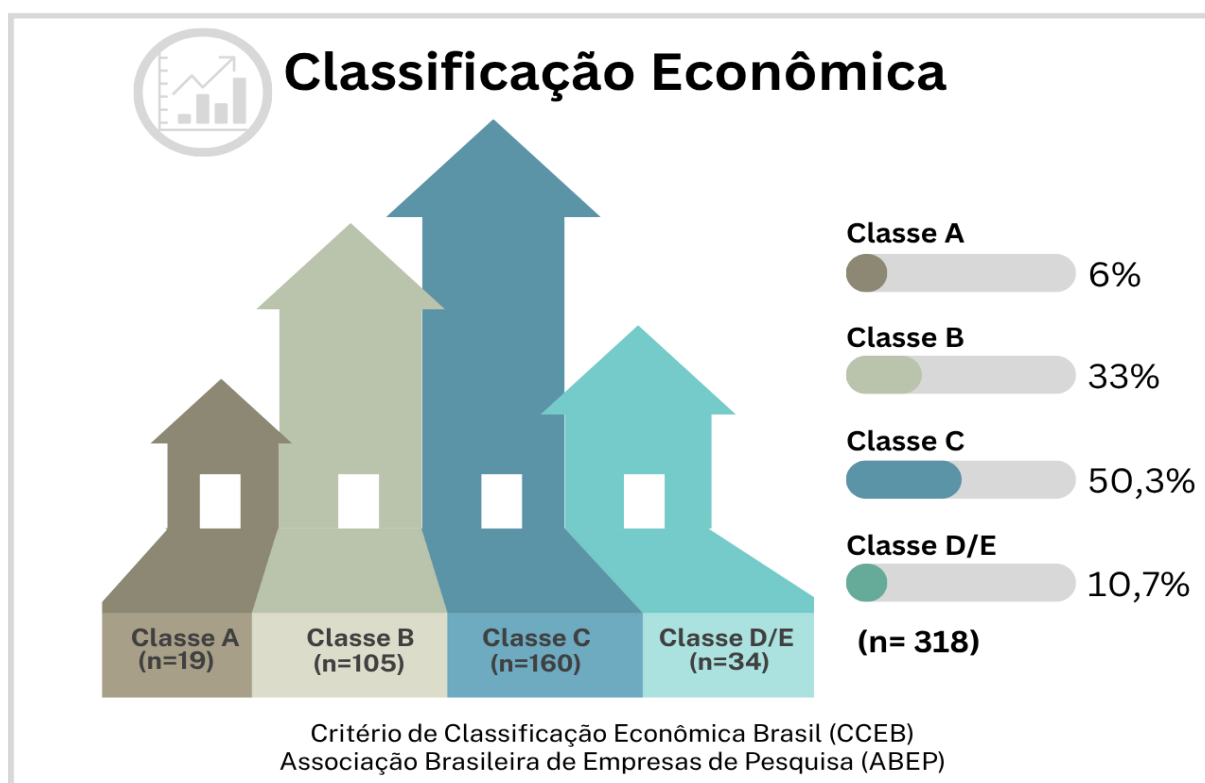
---

*Nota<sup>1</sup>: O número total das participações em competições é variável quanto ao número absoluto de alunos avaliados pois, um mesmo aluno pode participar de mais de um tipo de competição.*

**Fonte:** a autora.

Com relação à participação em competições, 52,8% dos alunos reportaram ainda não ter tido esta experiência. Dentre os alunos que já tiveram a experiência competitiva (47,2%), a maioria relatou ter participado dos Jogos Escolares Estaduais (32,1%). Muitos participantes não se recordavam qual o nível competitivo ou mesmo o nome das competições que seus filhos participavam, por esse motivo foi criada a categoria 'não sei ao certo', que teve 85 respostas, compreendendo 26,7% dos participantes. Quando questionados sobre as possíveis patologias dos alunos, 237 pais afirmaram que seus filhos não possuem nenhuma doença associada à sua deficiência (74,5%). Na figura a seguir (Figura 2) serão apresentados os quantitativos em relação à classificação econômica dos participantes do estudo.

**Figura 2** – Classificação Econômica dos participantes segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (n=318).



**Fonte:** a autora.

Segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), a partir do questionário utilizado, observou-se que 50,3% das famílias encontram-se agrupados na Classe Econômica C. A partir dos instrumentos elencados para o estudo, o suporte parental foi avaliado sob duas perspectivas que serão apresentadas a seguir. Ao agregar diferentes questionamentos que abordam a mesma temática, buscou-se compreender os caminhos e influências que essa variável teria no desenvolvimento esportivo durante a infância e a adolescência dos alunos com deficiência que participam das atividades dos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, através das perspectivas dos pais e responsáveis.

**Tabela 3** - Perspectiva de suporte oferecido pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos (n=318).

Suporte Parental	Nenhuma vez/ Algumas vezes	Frequentemente/ Sempre
	n (%)	n (%)
1-Contribuiu Financeiramente	146 (46%)	172 (54%)
2-Contato com o(a) professor(a)	53 (16%)	265 (84%)
3-Entende as etapas do treino	79 (24%)	239 (76%)
4-Entende as regras da modalidade	96 (30%)	222 (70%)
5-Motiva a prática	10 (3%)	308 (97%)
6-Comparece às competições	80 (25%)	238 (75%)
7-Acompanha o esporte na mídia	115 (36%)	203 (64%)
	Média	DP
<b>Trost - Total</b>	16.2	3.53
T1 - <b>Incentivou</b> o filho à prática	3.58	0.95
T2- <b>Praticou</b> junto com o filho	2.40	0.99
T3- <b>Levou</b> para praticar a atividade	3.00	0.87
T4- <b>Assistiu</b> as atividades/treinos	3.28	1.03
T5- <b>Disse</b> que a prática é importante	3.91	1.01

Ao se observar a tabela acima, pode-se afirmar que as respostas dos pais e responsáveis das crianças e adolescentes com deficiência participantes do estudo foram em sua maioria pautadas em autopercepções positivas em relação às possíveis contribuições pessoais para o desenvolvimento esportivo dos filhos. Embora as atividades dos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros sejam gratuitas, entende-se como contribuição financeira a aquisição de vestimentas e materiais de uso pessoal ou mesmo contribuições para viagens com finalidades competitivas, por exemplo. Dessa forma, a porcentagem equilibrada (46% - 54%) nessa questão entre as duas categorias de suporte elencadas, pode ter sido pautada também nas

realidades financeiras de cada família.

Outra questão que chama atenção é a quantidade de pais que afirmam manter o contato com os professores que desenvolvem as atividades com os seus filhos (84%) e aqueles que os motivam para continuar na prática (97%). Os resultados gerais do questionário Trost indicaram que os pais das crianças e adolescentes com deficiência que participaram do estudo apresentam níveis moderados de Suporte Parental (Md=16,20) voltado à prática esportiva, com maiores médias apresentadas nas categorias “disse que a prática é importante” (Md=3,91) e “Incentivou o filho à prática” (Md=3,58), indo ao encontro do resultado apresentado anteriormente, em que os pais motivam seus filhos verbalmente. Na Tabela 4 a seguir são apresentadas as comparações entre os níveis de Suporte Parental a partir do questionário Trost, em relação às regiões do Brasil.

**Tabela 4 – Comparação dos níveis de Suporte Parental (Trost) dos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos em relação às regiões do país (n=318).**

Região	Norte (n=15)	Nordeste (n=63)	Centro Oeste (n=45)	Sudeste (n=129)	Sul (n=66)	p valor
	M (sd)	M (sd)	M (sd)	M (sd)	M (sd)	
Trost total	19,87(2,62) <sup>a,b,c,d</sup>	16,60(3,87) <sup>a,e</sup>	15,67(3,00) <sup>b</sup>	16,46(3,33) <sup>c,f</sup>	14,68(3,35) <sup>d,e,f</sup>	<0,001*
T1 -Incentivou	4,60(0,51) <sup>g,h,i,j</sup>	3,74(0,91) <sup>g,k</sup>	3,42(0,75) <sup>h</sup>	3,67(0,98) <sup>i,l</sup>	3,13(0,91) <sup>i,k,l</sup>	<0,001*
T2- Praticou	3,13(0,91) <sup>m,n</sup>	2,46(1,12)	2,22(0,99) <sup>m</sup>	2,35(0,96) <sup>n</sup>	2,38(0,89)	0,035*
T3- Levou	3,40(1,12) <sup>o</sup>	3,11(0,92)	3,00(0,82)	3,05(0,83)	2,70(0,84) <sup>o</sup>	0,013*
T4- Assistiu	4,00(0,84) <sup>p,q</sup>	3,30(0,94)	3,15(0,97) <sup>p</sup>	3,37(1,11)	3,00(0,94) <sup>q</sup>	0,007*
T5- Disse	4,73(0,46) <sup>r,s</sup>	3,98(1,00) <sup>t</sup>	3,86(0,94) <sup>r</sup>	4,01(1,01) <sup>u</sup>	3,47(0,98) <sup>s,t,u</sup>	<0,001*

\*Diferença significativa para  $p < 0,001$ . <sup>a</sup>= Diferença sig para “Trost total” entre as regiões norte e nordeste ( $p=0,007$ ); <sup>b</sup>= Diferença sig para “Trost total” entre as regiões norte e centro oeste ( $p=0,000$ ); <sup>c</sup>= Diferença sig para “Trost total” entre as regiões norte e sudeste ( $p=0,002$ ); <sup>d</sup>= Diferença sig para “Trost total” entre as regiões norte e sul ( $p < 0,001$ ); <sup>e</sup>= Diferença sig para “Trost total” entre as regiões nordeste e sul ( $p=0,011$ ); <sup>f</sup>= Diferença sig para “Trost total” entre as regiões sudeste e sul ( $p=0,005$ ); <sup>g</sup>= Diferença sig para “incentivo” entre as regiões norte e nordeste ( $p=0,010$ ); <sup>h</sup>= Diferença sig para “incentivo” entre as regiões norte e centro oeste ( $p=0,000$ ); <sup>i</sup>= Diferença sig para “incentivo” entre as regiões norte e sudeste ( $p=0,001$ ); <sup>j</sup>= Diferença sig para “incentivo” entre as regiões norte e sul ( $p < 0,001$ ); <sup>k</sup>= Diferença sig para “incentivo” entre as regiões nordeste e sul ( $p=0,001$ ); <sup>l</sup>= Diferença sig para “incentivo” entre as regiões sudeste e sul ( $p < 0,001$ ); <sup>m</sup>= Diferença sig para “praticou com o filho” entre as regiões norte e centro oeste ( $p=0,017$ ); <sup>n</sup>= Diferença sig para “praticou com o filho” entre as regiões norte e nordeste ( $p=0,029$ ); <sup>o</sup>= Diferença sig para “levou o filho” entre as regiões norte e sul ( $p=0,037$ ); <sup>p</sup>= Diferença sig para “assistiu o filho” entre as regiões norte e centro oeste ( $p=0,044$ ); <sup>q</sup>= Diferença sig para “assistiu o filho” entre as regiões norte e sul ( $p=0,005$ ); <sup>r</sup>= Diferença sig para “disse que faz bem” entre as regiões norte e centro oeste ( $p=0,026$ ); <sup>s</sup>= Diferença sig para “disse que faz bem” entre as regiões norte e sul ( $p < 0,001$ ); <sup>t</sup>= Diferença sig para “disse que faz bem” entre as regiões nordeste e sul ( $p=0,025$ ); <sup>u</sup>= Diferença sig para “disse que faz bem” entre as regiões sudeste e sul ( $p=0,002$ ).

Em relação a comparação das questões do questionário Trost respondido pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência quanto às regiões do país, observa-

se (Tabela 4) que a região norte apresenta níveis mais altos de suporte parental ( $M=19,87$ ), enquanto a região sul apontou os menores níveis de suporte para a prática ( $M=14,68$ ). Esse resultado também se evidencia para todas as demais dimensões, demonstrando que os pais da região norte aparentam oferecer maiores níveis de suporte para a prática esportiva aos seus filhos.

Quanto aos menores valores das questões relacionadas aos tipos de suporte parental, a região sul indicou níveis mais baixos para todas as categorias, com exceção da dimensão “praticou com o filho”, em que o centro-oeste obteve o menor valor de suporte ( $M=2,22$ ). A seguir (Tabela 5) serão apresentados os resultados das comparações entre os níveis de Suporte Parental a partir do questionário Trost em relação às classificações econômicas obtidas a partir do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB).

**Tabela 5** - Comparação dos níveis de Suporte Parental (Trost) dos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos em relação à classificação econômica ( $n=318$ ).

Classificação Econômica	A (n=19)	B (n=105)	C (n=160)	D/E (n=34)	p valor
	M (sd)	M (sd)	M (sd)	M (sd)	
Trost total	15,37(3,40)	15,54(3,44)	16,47(3,55)	17,09(3,54)	<b>0,05*</b>
T1 - Incentivou	3,58(0,77)	3,43(1,01) <sup>a</sup>	3,60(0,95)	3,97(0,76) <sup>a</sup>	<b>0,04*</b>
T2 - Praticou	2,15(0,90)	2,34(0,99)	2,46(0,98)	2,38(1,13)	0,55
T3 - Levou	2,89(0,94)	2,83(0,80)	3,07(0,92)	3,23(0,78)	<b>0,05*</b>
T4 - Assistiu	3,00(1,00)	3,12(0,98)	3,36(1,05)	3,50(1,08)	0,08
T5 - Disse	3,74(1,28)	3,81(1,01)	3,97(0,97)	4,00(1,01)	0,47

\*Diferença significativa para  $p \leq 0,05$ . <sup>a</sup>= Diferenças significativa para a questão “incentivou o filho” entre a classe econômica B e D ( $p=0,024$ ). Na comparação entre pares não foi observada diferença significativa.

Na comparação das questões do questionário Trost em relação às classificações econômicas evidenciou-se diferença significativa para a dimensão “incentivou o filho” entre as Classes Econômicas B e D/E, evidenciando que as classes mais baixas indicaram maiores níveis de suporte parental em relação à classe econômica B. No Trost total e na dimensão “levou o filho”, apesar de ser apontada diferença entre os grupos, na comparação entre pares não foi observada diferença significativa. Para as demais dimensões não foi apontada diferença significativa ( $p \leq 0,05$ ). Os resultados obtidos a partir das comparações realizadas entre as questões do questionário Trost de acordo com os tipos de deficiência dos alunos que participam das atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros são apresentados abaixo (Tabela 6).

**Tabela 6** – Comparação dos níveis de Suporte Parental (Trost) dos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos em relação aos tipos de deficiência dos alunos (n=318).

Deficiência	Física	Visual	Intelectual	TEA	Múltiplas	p valor
	(n=134)	(n=31)	(n=88)	(n=48)	(n=17)	
	M (sd)	M (sd)	M (sd)	M (sd)	M (sd)	
Trost total	16,54(3,42) <sup>a</sup>	15,61(3,95)	16,46(3,35)	14,75(3,60) <sup>a</sup>	16,65(3,55)	<b>0,02*</b>
T1 - Incentivo	3,75(0,94) <sup>b</sup>	3,45(1,05)	3,58(0,83)	3,14(1,01) <sup>b</sup>	3,76(0,97)	<b>0,00*</b>
T2 - Praticou	2,39(1,03)	2,19(1,05)	2,48(0,93)	2,37(0,91)	2,41(1,12)	0,75
T3 - Levou	3,05(0,79)	3,00(1,03)	3,07(0,85)	2,75(0,86)	2,88(1,27)	0,26
T4 - Assistiu	3,34(1,01)	3,06(1,15)	3,44(1,01) <sup>c</sup>	2,91(0,87) <sup>c</sup>	3,35(1,22)	<b>0,03*</b>
T5 - Disse	4,00(0,97)	3,90(1,01)	3,90(1,01)	3,56(1,05)	4,23(1,03)	0,07

\*Diferença significativa para  $p \leq 0,05$ . <sup>a</sup>= Diferença significativa para o Trost total entre a Deficiência Física e o TEA ( $p=0,02$ ); <sup>b</sup>= Diferença significativa para o “incentivo” entre a Deficiência Física e o TEA ( $p=0,001$ ); <sup>c</sup>= Diferença significativa para “assistiu o filho” entre a Deficiência Intelectual e o TEA ( $p=0,03$ ).

A partir dos resultados da Tabela 6, foram observadas diferenças significativas entre a Deficiência Física e o TEA no valor total do Trost ( $p=0,020$ ) e na dimensão “Incentivo” ( $p=0,001$ ). Este fato aponta que de forma geral os alunos com deficiência física são mais estimulados e incentivados em relação aos alunos com Transtorno do Espectro Autista. Ainda, na dimensão “Assistiu” o filho foi encontrada diferença significativa entre a Deficiência Intelectual e o TEA ( $p=0,03$ ), com maiores valores de Suporte Parental sendo apontados entre os alunos com deficiência intelectual ( $M=3,44$ ).

Ao focarmos no nível de Atividade Física Habitual dos pais a partir do questionário BAECKE (Tabela 7), observa-se que a categoria ‘Atividade Física Ocupacional’ obteve a maior média ( $Md=2,93$ ), seguida por ‘Atividades de Lazer e de Locomoção’ ( $Md=2,81$ ).

**Tabela 7** - Nível de Atividade Física Habitual dos pais das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos (n=318).

Atividade Física Habitual (Baecke)	Média	DP
Atividade Física Ocupacional (AFO)	2.93	0.39
Esportes/Exercícios Físicos no Lazer (EFL)	2.41	0.43
Atividades de Lazer e de Locomoção (ALL)	2.81	0.41
Escore Total de Ativ. Física Habitual (ET_AFH)	8.15	0.73

Quando comparadas as dimensões do Baecke entre as regiões do Brasil (Tabela 8), foi observada diferença significativa ( $p=0,01$ ) entre as Regiões Norte ( $M=3,20$ ) e Sudeste ( $M=2,87$ ) na categoria ‘Atividade Física Ocupacional’, não sendo

observadas demais diferenças entre as regiões. Quanto ao escore total da prática de atividades físicas habituais dos pais, a região Centro Oeste obteve a maior média com 8,39 em seu score, seguida pelas regiões Norte (M=8,25) e Nordeste (M=8,17).

**Tabela 8** – Comparação entre as regiões do Brasil e o nível de Atividade Física Habitual dos pais das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos (n=318).

	Norte (n=15) M (sd)	Nordeste (n=63) M (sd)	Centro Oeste (n=45) M (sd)	Sudeste (n=129) M (sd)	Sul (n=66) M (sd)	p valor
AFO	3,20 <sup>(a)</sup> (0,36)	2,94 (0,41)	3,01(0,35)	2,87 <sup>(a)</sup> (0,40)	2,92(0,36)	0,01*
EFL	2,23(0,60)	2,36 (0,45)	2,49(0,39)	2,42 (0,42)	2,42(0,41)	0,29
ALL	2,67(0,26)	2,88 (0,50)	2,85(0,44)	2,81 (0,42)	2,76(0,29)	0,24
ET_AFH	8,25 (0,60)	8,17 (0,74)	8,39 (0,77)	8,06 (0,78)	8,09 (0,62)	0,23

\*Diferença significativa para  $p < 0,001$ . <sup>a</sup> = Diferença entre as regiões norte e sudeste ( $p \leq 0,05$ );

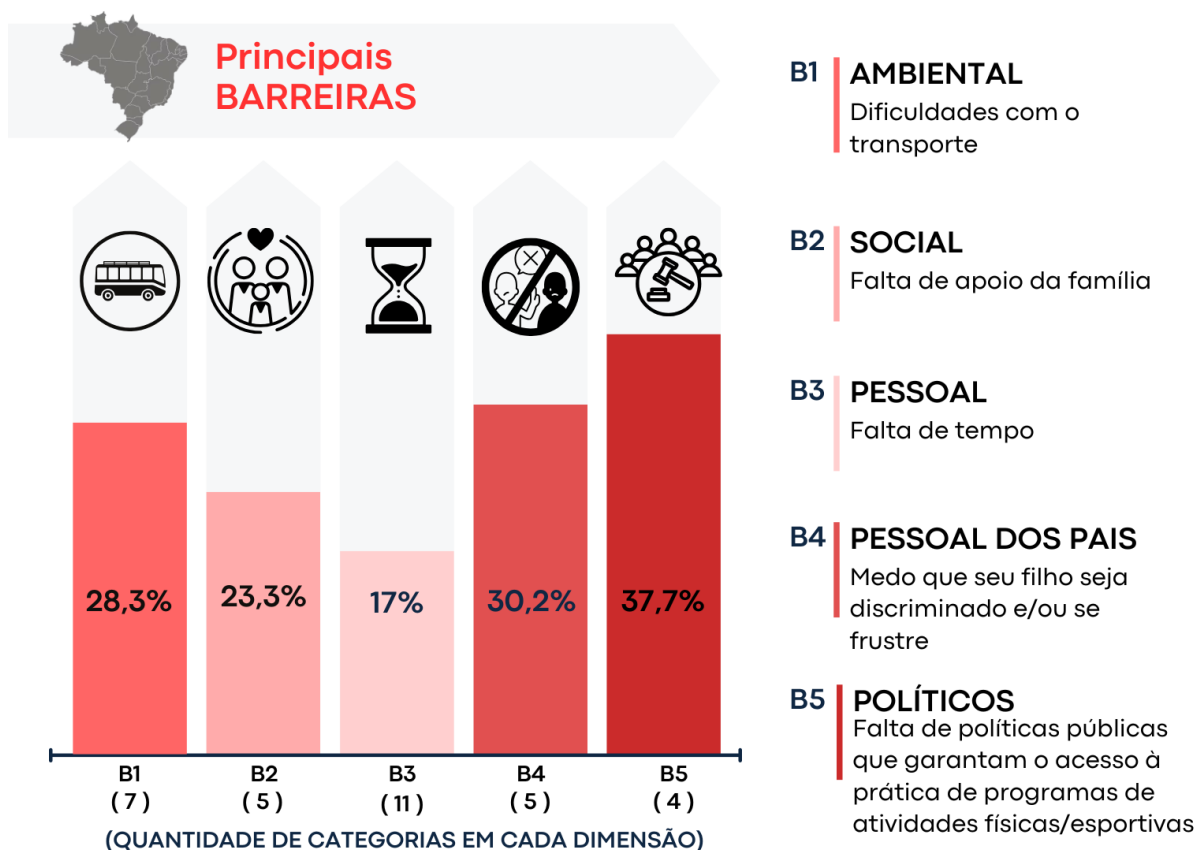
Quando comparadas as dimensões do questionário Baecke entre as classificações econômicas e os tipos de deficiência dos alunos, não foram encontradas diferenças significativas. Ainda, não foram observadas correlações significativas entre a idade dos pais, os indicadores de atividade física habitual e os níveis de suporte parental ( $p > 0,05$ ). A seguir serão apresentados os resultados obtidos a partir do questionário de Barreiras e Facilitadores percebidos pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência que participam das atividades nos Centros de Referência Paralímpicos em todo o país.

Os resultados serão apresentados em representações gráficas e estão organizados de modo a trazer a visualização geral das principais barreiras percebidas (Figura 3) e em seguida (Figuras 4 a 8) os gráficos com todas as categorias. Quanto aos gráficos específicos em que serão apresentadas as categorias analisadas (Ambientais, Sociais, Pessoais, Pessoais dos pais e Políticas), vale a ressalva de que as porcentagens são absolutas entre si, não sendo possível a soma das mesmas. Isso ocorre pois cada participante podia apontar mais de uma barreira para a prática das atividades físicas dos seus filhos e, em seguida, a partir da sua percepção, elencava aquela que considerava ser a principal (Figuras 3 e 9), sendo possível aqui a comparação entre as categorias.

A mesma lógica foi adotada para a apresentação dos facilitadores percebidos pelos participantes do estudo, na qual inicialmente é mostrado o quantitativo absoluto (Figura 9) e, em seguida, os gráficos com todas as categorias analisadas (Figuras 10

a 14). Foi organizada também um quadro com as principais barreiras e os principais facilitadores percebidos de acordo com as regiões do país (Quadro 3), que será apresentado ao final dos resultados.

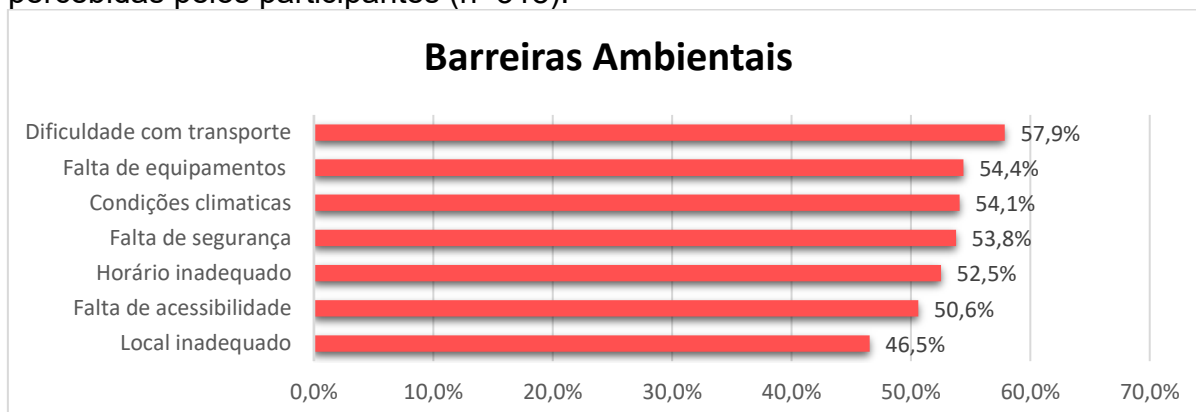
**Figura 3** – Organização do quantitativo absoluto das principais Barreiras percebidas pelos participantes (n=318).



Fonte: a autora.

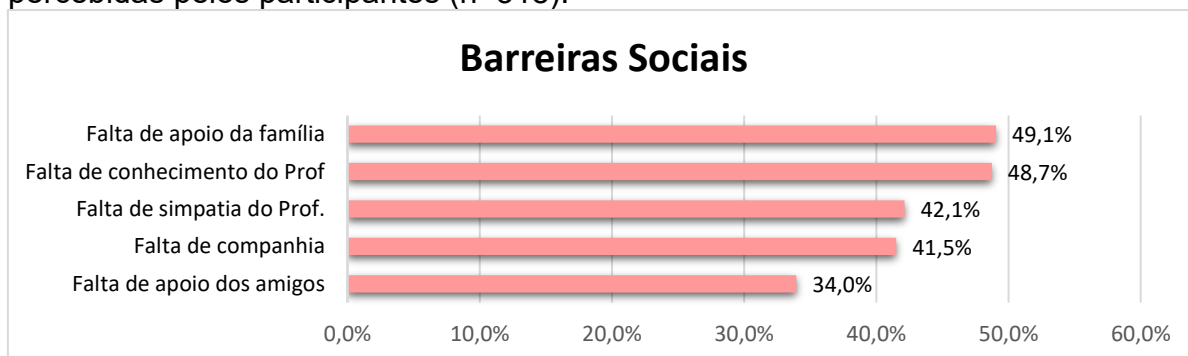
Quanto às principais barreiras percebidas pelos pais para a prática das atividades físicas das crianças e adolescentes que integram os Centros de Referência Paralímpicos, as categorias Dificuldades com o transporte (28,3%), Medo que seu filho seja discriminado ou se frustre (30,2%) e Falta de políticas públicas (37,7%) estiveram entre as principais categorias. Os gráficos que seguem (Figura 4 a 8), representam a frequência em relação às barreiras percebidas pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência.

**Figura 4** – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Ambientais percebidas pelos participantes (n=318).



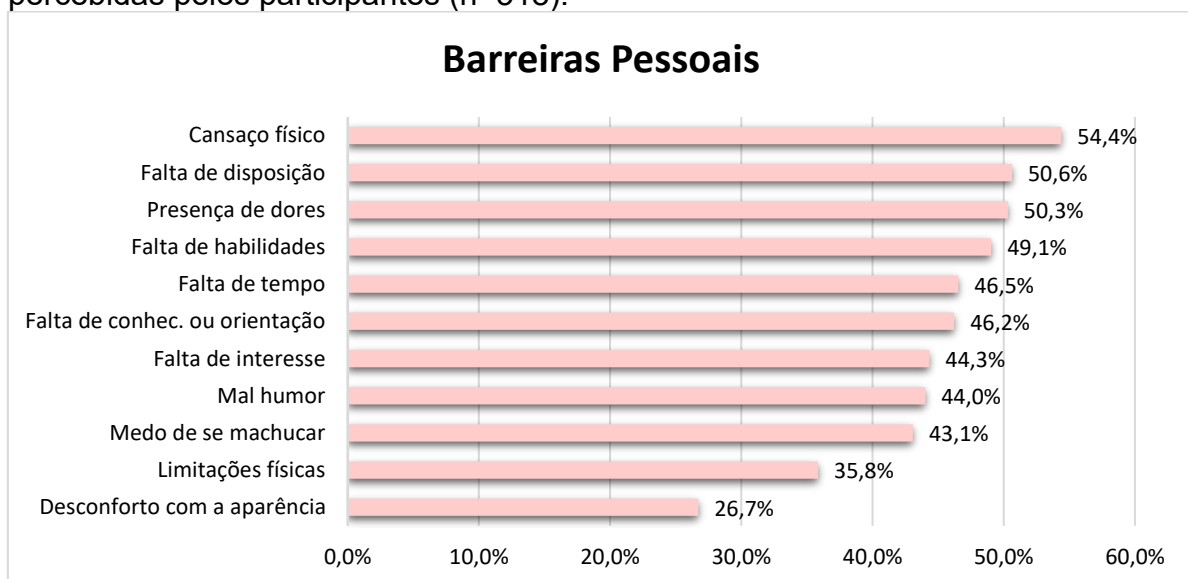
Fonte: a autora.

**Figura 5** – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Sociais percebidas pelos participantes (n=318).



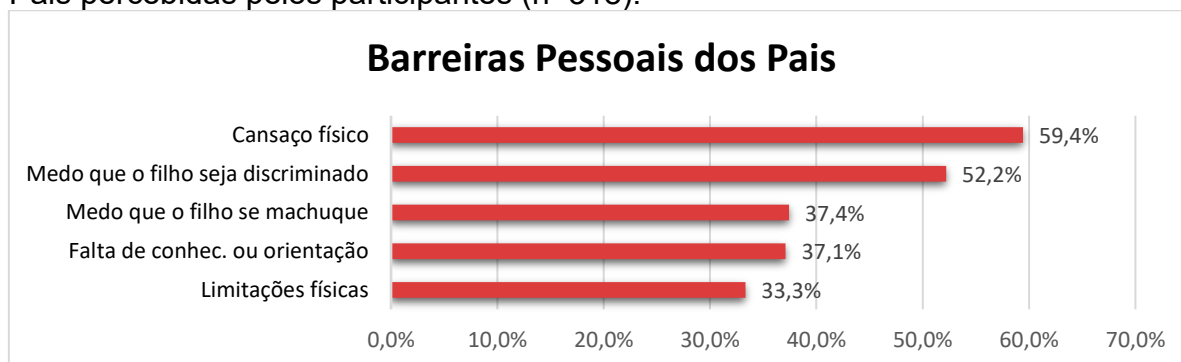
Fonte: a autora.

**Figura 6** – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Pessoais percebidas pelos participantes (n=318).



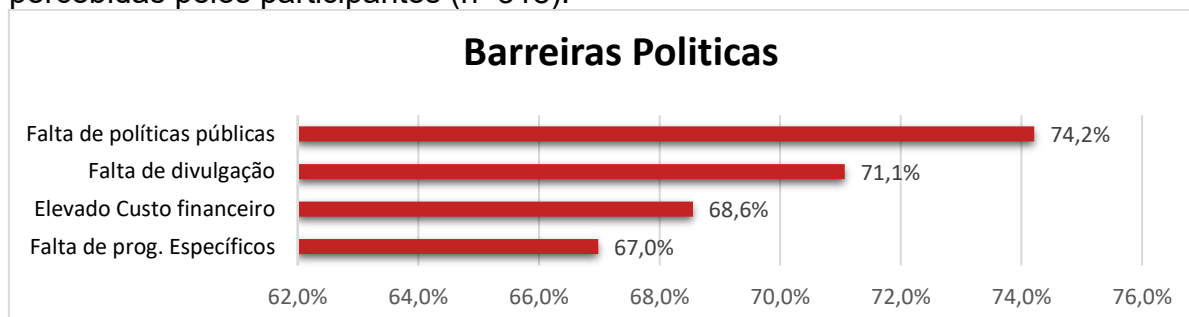
Fonte: a autora.

**Figura 7** – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Pessoais dos Pais percebidas pelos participantes (n=318).



Fonte: a autora.

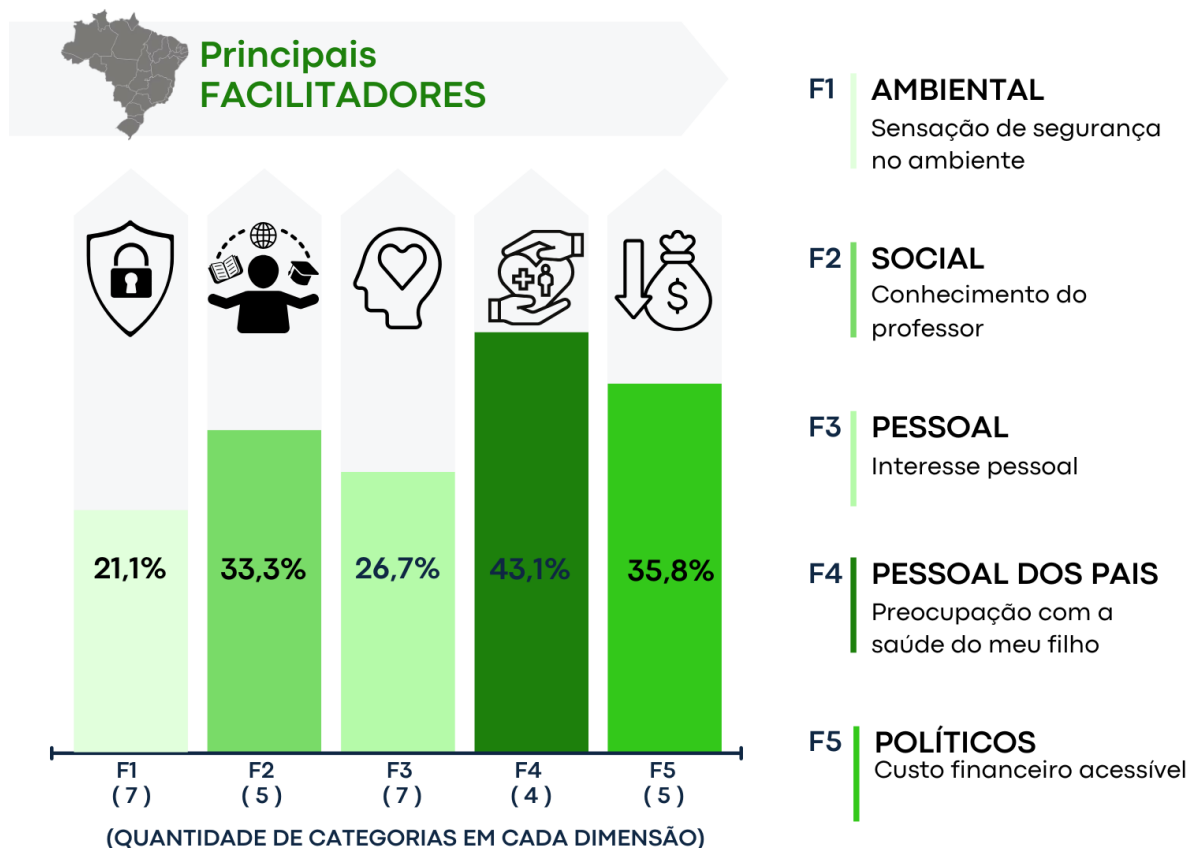
**Figura 8** – Frequência de respostas em relação às principais Barreiras Políticas percebidas pelos participantes (n=318).



Fonte: a autora.

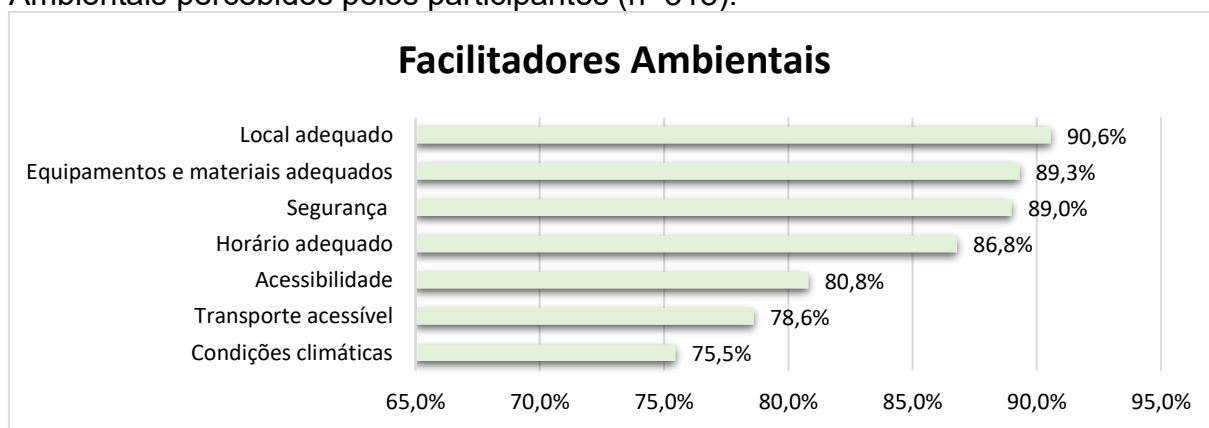
A seguir serão apresentados os facilitadores percebidos pelos pais para a prática das atividades físicas das crianças e adolescentes que integram os Centros de Referência Paralímpicos. Como principais facilitadores destacaram-se a Preocupação com a saúde do(a) filho(a) (43,1%), Custo financeiro acessível (35,8%) e Conhecimento do Professor (33,3%). A seguir serão apresentados os gráficos que representam a frequência em relação às categorias analisadas quanto aos facilitadores percebidos pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência que integram os Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros (Figuras 10 a 14).

**Figura 9** – Organização do quantitativo absoluto dos principais Facilitadores percebidos pelos participantes (n=318).



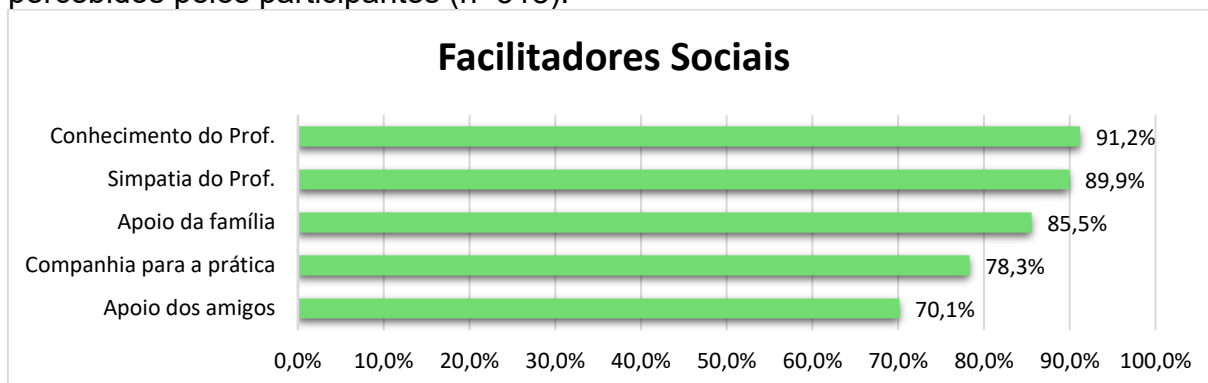
Fonte: a autora.

**Figura 10** – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Ambientais percebidos pelos participantes (n=318).



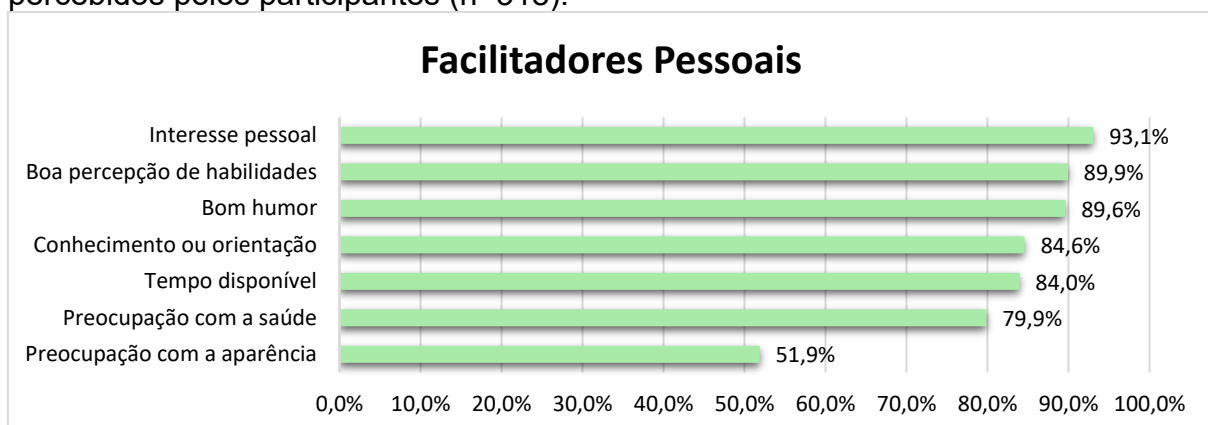
Fonte: a autora.

**Figura 11** – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Sociais percebidos pelos participantes (n=318).



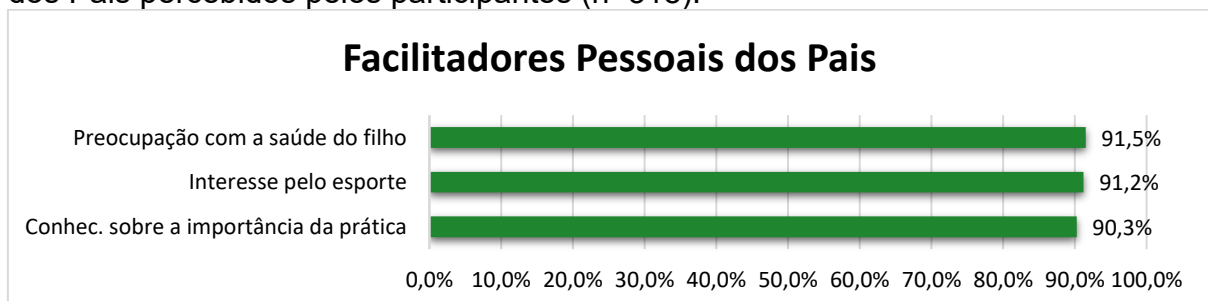
Fonte: a autora.

**Figura 12** – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Pessoais percebidos pelos participantes (n=318).



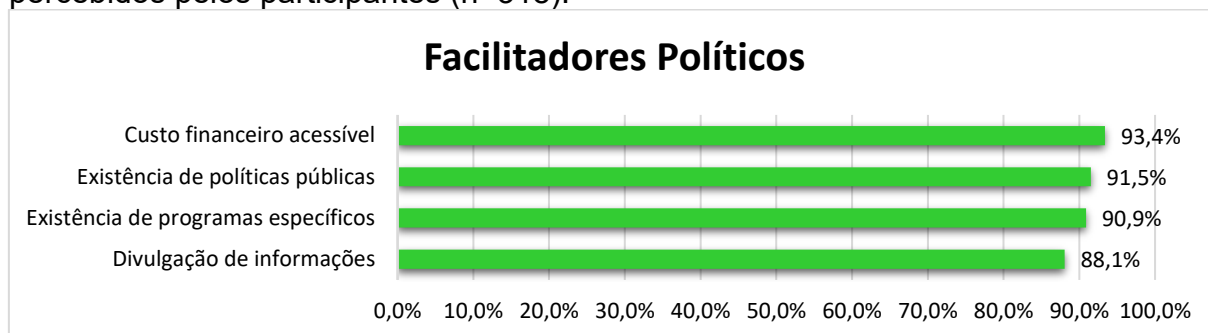
Fonte: a autora.

**Figura 13** – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Pessoais dos Pais percebidos pelos participantes (n=318).



Fonte: a autora.






**Figura 14** – Frequência de respostas em relação aos principais Facilitadores Políticos percebidos pelos participantes (n=318).



Fonte: a autora.

No Quadro 3 serão apresentadas as principais Barreiras e os principais Facilitadores percebidos pelos pais das crianças e adolescentes com deficiência para a prática das atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros de acordo com as regiões do Brasil. No quadro que segue, buscou-se a melhor organização dos dados a fim de que a identificação das possíveis diferenças e semelhanças existentes entre cada região do país fossem mais bem discutidas de acordo com as categorias de análise: Ambientais, Sociais, Pessoais, Pessoais dos Pais e Políticas. Ainda, objetivando a melhor visualização dos dados expostos, foram identificados em cada categoria as barreiras e os facilitadores que se repetem em cada região.

**Quadro 3 – Principais Barreiras e Facilitadores percebidos por região do Brasil e a predominância da Classe Econômica dos participantes (n=318).**

						
		<b>Região Norte</b>	<b>Região Nordeste</b>	<b>Região Centro Oeste</b>	<b>Região Sudeste</b>	<b>Região Sul</b>
<b>Barreiras</b>	<b>Ambientais</b>	27% Dificuldades com o transporte* 27% Espaço disponível inadequado*	35% Dificuldades com o transporte*	20% Condições climáticas inadequadas	31% Dificuldades com o transporte*	25% Espaço disponível inadequado*
	<b>Sociais</b>	27% Falta de conhecimento do professor*	35% Espaço disponível inadequado	17% Falta de conhecimento do professor*	26% Falta de apoio da família	27% Falta de conhecimento do professor*
	<b>Pessoais</b>	20% Cansaço Físico	16% Falta de tempo*	14% Falta de disposição pessoal	20% Falta de Tempo*	17% Falta de Tempo*
	<b>Pessoais dos pais</b>	40% Medo que seu filho seja discriminado e/ou se frustre*	32% Medo que seu filho seja discriminado e/ou se frustre*	35,5% Cansaço físico*	31% - Medo que seu filho seja discriminado e/ou se frustre*	30% Cansaço Físico*
	<b>Políticas</b>	40%*	36,5%*	35,5%*	43%*	30%*
Falta de políticas públicas que garantam o acesso à prática de programas de atividades físicas/esportivas						
<b>Facilitadores</b>	<b>Ambientais</b>	34% Horário adequado das atividades*	27% Horário adequado das atividades*	25% Sensação de segurança no ambiente* 25% Horário adequado das atividades*	27% Transporte acessível	32% Sensação de segurança no ambiente*
	<b>Sociais</b>	40% Conhecimento do professor* 40% Apoio da família	38% Conhecimento do professor*	35,5% Conhecimento do professor*	31% Apoio da Família*	37% Apoio da família*
	<b>Pessoais</b>	20% Boa disposição pessoal/humor* 20% Tempo disponível	32% Interesse Pessoal*	42,2% Interesse pessoal*	22% Boa disposição pessoal/humor*	26% Interesse pessoal*
	<b>Pessoais dos pais</b>	47% Preocupação com a saúde do meu filho*	36,5% Preocupação com a saúde do meu filho*	54% Preocupação com a saúde do meu filho*	38% Interesse pelo esporte	62% Preocupação com a saúde do meu filho*
	<b>Políticos</b>	47% Custo financeiro acessível*	43% Custo financeiro acessível*	44,4% Custo financeiro acessível*	30% Presença de políticas públicas que garantam o acesso à prática de programas de atividades físicas/esportivas	36% Custo financeiro acessível*
<b>Classificação Econômica</b>	40% - Casse C	59% - Casse C	45% - Classe B	53% - Classe C	47% - Classe C	

**Legenda:** \* Representa as categorias que se repetem em mais de uma região.

Os resultados apresentados demonstram as percepções dos pais das crianças e adolescentes sobre as barreiras e os facilitadores existentes para a prática das atividades esportivas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos participantes do estudo. Observa-se (Quadro 3), a partir das sinalizações que foram feitas, as semelhanças existentes entre as regiões do Brasil. Ao analisarmos as barreiras percebidas, o item 'dificuldade com o transporte' (barreiras ambientais) e o item 'medo que seu filho seja discriminado ou se frustre' (barreiras pessoais dos pais) foram predominantes nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste. Já o item 'falta de políticas públicas que garantam o acesso à prática de programas de atividades físicas/esportivas' foi a barreira política elencada de forma unânime como a principal dificuldade todas as regiões.

Na categoria social, é importante ressaltar que 'a falta de conhecimento do professor' dentre as barreiras percebidas, assim como o 'conhecimento do professor', dentre os facilitadores, foram itens que se destacaram em diferentes regiões do país. Quanto aos facilitadores, o item 'interesse pessoal' esteve destacado nas regiões Nordeste, Centro Oeste e Sul. Ainda, os itens 'preocupação com a saúde do meu filho' (facilitadores pessoais dos pais) e 'custo financeiro acessível' (facilitadores políticos) foram predominantes em quatro das cinco regiões, com exceção da região Sudeste. Por fim, quanto às classes sociais predominantes por região, apenas a região Centro Oeste apresentou a prevalência da classificação econômica B. Em todas as demais regiões a classificação econômica C foi predominante.

#### **4. DISCUSSÃO**

O presente estudo objetivou identificar as características sociais das famílias das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, bem como comparar os indicadores obtidos de acordo com o nível socioeconômico, a atividade física habitual dos pais, os tipos de deficiências das crianças e adolescentes e as diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, com o objetivo de melhor abordar os achados do estudo, a discussão dos dados será dividida em três subtópicos: 4.1 – Dados descritivos; 4.2 – Análises comparativas

e correlacionais; 4.3 – Barreiras e Facilitadores percebidos.

#### **4.1 – Dados descritivos**

Ao investigar os pais das crianças e adolescentes com deficiência que participam das atividades de iniciação esportiva oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros inseridos em diferentes realidades, foram consideráveis os pontos de aproximação entre as regiões do país. O predomínio de participantes do gênero feminino vai ao encontro dos estudos que trazem as mães como as principais figuras quanto aos cuidados de filhos com deficiência (Goetz; Vieira, 2009; Öztürk; Alemdar, 2023). Ainda a literatura aponta que seu contexto financeiro, suas relações sociais (ou a falta delas), níveis de instrução, apoio familiar e a prática de atividades físicas são fatores preponderantes de influência para a sua qualidade de vida (Haspel; Benyamini; Ginzburg, 2020; Miranda; Mendoza, 2021; Qi; Cai; Meng, 2021).

Quanto às crianças e adolescentes praticantes das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, o quantitativo elevado de praticantes do gênero masculino encontrado vai ao encontro de estudos que abordam os padrões de participação de meninos e meninas em atividades esportivas, também observando a predominância masculina (Laoues-Czibalmos; Szerdahelyi; Müller, 2021). Em um estudo recente foram retratados os possíveis motivos atrelados a esse fato, que vão desde as sensações físicas que meninos sentem durante à prática esportiva, até os significados que meninas atribuem à prática (Kitching, 2024). Dessa forma, entende-se como necessária a oferta de experiências diversificadas e significativas durante o ensino de modalidades esportivas para meninas, esperando-se assim equiparar o quantitativo de participação entre os gêneros.

A literatura também aponta as diferenças de participação em relação aos diferentes tipos de deficiência, destacando que o engajamento em atividades físicas e esportivas é norteado por fatores como autonomia, mobilidade, independência de participação (atividades realizadas de forma individual) e capacidade de socialização (Atkin; Carr; Milton, 2023; França, 2013; Haspel; Benyamini; Ginzburg, 2020). Assim, pode-se dizer que os achados referentes aos tipos de deficiência com maior participação, bem como as modalidades predominantes do presente estudo, vão nesse mesmo sentido, uma vez que a

deficiência física (que pode relacionar-se à autonomia) e a prática da natação (modalidade individual que tem relação direta com a independência de participação) estiveram em destaque (Carr; Atkin; Milton, 2025).

Para além da prática das modalidades paralímpicas, quanto ao contexto competitivo, os achados do presente estudo demonstram a relevância dos Jogos Escolares Estaduais que acontecem em todo o Brasil. Entre as crianças e adolescentes com deficiência investigados, a participação foi predominante nesta competição, que é porta de entrada para as Paralimpíadas Escolares, considerado o maior evento mundial em relação ao quantitativo de participação de jovens com deficiência e uma referência em inclusão a partir da prática esportiva paralímpica (CPB, 2025).

Ainda sobre a participação em competições, cabe destacar que todos os custos de participação das crianças e adolescentes com deficiência são cobertos pelas entidades organizadoras (CPB, 2025 – Regulamentos Jogos Escolares e Paralimpíadas escolares). Tal fato é visto de forma positiva e pode ser um dos fatores que colabora com os altos índices de participação dos alunos-atletas, sobretudo quando se analisa que a classificação econômica predominante entre as famílias participantes do estudo foi a Classe C. Estudos brasileiros afirmam que o contexto financeiro das famílias com crianças com deficiência são determinantes para que o acesso à terapias, e tantos outros aportes que favorecem o desenvolvimento durante a infância, sejam acessados (Longo, *et al.* 2020; Rodrigues, *et al.* 2018). Nesse sentido, a realidade financeira é um dos fatores percebidos como facilitador para a inclusão e suporte social de crianças e adolescentes com deficiência em diferentes contextos vividos por ela ao longo da sua vida (Hassanein; Adawi; Johnson, 2021).

Sabe-se que questões sociais como o apoio familiar (rede de apoio) (Alves, *et al.* 2022) e o convívio entre pais que passam por situações semelhantes com seus filhos com deficiência (Öztürk; Alemdar, 2023; Qi; Cai; Meng, 2021) podem auxiliar na melhor aceitação e na percepção mais positiva da qualidade de vida da família como um todo (Miranda; Mendoza, 2021). Nesse sentido, a convivência entre os pais nos Centros de Referência Paralímpicos pode ter influenciado o maior suporte parental observado, com o incentivo verbal (suporte direto) (Hong, *et al.* 2020) a principal fonte de apoio destacada.

## 4.2 – Análises comparativas e correlacionais

Dentre as comparações realizadas, foram observados maiores níveis de suporte parental na região Norte em relação à região Sul do país. Ainda que os números de participantes avaliados não sejam equiparados, o resultado observado quanto ao suporte percebido pelos pais pode ser justificado a partir das diferenças na oferta de programas paradesportivos entre essas regiões (Ministério de Esporte, 2024), o que talvez reforce a importância atribuída à oportunidade de prática pelos filhos.

A partir da classificação socioeconômica das famílias participantes do estudo, foi verificado que aquelas pertencentes aos extratos mais baixos (D/E) indicaram maiores níveis de suporte parental. Nesse sentido, alguns estudos abordam a dificuldade que famílias com poucos recursos financeiros apresentam ao buscarem espaços adequados para o desenvolvimento dos seus filhos(as) com deficiência (Hassanein; Adawi; Johnson, 2021; Totsika, *et al.* 2023). Dessa forma, compreende-se que os altos níveis de suporte oferecidos pelos pais de classes econômicas mais baixas podem possuir relação direta com a valorização desse espaço que contribui com o desenvolvimento de seus filhos (Oliveira, Gonçalves, 2024; Sur, *et al.* 2021), uma vez que as modalidades paralímpicas são oferecidas de forma gratuita nos Centros de Referência em todo o Brasil, sem a necessidade de investimentos financeiros para a prática.

Em relação aos resultados obtidos na comparação do suporte parental entre os tipos de deficiência, foram apontados maiores níveis de suporte para crianças e adolescentes com deficiência física em detrimento daqueles que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este fato pode ter relação com os maiores níveis de sobrecarga física e psicológica manifestados por pais de jovens com TEA ou ainda o maior receio destes pais de que seus filhos sejam discriminados ou se sintam isolados durante a prática esportiva (Ahmadli-Shironova, 2024). Ainda, torna-se importante a ressalva de que até o presente momento não existe uma classe funcional claramente definida para crianças e adolescentes com TEA (sem a associação com outros tipos de deficiência), independentemente do nível de suporte, o que torna sua participação nos projetos do CPB ainda incerta (CPB, 2025; IPC, 2025).

Por fim, sobre as relações do suporte parental com a prática de atividade física dos pais, não obstante a literatura apontar a existência uma relação

positiva significativa (Ku, *et al.* 2020), os resultados encontrados no presente estudo não corroboraram esta afirmação. Ainda que pudesse se esperar que a prática de atividade física parental influenciasse de maneira positiva no estímulo que os filhos recebem para a prática (Harrington; Jarvis; Manson, 2017; Shields; Synnot, 2016), as relações observadas não foram significativas. Uma possível explicação para essa discrepância pode residir no fato de que os pais, de um modo geral, reportaram valores relativamente baixos de prática de atividade física (Baecke; Burema, 1982), o que pode ter comprometido o estabelecimento de relações mais claras. No entanto, a despeito dos baixos níveis de atividade física manifestados pelos pais, ressalta-se como ponto positivo a elevada importância atribuída à prática esportiva pelos filhos, o que certamente torna-se um diferencial para a aderência dos jovens.

#### **4.3 – Barreiras e Facilitadores percebidos.**

Estudos recentes têm focado a atenção nas barreiras e facilitadores percebidos para a prática esportiva de pessoas com deficiência, tanto em contextos internacionais (Boehm; Carter, 2019; Hassanein; Adawi; Johnson, 2021; Mckenzie; Willis; Shields, 2021; Verenova, Marova, Chmelik, 2022) como nacionais (Biduski, *et al.* 2021; Greguol, 2017; Seron; Arruda; Greguol, 2015; Vieira; Colere; Souza, 2021). Entre as diferentes realidades investigadas, é consenso que a participação de pessoas com deficiência em atividades esportivas depende não somente do esforço do indivíduo e do seu núcleo familiar para que as barreiras sejam transpostas, mas que esforços sejam empreendidos por parte dos profissionais, das instituições de atendimento e dos órgãos públicos para que as realidades de participação e permanência nessas atividades sejam modificadas.

Quanto às principais barreiras percebidas pelos pais para que as crianças e adolescentes possam seguir praticando as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, a categoria 'dificuldades com o transporte' prevaleceu entre as demais. Ao compreender que a dificuldade de acesso limita a participação em atividades (Greguol, 2017), e que essa questão não afeta somente o indivíduo com deficiência que está no contexto da prática esportiva, visualizamos toda a cadeia relacionada a essa barreira apontada, uma vez que atletas paralímpicos de alto rendimento também

passam por dificuldades similares (Cardoso, 2016; Vieira; Colere; Souza, 2021).

Entre as barreiras e facilitadores apontados pelos pais, ainda os fatores sociais também podem ser destacados como de grande influência para a continuidade da prática de modalidades paralímpicas, uma vez que o apoio familiar (Alves, *et al.* 2022; Biduski, *et al.* 2021; Qi; Cai; Meng, 2021) e o conhecimento do profissional que está à frente das atividades (Munster; Bacciotti; Pereira, 2023), são considerados preponderantes para o engajamento esportivo do aluno com deficiência. Dessa forma, a postura profissional, citada como uma barreira percebida pelos pais, também foi apontada como um facilitador em potencial para que a permanência no ambiente de prática seja viável. Os pais das crianças e adolescentes que praticam as modalidades paralímpicas nos Centros de Referência elencaram as categorias 'conhecimento do professor(a)' e 'simpatia do professor(a)' como os principais facilitadores sociais percebido. Estes resultados vão ao encontro de estudos que manifestam a importância da postura profissional frente aos diferentes tipos de deficiência (Antunes; Pinto, 2023; Nelsen; Foster; Raphael, 2019) e, principalmente, que mencionam a capacidade que o professor precisa desenvolver para estabelecer conexões com seus alunos a partir dos estímulos criados para trabalhar as suas potencialidades (Mantoan; Lanuti, 2022).

O cansaço físico e a falta de tempo, barreiras pessoais relatadas pelos pais que participaram do estudo, vão ao encontro das pesquisas que afirmam a quão exaustiva pode ser a rotina daqueles que se percebem sem o apoio familiar para conciliar as atividades e agendas de seus filhos com deficiência (Sur, *et al.* 2021; Synnot, 2016). Nesse sentido, a literatura aponta que, no intuito de garantir o desenvolvimento mais adequado de seus filhos com deficiência, muitos pais buscam o apoio multiprofissional mais amplo possível, incluindo terapias que envolvam profissionais como psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, entre outros (Felizardo, 2009; Greguol; Malagodi, 2019; Siqueira, 2019), o que torna muitas vezes suas rotinas extremamente cansativas e atribuladas.

Em que pese as dimensões continentais do Brasil e as diferenças culturais observadas, as análises comparativas das barreiras e facilitadores percebidos pelos participantes em função das regiões do país trouxeram diversos pontos de convergência. Alguns exemplos seriam as categorias 'medo que meu filho(a)

seja discriminado ou se frustre' quanto à percepção da barreira pessoal dos pais e a 'falta de políticas públicas', esta última percebida como a principal barreira política de forma unânime nas cinco regiões do país. Nesse sentido, embora a iniciativa do Comitê Paralímpico Brasileiro de massificar o acesso à prática de modalidades paralímpicas através da implantação dos Centros de Referência Paralímpicos seja muito positiva para o país, é do entendimento das famílias participantes que o poder público precisa se fazer presente em relação ao acesso à prática esportiva por pessoas com deficiência (Vieira; Colere; Souza, 2021).

Certamente, há de serem destacados os resultados da iniciativa da criação dos Centros de Referência Paralímpicos por todo o Brasil, haja vista a maciça participação de atletas oriundos deste projeto de formação esportiva representando o país na última Edição dos Jogos Paralímpicos em Paris em 2024 (CPB,2025). Ainda assim, a superação das barreiras percebidas no presente estudo e o fortalecimento dos facilitadores citados também devem ser vistos como essenciais para que ambientes seguros e acolhedores sejam criados, no sentido de fomentar cada vez mais a participação de crianças e adolescentes com deficiência em programas esportivos paralímpicos.

Embora o presente estudo forneça subsídios quanto à identificação das características sociais das famílias das crianças e adolescentes com deficiência que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, bem como quanto às relações existentes entre as variáveis pesquisadas, algumas limitações durante as investigações devem ser pontuadas. O número de participantes por região brasileira não foi equiparado, o que pode ter comprometido algumas análises. Ainda, o formato de aplicação do questionário online possivelmente restringiu a participação de famílias com maior dificuldade de acesso à tecnologia. Não obstante, apesar das limitações elencadas, os dados aqui levantados oferecem subsídios importantes para responder à questão sobre quais fatores sociais são determinantes para que pais de crianças e adolescentes com deficiência insiram seus filhos na prática esportiva paralímpica no Brasil, com destaque para a abrangência da coleta de dados em todas as regiões do país.

## **5. CONCLUSÃO**

A partir dos dados levantados nos Centros de Referência Paralímpicos, pode-se concluir que a maior parte dos respondentes foram as mães provenientes de famílias com predomínio da classe econômica C. Apesar de reportarem níveis relativamente baixos de prática habitual de atividade física, os pais em geral afirmaram apoiar a prática esportiva de seus filhos, sobretudo aqueles de classes econômicas mais baixas. Sobre as barreiras percebidas para a prática esportiva dos filhos, destacaram-se as Dificuldades com o transporte', o 'Medo que o filho seja discriminado ou se frustre' e a 'Falta de políticas públicas'. Já os facilitadores de destaque foram a 'Preocupação com a saúde do(a) filho(a)', o 'Custo financeiro acessível' e o 'Conhecimento do Professor'.

As relações parentais investigadas no presente estudo fornecem importantes perspectivas quanto aos indicadores sociais relacionados à prática de modalidades paralímpicas por crianças e adolescentes no Brasil. Compreende-se, a partir dos dados expostos, que o contexto social das famílias tem relações diretas com o suporte parental percebido pelos pais. Assim, espera-se que o presente estudo contribua para a superação das barreiras existentes entre a prática esportiva de crianças com deficiências e, sobretudo, colabore com o fortalecimento dos facilitadores percebidos pelas famílias. Dessa forma, pode-se esperar que futuramente o acesso a esse recurso tão precioso que é a prática esportiva seja de fato democratizado, uma vez que, ao fornecer apoio social aos pais, pode-se alcançar diretamente as crianças e adolescentes por todo o Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

As referências utilizadas encontram-se dispostas ao final da tese.

---

### **CAPÍTULO 3**

Esporte paralímpico no Brasil: compreendendo as barreiras e os facilitadores através do olhar de mães de crianças e adolescentes com deficiência.

---

### Capítulo 3

#### **Esporte paralímpico no Brasil: compreendendo as barreiras e os facilitadores através do olhar de mães de crianças e adolescentes com deficiência.**

#### **RESUMO**

O entendimento das barreiras existentes para a prática de atividades físicas e esportivas passa por diversos agentes envolvidos no processo. Durante a infância e a adolescência, as práticas são influenciadas em grande medida pelos hábitos e preferências familiares. Dessa forma, a família precisa ser vista como um sistema complexo de relações que, a partir de interações com o ambiente, divide-se em subsistemas que se atravessam e se influenciam entre si. As várias barreiras percebidas, bem como as dificuldades enfrentadas pelos pais de crianças com deficiência, podem interferir diretamente no desenvolvimento dos jovens através da prática de modalidades paralímpicas. Dessa forma, o presente estudo objetivou compreender a associação entre as características sociais e o suporte parental para a prática esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência no Brasil. Para isso, foram analisadas 10 entrevistas, sendo 2 de cada região do Brasil, de mães de alunos com deficiências físicas e intelectuais, participantes dos programas de iniciação esportiva do Centros de Referência Paralímpicos. Para a análise dos dados, foram adotadas as orientações da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e as categorias de análise elencadas foram: Barreiras Percebidas, Facilitadores percebidos, Suporte Parental e Determinantes sociais. Os resultados trouxeram importantes reflexões quanto às questões sociais existentes no Brasil, uma vez que o estudo possuiu abrangência nacional e percebeu realidades semelhantes em todas as regiões do país. As barreiras e facilitadores percebidos em sua maioria não estão relacionados às questões pessoais, pois, de acordo com os depoimentos das participantes, os fatores externos podem vir a dificultar de forma expressiva a prática esportiva paralímpica dos filhos, como a atuação profissional descompromissada, a falta de políticas públicas ou mesmo a falta de conhecimento por parte da sociedade.

**Palavras-chave:** Deficiência; Crianças e adolescentes; Prática esportiva paralímpica Suporte Parental; Fatores socioeconômicos; Barreiras e facilitadores.

## 1. INTRODUÇÃO

O estilo de vida fisicamente ativo é tido como um aspecto de grande relevância para a promoção da saúde de crianças e adolescentes (Ghanamah, 2025; Kitching, 2024). Dessa forma, tanto a prática insuficiente de atividades físicas como o excesso de tempo despendido em comportamentos sedentários por parte dos jovens, como em telas por exemplo, podem acarretar risco aumentado de disfunções crônicas, como obesidade, hipertensão arterial, depressão, entre outros (Hassanein; Adawi; Johnson, 2021). Mesmo diante desse consenso, ainda é elevada a prevalência de crianças e adolescentes insuficientemente ativos, o que pode comprometer seu estado de saúde na fase adulta (WHO, 2020).

Crianças e adolescentes com deficiência constituem um grupo particularmente vulnerável quando se trata de acesso a cuidados preventivos em saúde (Brito *et al.*, 2019). No que tange à prática de atividades físicas, as dificuldades em aderir a um estilo de vida fisicamente ativo tornam-se ainda mais desafiadoras, fazendo com que os comportamentos sedentários sejam muito mais predominantes nesses indivíduos do que em jovens sem deficiência (Laoues-Czimbalmos; Szerdahelyi; Müller, 2021; Longo *et al.*, 2020). Nesse sentido, programas de iniciação esportiva para crianças e adolescentes com deficiência podem ser considerados uma estratégia potencialmente benéfica para a saúde, qualidade de vida e inclusão social, democratizando o acesso a uma prática regular de atividade física (Atkin; Carr; Milton, 2023).

Embora o Censo Demográfico de 2022 aponte que 2,2% dos brasileiros com idades dos 2 aos 14 anos apresentem algum tipo de deficiência (IBGE, 2022), as ações de garantia aos direitos fundamentais para essa população ainda são incipientes. Em uma tentativa de oportunizar o ingresso desses jovens na iniciação esportiva, o Comitê Paralímpico Brasileiro implementou o Projeto Centros de Referência Paralímpicos (CRPB), voltado à massificação da formação esportiva em todo o território nacional (CPB, 2022). Em algumas das cidades atendidas pela iniciativa, os CRPB são a única ação disponível de prática de atividade física para crianças e adolescentes com deficiência. Nesse sentido, a compreensão dos fatores que podem influenciar a participação em tais programas de iniciação esportiva paralímpica torna-se fundamental a fim de

garantir sua continuidade na prática.

A literatura aponta que, entre os fatores que podem influenciar a prática esportiva entre crianças e adolescente, o suporte parental destaca-se como um fator determinante (Cohen *et al.*, 2025; Grady *et al.*, 2025; Ghanamah, 2025). A família pode ser considerada como a unidade básica responsável pelo engajamento de crianças e adolescentes em comportamentos saudáveis e isso é particularmente verdadeiro para a prática de atividades físicas (Hao; Razman, 2025). Nesse sentido, a influência parental é um dos fortes fatores associados à prática de atividade física e esportiva em crianças e adolescentes que pode exercer influência tanto diretamente por meio de apoio e incentivo, quanto indiretamente por meio da modelagem de comportamento (Cheng; Mendonça; Farias Junior, 2014; Harrington; Jarvis; Manson, 2017; Shields; Synnot, 2016).

Além do apoio e influência familiar, outros fatores podem favorecer ou dificultar a adesão e aderência de crianças e adolescentes com deficiência à prática esportiva. Esses facilitadores e barreiras, respectivamente, são considerados pontos de grande interesse quando se busca a massificação da prática esportiva entre jovens com deficiência e podem incluir fatores ambientais, pessoais, sociais e políticos que sejam influenciados pelas particularidades de cada região do país (Longo *et al.*, 2020). Na mesma medida, determinantes sociais específicos também podem atuar de maneira decisiva no engajamento esportivo dessa população (Barratt *et al.*, 2025), o que reforça a necessidade de que sejam compreendidos a partir de diferentes olhares.

Tendo em vista o exposto, a presente pesquisa objetiva investigar as barreiras e facilitadores percebidos por mães de crianças e adolescentes com deficiência que participam da formação esportiva nos Centros de Referência Paralímpicos espalhados nas cinco regiões do Brasil. Ainda, serão abordados aspectos relacionados ao papel do suporte parental e de outros determinantes que possam estar relacionados ao engajamento esportivo dos jovens.

## **2. MATERIAIS E MÉTODO**

### **2.1 Caracterização do estudo**

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa exploratória, a qual buscou compreender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes, bem como dos significados atribuídos por eles



<b>Idade</b>	46	47	49	52	31	40	39	44	36	43
<b>Estado Civil</b> (C) Casada (S) Solteira	C	C	C	C	S	C	C	S	C	C
<b>Escolaridade</b> (FC) Fundamental Completo (MC) Médio Completo (SC) Superior Completo (PG) Pós-graduação Completa	PG	PG	MC	MC	MC	FC	FC	SC	MC	PG
<b>Pratica Atividade Física Regular</b> (S) Sim (N) Não	S	N	S	N	N	N	N	S	N	S
<b>Trabalha</b> (S) Sim (N) Não	S	S	S	N	S	S	N	N	N	S
<b>Características dos filhos</b>										
<b>Gênero</b> (M) Masculino (F) Feminino	M	M	F	M	F	F	M	M	F	F
<b>Idade</b>	11	12	12	12	13	13	13	12	12	12
<b>Modalidade</b> (N) Natação (A) Atletismo	N	N	A	A	A	A	N	A	N	A
<b>Tipo de deficiência</b> (I) Intelectual (F) Física	I	F	I	F	I	F	I	F	I	F

Fonte: a autora.

***Observação:** A seleção das mães que participaram da pesquisa foi feita de forma aleatória a partir da planilha de dados obtida com base na pesquisa quantitativa preliminar. Assim, foram aplicados filtros de busca que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos.*

### 2.3 Instrumentos

A entrevista semiestruturada foi utilizada com a finalidade de buscar informações que norteassem a compreensão sobre as barreiras e os possíveis facilitadores percebidos pelas mães, a influência parental e os determinantes sociais envolvidos na prática esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência. O roteiro da entrevista foi elaborado a partir dos questionamentos que surgiram do aprofundamento teórico realizado ao longo do desenvolvimento da pesquisa, bem como das teorias que embasaram o presente estudo. Dessa forma, foram organizadas 15 questões estruturadas a partir de quatro eixos norteadores: 1) Barreiras percebidas; 2) Facilitadores percebidos; 3) Suporte Parental e 4) Determinantes Sociais (Apêndice C).

## **2.4 Procedimentos de Coleta**

O presente estudo obteve a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Londrina sob o parecer nº5.868.340 (Anexo A). Dessa forma, foi realizado contato com o coordenador do Centro de Referência ao qual essa mãe representava para que o mesmo pudesse encaminhar a mensagem contendo o convite para participar da pesquisa. Após o aceite, o coordenador passava os dados da mãe selecionada e, assim, iniciava-se o contato direto com a participante.

Após esse processo, eram agendados os melhores dias e horários com as mães que faziam parte do estudo. Vale salientar que, no início de cada entrevista, as participantes eram esclarecidas sobre os procedimentos éticos que foram delineados e a qualquer momento da investigação, caso houvesse qualquer desconforto, tinham o direito de desistência sem ocasionar nenhum prejuízo para a participação dos seus filhos nas atividades esportivas que as vinculavam aos critérios de inclusão da pesquisa.

O agendamento foi organizado de forma individual com cada mãe selecionada para participar do estudo. As entrevistas ocorreram de forma online via plataforma *Google Meet* e, com a autorização das participantes, os áudios foram gravados para posterior transcrição e análise. As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um aparelho celular modelo Motorola *Moto z2 Play*, através de um aplicativo gratuito Gravador de Voz – versão 41 (*Quality Apps*) e transcritas com o auxílio do programa de *Inteligência Artificial - Clipto*. Posteriormente, foram conferidas e corrigidas manualmente. As entrevistas tiveram em média 45min de duração, que geraram aproximadamente 18 páginas por entrevista utilizando-se da fonte Arial 12, com espaçamento de 1,15.

### **2.4.1 Entrevistas Piloto**

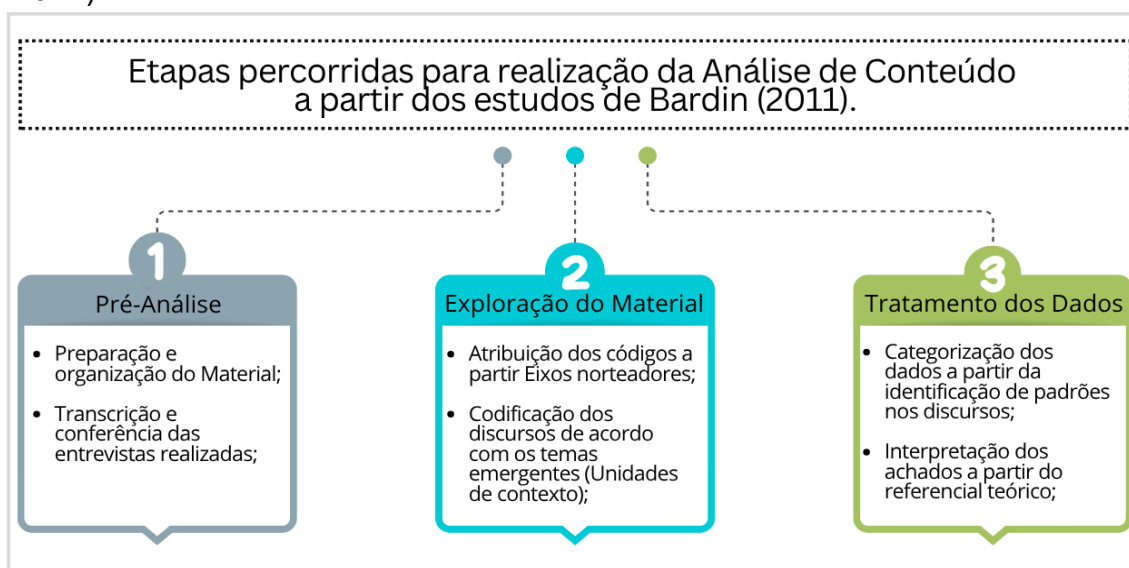
Com a finalidade de verificar a aplicabilidade das questões desenvolvidas e a pertinência prática das mesmas em relação às participantes do estudo, verificar o tempo médio necessário para a realização das entrevistas que seriam agendadas, o grau de compreensão das participantes a respeito das questões, bem como garantir que nenhuma questão pudesse causar algum desconforto durante a realização das entrevistas, foram realizadas duas entrevistas a fim de

testar o escopo piloto elaborado para a presente coleta de dados. Foram voluntárias no estudo duas mães do Centro de Referência Paralímpico de Maringá, sendo uma delas a mãe de um menino com deficiência intelectual e a outra mãe de uma menina com deficiência física, assim como nos critérios de inclusão estabelecidos.

## 2.5 Análise de dados

Após transcritas, as entrevistas foram enviadas as participantes para que as mesmas pudessem corrigir, modificar ou incluir, caso necessário, as informações que transmitiram à pesquisadora no ato da entrevista. E torna-se relevante ressaltar que o discurso de cada participante foi codificado (Ex: Mãe 1 – Aluno 1), com a finalidade de assegurar o anonimato. Em seguida, foram submetidas à análise de conteúdo do tipo exploratória (Bardin, 2011), através da identificação e categorização de palavras ou unidades de significação. A partir dos direcionamentos de análise recomendados pela autora, foram percorridas algumas etapas que asseguraram a organização e coerência metodológica adotada, conferindo assim maior confiabilidade aos dados. As etapas seguem descritas a seguir (Figura 15).

**Figura 15** - Representação das etapas percorridas para análise dos dados do presente estudo a partir dos direcionamentos para Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).



Fonte: a autora.

A partir das etapas descritas, buscou-se organizar as análises de forma que as fragilidades existentes na pesquisa qualitativa, como o risco de reducionismo dos conteúdos ou a generalização dos resultados obtidos (Valle; Ferreira, 2025), não se fizessem presentes na interpretação dos achados. Dessa forma, os temas de primeira e segunda ordem foram agrupados em dimensões estabelecidas em quatro eixos norteadores: 1) Barreiras percebidas; 2) Facilitadores percebidos; 3) Suporte Parental e 4) Determinantes Sociais.

Para os eixos norteadores ‘Barreiras percebidas’, ‘Facilitadores percebidos’ e ‘Suporte Parental’, a identificação dos temas emergentes (1ª e 2ª ordem) esteve atrelada ao referencial utilizado para o aprofundamento teórico do presente estudo, a partir da análise dedutiva, na qual o manuseio dos dados é realizado de acordo com modelos e teorias já existentes (Valle; Ferreira, 2025). A seguir, estão descritas as categorias de análise pré-estabelecidas de acordo com o referencial teórico utilizado. Nos quadros analíticos que seguem, estão organizadas as definições e categorias relacionadas às Barreiras e Facilitadores percebidos (Quadro 5), bem como os tipos de Suporte Parental (Quadro 6).

**Quadro 5 – Organização das categorias relacionadas às Barreiras e Facilitadores pré-estabelecidas de acordo com o referencial teórico utilizado no estudo para análise das entrevistas realizadas.**

<b>Barreiras e Facilitadores percebidos</b>
<p><b>Barreiras</b> – São percebidas como fatores ambientais, sociais ou políticos que podem dificultar o desenvolvimento esportivo de uma pessoa com deficiência. Ainda, podem apresentar-se através de questões atitudinais por meio dos profissionais que direcionam as atividades às quais a Pessoa com Deficiência (PcD) está exposta, bem como por meio do convívio social, interferindo de forma negativa no desenvolvimento de bons hábitos esportivos (Hilgenberg, 2019; Seron, <i>et al.</i> 2021).</p>
<p><b>Facilitadores</b> – A partir do entendimento das barreiras percebidas para a prática de atividades físicas e esportivas por pessoas com deficiência, compreende-se enquanto ‘facilitadores’: comportamentos, sentimentos e condutas que podem contribuir de forma direta para o avanço nas ações voltadas às PcD (Biduski, <i>et al.</i> 2021), sendo essas pessoais ou vindas do convívio social. Dessa forma, a potencialização dos facilitadores deve ser o objetivo das instituições e organizações esportivas voltadas às PcD (Frisina, 2021). Nessa perspectiva, os facilitadores serão interpretados de forma antagônica ao exposto:</p>
<p><i>No Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil (PNUD), Greguol (2017) reporta um compilado de dados sobre as principais barreiras percebidas para a prática de atividades físicas:</i></p>

<b>Ambientais</b>	Falta de transporte, de equipamentos adequados, de acessibilidade arquitetônica e de recursos financeiros para a prática;
<b>Sociais</b>	Falta de apoio de amigos e familiares, de profissionais capacitados, falta de conhecimento e simpatia dos profissionais de saúde;
<b>Pessoais</b>	Dor, fadiga, percepção de que a atividade seja difícil, falta de conhecimento sobre as atividades, receios relacionados à possíveis lesões, frustrações ou discriminação e estratégias pessoais de enfrentamento das barreiras percebidas;
<b>Políticas</b>	Falta de divulgação de informações nos veículos de mídia, falta de políticas públicas que garantam o acesso à prática esportiva para a população em questão e o custo financeiro inacessível;

Fonte: a autora.

**Quadro 6** – Organização das categorias relacionadas aos tipos de Suporte Parental pré-estabelecidos de acordo com o referencial teórico utilizado no estudo para análise das entrevistas realizadas.

<b>Suporte Parental</b>	
<p>Base teórica que olha diretamente para a importante fonte de apoio e direcionamento que crianças e jovens recebem de seus pais / tutores ou responsáveis legais em relação a diversos aspectos importantes para o desenvolvimento durante a infância/ adolescência (Nascimento Junior, <i>et al.</i> 2017).</p> <p>Dessa forma, para as análises dos discursos do presente estudo foram elencadas as categorias a seguir de acordo com os referenciais teóricos que apoiam o desenvolvimento do assunto:</p>	
<b>Incentivos</b>	Incentivos verbais que mencionam a importância da prática, bem como direcionam os comportamentos das crianças e adolescentes em relação à prática esportiva (Hong <i>et al.</i> 2020);
<b>Modelagem</b>	Prática esportiva/ participação ativa dos pais junto aos filhos (Trost, <i>et al.</i> 2003);
<b>Apoio financeiro</b>	Contribuições/ aquisições materiais relacionadas à prática esportiva; transporte para prática (Santos, <i>et al.</i> 2020);
<b>Estrutura familiar</b>	A partir do entendimento de que a família representa um sistema complexo de relações, que divide-se em subsistemas que se atravessam e influenciam entre si, como a relação conjugal, as relações parentais, fraternais, entre outras (Silva; Dessen, 2014), nessa temática encontram-se as categorias relacionadas à essas interações que são mencionadas nas entrevistas realizadas.

Fonte: a autora.

Para o eixo norteador 'Determinantes sociais', a identificação dos temas emergentes (1ª e 2ª ordem) partiu da análise indutiva, que é o ponto de partida sem o estabelecimento de categorias prévias. Nessa técnica de análise, a pesquisadora identificou os temas que foram mencionados de forma repetitiva entre as entrevistas e que estiveram atrelados a pontos importantes dentro dos discursos realizado pelas participantes (Valle; Ferreira, 2025). Cada eixo norteador gerou uma imagem com temas emergentes, que foram exemplificados por recortes pontuais nas falas das mães representantes das cinco regiões do país.

Durante a análise dos dados coletados, verificou-se a recorrência com que a temática relacionada à postura profissional foi mencionada em todas as entrevistas realizadas, bem como no direcionamento dos discursos em relação aos eixos norteadores pré-estabelecidos. Dessa forma, com o objetivo de evidenciar os achados referentes à postura profissional esperada para o ensino de crianças e adolescentes com deficiência, foi desenvolvida a representação gráfico-visual relacionada ao tema a partir da técnica de *Word Clouds* (nuvens de palavras) através do site gratuito *Wordart.com*. Em uma nuvem de palavras, o tamanho e a intensidade de um termo apontam a relevância do mesmo em um determinado *corpus* (Vilela; Ribeiro; Batista, 2020). O tamanho das palavras foi intensificado com a quantidade de vezes que o comportamento foi citado pelas mães. Nessa dinâmica, as palavras tiveram a escala *Likert* de 1 a 10, de acordo com o quantitativo de entrevistas realizadas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com o objetivo de ampliar a compreensão de todos os significados atrelados aos depoimentos das mães das crianças e adolescentes praticantes de modalidades paralímpicas por todo o Brasil, optou-se por organizar a sessão dos resultados obtidos juntamente com as discussões realizadas a partir das investigações na literatura. Ainda, considerando a complexidade dos resultados do presente estudo, os mesmos serão apresentados divididos em quatro sessões relacionadas aos eixos norteadores pré-definidos para a análise dos dados: 3.1 Barreiras percebidas; 3.2 Facilitadores percebidos, 3.3 Suporte Parental e 3.4 Determinantes Sociais.

Assim, os temas emergentes para a caracterização de cada eixo norteador estão organizados de acordo com o discurso analisado de cada participante. Dessa forma, os números dispostos à frente dos temas vão de 0 a 10, de acordo com o total de entrevistas realizadas. Para a discussão dos tópicos, buscando elaborar uma linha de raciocínio potente e que vá ao encontro da literatura vigente, os assuntos foram desenvolvidos de acordo com os maiores quantitativos de frequência, sendo possível a ligação pontual com os demais temas que estejam relacionados.

### 3.1 Barreiras percebidas

**Quadro 7-** Temas emergentes na caracterização das barreiras percebidas pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência para a prática esportiva paralímpica no Brasil.

	Temas de 1ª Ordem	Temas de 2ª Ordem
<b>BARREIRAS</b>	<b>Ambientais</b>	Transporte (n=07) Horário no contraturno escolar (n=02) Tecnologias e Redes Sociais (n=02) Local inadequado para prática (n=02)
	<b>Sociais</b>	Isolamento social da mãe (n=07) Falta de apoio da família (n=07) Falta de amigos (n=03)
	<b>Pessoais</b>	Falta de tempo (n=05) Falta de apoio do cônjuge (n=04) Superproteção do(a) filho(a) (n=03) Limitações físicas causadas pela deficiência (n=03) Dificuldade de socialização (n=02)
	<b>Políticas</b>	Falta de informação (n=05) Falta de políticas públicas que garantam o acesso (n=05) Falta de divulgação na televisão (n=01)

Fonte: a autora.

Quanto às barreiras ambientais percebidas pelas mães participantes do presente estudo, o tema 'Transporte' esteve em evidência nos discursos e trouxe perspectivas de acesso e mobilidade urbana que, mesmo partindo de realidades tão distintas, se atravessam entre si, e fornecem um retrato atualizado de como as dificuldades relacionadas à temática em questão podem impactar negativamente no engajamento esportivo de crianças e adolescentes com deficiência, conforme visualizamos nas falas que seguem:

(M3) Porque aqui é tudo longe, tudo é dois ônibus. Pra onde a gente vai é dois ônibus. E até a Uber não quer vir. Por causa de ter a fama de ser perigoso. Não é. Não é perigoso ter a fama. A barreira que a gente tem é só isso[...]

(M7) [...] Como eu ando de **transporte público** também, os profissionais do transporte público não tratam as crianças bem, nem a mãe. Eu já discuti várias vezes com o **motorista**, porque ele diz que eu não quero entrar pela roleta, ele só quer entrar no meio. E eles querem obrigar ele a entrar pela roleta mesmo quando ele está com o cordão de girassol. Já fui discutir lá, já expliquei, mas não adianta.

(M8) É uma hora e meia. A minha é a capital do centro, eu pego um ônibus, um metrô e outro ônibus. São três conduções pra ir, três pra voltar. Eu tenho o cartão de livre acesso [...] mas é uma luta viu.

Para além das dificuldades relacionadas à distância, como observado na fala da mãe 3, a falta de acessibilidade atitudinal por parte dos motoristas que conduzem esse serviço também foi apontada como uma barreira de acesso. Autores afirmam que os comportamentos e atitudes que profissionais apresentam durante a prestação de serviços são pontos que podem propiciar ou não a adesão de pessoas com deficiência às mais diversas atividades (Antunes; Pinto, 2023). Ainda que o Brasil apresente grande diversidade regional, o país possui leis que são realidade em todo o território nacional, como a gratuidade de acesso aos transportes públicos por pessoas com deficiência e pessoas idosas (Governo Federal, 2025). No entanto, o programa 'passe livre' não garante a qualidade do serviço, nem mesmo a acessibilidade necessária para pessoas com mobilidade reduzida, o que torna necessária a revisão da legislação no sentido de regular adequadamente a atividade.

Contextos em que pais de pessoas com deficiência precisam lutar por seus direitos infelizmente também são realidade no Brasil (Rodrigues, *et al.* 2018). Tais situações podem acarretar processos de isolamento social e impactar significativamente na qualidade de vida dos pais, uma vez que os enfrentamentos envolvem a sobrecarga emocional, especialmente quando relacionados às barreiras de acesso a serviços essenciais (Longo, *et al.* 2020). O isolamento social foi observado no discurso da maioria das mães entrevistadas (n=07), sendo exemplificados nas falas abaixo:

(M3) Eu não tenho colega, eu não saio com colega. Minhas colegas são as cadeirantes lá, lá tem muito adulto, né? [...] Então é uma nova família que a gente tem lá, a gente vai trocando experiência. Aí a gente vê essa força que eles têm, mas amigas fora de lá não tenho não.

(M4) E uma mãe que tem criança, ela não tem tempo nem de fazer as unhas, nem de cuidar do cabelo, você tem que cuidar muito do filho... Imagina ficar batendo papo.

(M8) Porque eu ia ter que parar, eu já pensava que eu ia ter que parar de trabalhar, que ninguém ia querer ficar com a criança deficiente, ninguém vai suportar o que a mãe suporta. E foi o que aconteceu.

Nessa perspectiva, estudos apontam a importância da rede de apoio vinda da família no cuidado de crianças e adolescentes com deficiência para que o enfrentamento das dificuldades seja uma tarefa coletiva, e não individual (Alves, *et al.* 2022). No entanto, as participantes relataram também a falta de apoio vinda da família (barreira social) e do cônjuge (barreira pessoal) como uma triste realidade por elas vivenciada:

(M9) Não, não tivemos nenhum tipo de conversa, não. Porque só é mais eu, ela e meus filhos, né. Ainda não convivo muito com parentes, bem pouco. O pai dela nem conversava direito.

(M4) E aí, da família extra, uma coisa que tem, por exemplo, eu ficava muito chateada porque quando eu coloquei ele no centro de referência, eles viraram pra mim e falavam, “por que você colocou o ‘Aluno 4’ nesse lugar?” eles começam a falar assim, ele não precisa disso não, ele não é deficiente não”. Eles não entendem né, e isso machuca. [...] Eu tive problema com o meu marido. Por ele ser muito calado. Ele é uma pessoa muito tímida. E se fosse conversar com ele a respeito do ‘Aluno 4’. Ele não saberia te responder nada. Porque ele não interagia em relação e deficiência dele. Então assim. Ele não entendia meus sentimentos. As minhas frustrações. Por causa exatamente desse papel. Ele não era participativo...

(M7) [...] (*quando recebeu o laudo médico da deficiência do filho*) Eu me senti mal, chorei, passei um ano presa dentro de casa, escondia da minha família que ele tinha deficiência. O pai dele não me apoiou, disse que quem era doida era eu, que eu estava atrás de problemas, que o menino não tinha nada. Visivelmente não tinha nada, né? Para as pessoas. E ali eu me encontrei assim, no chão mesmo, se eu tivesse um buraco e eu pudesse enfiar a minha cabeça dentro, eu enfiava e eu não queria aceitar.

Tais situações culminam no relato das mães quanto à falta de tempo no que se refere às barreiras pessoais, uma vez que o cuidado de um filho com

deficiência possui diversas camadas, demandas e condições impostas que precisam ser atendidas para que a criança/adolescente seja exposto a possibilidades que favoreçam o seu desenvolvimento biopsicossocial de forma saudável (Frisina, 2021; Greguol, 2017). Os recortes quanto à falta de tempo apontadas pelas mães encontram-se a seguir:

(M2) Eu tenho menos tempo, né? O meu tempo que eu tenho, eu tenho que aproveitar pra ser útil, não pra ficar brincando...

(M4) [...] Menina, o nosso tempo é tão pouquinho que a gente não costuma fazer muita coisa junto, não. Mas o dia que a gente faz, ele fala, mãe, hoje meu dia foi o melhor dia.

(M7) como o meu tempo tá muito corrido, e agora eu tô saindo de uma fase, tipo, de uma rotina, dizer que eu indo pra outra, que é essa rotina que ele tá participando de campeonato, aí no caso, eu tenho que, todos os dias, de segunda a sexta, levar o 'Aluno 7' pra fazer aula de natação, aí chego, aí dou banho nele, almoço, já desço pra escola e volto, eu não paro.

Quanto às barreiras políticas, as participantes do estudo relataram a observação de algumas falhas quanto à divulgação dos serviços oferecidos às pessoas com deficiência em suas cidades, o que acarreta falta de informação para que as mães de jovens com deficiência possam buscar o acesso a serviços importantes para o seu desenvolvimento:

(M4) Então, assim, é falta também de compartilhar, né? Falar, ser divulgado muito. Não é muito divulgado. As redes que são divulgadas, muitas mães não têm muito acesso. Igual eu mesma não tenho acesso. Igual eu não gosto, eu não sei mexer com o celular direito. Tô aprendendo agora. Bom, acho que devia ser falado da televisão, que o povo assiste muito a TV.

(M3)E ela hoje sofre o preconceito e não parece. É mesmo, não parece. Ela é tão esperta. A gente deixa a ignorância das pessoas, né? A falta de conhecimento, né?

(M8) E aí a gente vai de boca a boca com as mães, né? Aí já entrou o WhatsApp, onde melhorou muitas coisas, o mundo virtual, que veio para ajudar muito. E a gente é curioso, a gente tem que se virar. A palavra é essa mesmo, a gente tem que se virar. Aí, conhecendo as pessoas, as mãezinhas, onde tem isso? A gente vai lá, uma indica a outra, como é que faz isso, como é que faz aquilo. Porque senão, a gente não fica sabendo.

Como apontado nas falas das participantes, algumas barreiras parecem ser comuns nas diferentes regiões brasileiras no que tange a participação de crianças e adolescentes com deficiência em programas de formação esportiva paralímpica. Assim, são urgentes ações, sobretudo do poder público, no sentido de que as garantias legais sejam de fato cumpridas e que o acesso às atividades seja facilitado.

### 3.2 Facilitadores percebidos

Quanto aos facilitadores percebidos pelas mães, os temas que emergiram durante as entrevistas realizadas ressaltam o caráter multifacetado que o cuidado de crianças e adolescentes possui.

**Quadro 8** - Temas emergentes para caracterização dos facilitadores percebidos pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência para a prática esportiva paralímpica no Brasil.

	Temas de 1ª Ordem	Temas de 2ª Ordem
<b>FACILITADORES</b>	<b>Ambientais</b>	Autonomia para locomoção (n=06) Transporte próprio (n=04) Local adequado (n=03) Transporte público adequado (n=02)
	<b>Sociais</b>	Postura do professor (n=10) Suporte profissional para a prática (n=07) Apoio familiar (n=06) Contato entre mães atípicas (n=04) Convívio com os pares com deficiência (n=04) Reconhecimento dos pares sem deficiência (n=03)
	<b>Pessoais</b>	Religião (n=06) Resiliência pessoal (n=05) Auxílio no desenvolvimento social (n=05) Formação superior da mãe (n=04) Boa percepção de competência do aluno (n=04) Aceitação da deficiência (n=03) Gostar das atividades que pratica (n=03)
	<b>Políticas</b>	Divulgação (n=08) <i>(televisão/ redes sociais/ palestras informativas/ rádio/ em escolas/ clínicas de fisioterapia)</i> Existência de programas específicos para PcD (n=05)

Fonte: a autora.

O tema emergente 'autonomia para locomoção' foi percebido pelas participantes do presente estudo como um facilitador para o engajamento nas modalidades paralímpicas oferecidas nos Centros de Referência Paralímpicos

Brasileiros, mas sobretudo como a autonomia adquirida dentro de casa pode impactar no bom desenvolvimento esportivo dos seus filhos, conforme se observa:

(M2) [...] Ele consegue fazer praticamente tudo. Ah, ele se vira, ele anda de skate, ele tem a cadeira motorizada dele, então ele também se locomove com a cadeira para cima e para baixo. Em casa, ele sempre anda no chão. E na escola e no Centro de Referência, então, ele utiliza a cadeira para cima e para baixo.

(M10) [...] E eu falei para ele (*marido*), talvez se ela usasse a cadeira de roda em casa, ela teria mais autonomia. E de fato aconteceu isso. Tem um mês que ela está usando a cadeira aqui dentro de casa. E aí ela se serve sozinha, vai na pia, na janta, por exemplo, que a gente não coloca na mesa, fica lá na pia, ela pega a vasilha, o prato, ela serve a comida dela, põe no microondas, leva pra mesa, leva pra pia, tá cozinhando, coisa que antes ela tinha muito medo de desequilibrar e cair no fogão. Ela tá aprendendo a cozinhar ovo sozinha, fazer ovo lá na frigideira. Então, assim, indiscutivelmente, a cadeira trouxe mais autonomia do que a gente pensava ao contrário [...] E lá (*Centro de Referência*), eu vejo que ela fica com aquela cadeira pra lá e pra cá!

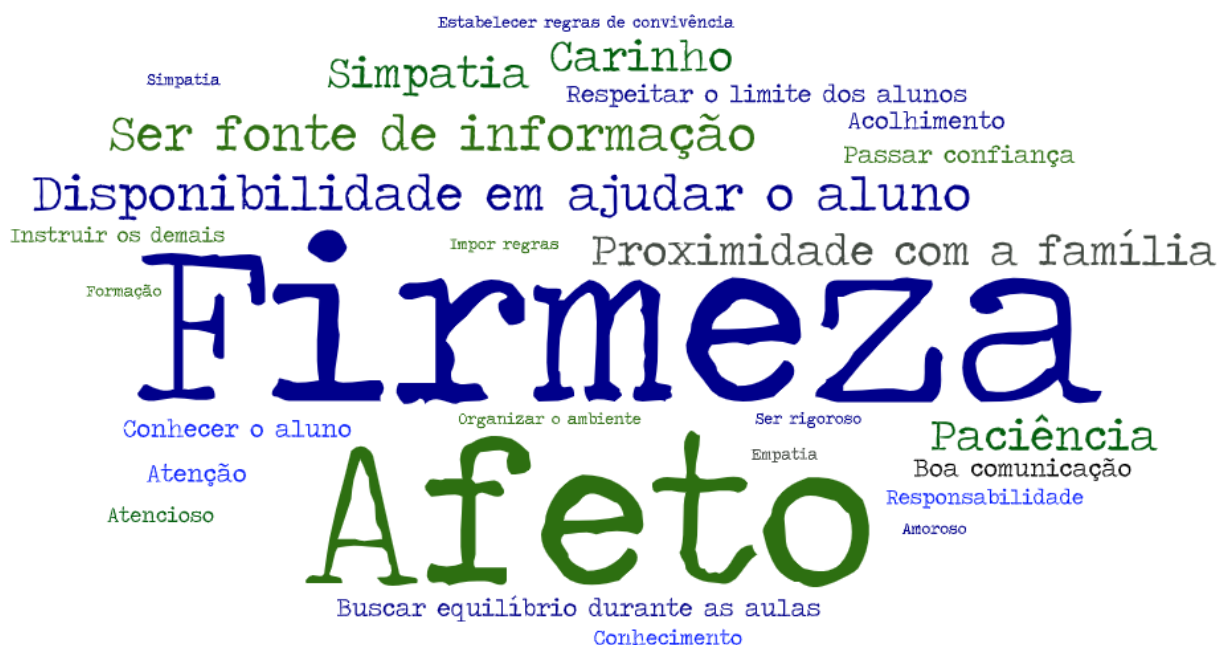
(M9) Ah, (*as atividades praticadas no Centro de Referência*) ajudou bastante coisa nela! É que ela mudou muito o jeito dela. Até quando ela andava bem devagar, né. Agora ela anda mais rápido. Porque agora ela corre lá, né. Ajudou até no equilíbrio dela em casa.

Relatos assim corroboram com achados na literatura, que reforçam o quanto o desenvolvimento da autonomia de crianças e adolescentes com deficiência é essencial para a sua percepção de competência (Bianconi; Munster, 2023; Martínez; Matas; Fernández, 2022). Ao sentir-se competente e autônomo, o indivíduo tende a permanecer engajado em atividades que possam vir a contribuir de forma significativa para a adoção de estilos de vida saudáveis (Greguol; Malagodi, 2019), que é particularmente relevante para pessoas com deficiência, vista a maior ocorrência de comorbidades nessa população.

Entre os facilitadores sociais apontados, houve unanimidade no discurso das mães apontando a postura profissional como o principal ponto de atenção que favorece o envolvimento dos seus filhos na prática das modalidades paralímpicas, assim como o suporte profissional relatado pelas participantes para a prática esportiva dos seus filhos (n=7). Dessa forma, para melhor explorar o assunto, foi desenvolvida a representação gráfico-visual (Figura 16)

relacionada ao tema a partir da técnica de *Word Clouds* (nuvens de palavras).

**Figura 16** – Nuvem de palavras gerada a partir dos apontamentos feitos pelas participantes sobre a postura profissional almejada no atendimento das crianças e adolescentes com deficiência.



Fonte: a autora - *Elaborado a partir do site Wordart.com.*

As palavras relacionam-se com os comportamentos esperados e, em muitas situações, observados pelas mães na realização das atividades desenvolvidas pelos profissionais que atuam nos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros junto aos seus filhos. O acolhimento apontado pelas mães vai além dos locais de prática e se estende às famílias, sendo o afeto percebido pelas participantes como o ponto crucial para o desenvolvimento de laços que vão ao encontro do ambiente que as mães buscam proporcionar aos seus filhos dentro de casa, contribuindo assim com a permanência do aluno nas atividades (Biduski, *et al.* 2021):

(M5) Ah o afeto, primeiro, né? Responsabilidade, tem que ter muito amor, que é o principal, né? Que eles têm. Muito amor para lidar, compreensão, a responsabilidade e o respeito também. Como a gente fala, um bom conhecimento de todo tipo de deficiência e da questão de como saber lidar. Isso são os principais, né? Mas quando você tem o primeiro ponto, amor, pelo que você faz, então esses outros vocês já estão incluídos em tudo, né?

(M8) Principalmente a empatia, é o que eles têm. Isso sobre o profissionalismo deles, eles não têm, não medem distância,

independente desse tipo de deficiência que todos eles lá têm. São todos tratados igual. São todos bem respeitados.

(M3) O carinho, também é muito bom, não é só aquele negócio de atleta, não sei o que, né, tem o respeito, né, por eles, respeito também é, por ser criança, por ser menina, tem o respeito, você sabe do que eu tô falando, físico, né, pra ir, pra me mandar minha filha pra São Paulo, um homem, então, tem que haver, eles têm que passar essa confiança, né, a confiança deles com a gente, né. E eu respeito o carinho, isso, o carinho que eles têm pelas crianças e, melhor de tudo, né, que a gente sabe, a capacitação deles.

As mães apontam situações de encorajamento para a prática esportiva paralímpica que direcionem seus filhos para a participação efetiva, sendo possível a observação do quanto as entrevistadas anseiam que os conhecimentos fornecidos aos seus filhos sejam passados com firmeza, buscando um ensino voltado para as suas reais necessidades de aprendizado, sem que o capacitismo esteja envolvido no processo (Mckenzie; Willis; Shields, 2021):

(M4) Acho que o treinador tem que ter firmeza. E eu vejo muita firmeza nos treinadores. Eu acho bacana isso, mas também tem aquela hora do afeto, tem aquela hora do carinho, da atenção. Então, tem que ter as duas partes. Tem que ter a firmeza e tem que ter aquela parte afetiva.

M2) Eu acho que eles têm que ser um pouquinho de cada. Como ele está nessa fase da competição, eu acho que você não pode ser muito só de passar a mão na cabeça. Você tem que ver a limitação da criança, não dá para forçar demais, mas também não dá para deixar frouxo. Tem que ter o meio termo ali. Ele era muito querido, muito amoroso quando não estava na aula, quando estava conversando, não sei o quê, mas quando era treino, era treino. Ele chamava atenção, ele puxava, falava sério quando precisava.

(M7) As características é você estar de bem, a educação que nem todos têm, a consciência que aquela criança precisa da ajuda da pessoa, do profissional, porque se a mãe vai buscar atrás de um profissional, ela vai querer um profissional bom. O filho dela tem desenvolvimento através daquele profissional. Mas, contudo, resumindo, mais amor, mais carinho. [...] o que eu diria aos profissionais que estão na área, que antes de tudo ele visse o lado ser humano [...] porque às vezes as pessoas nem é profissional, mas trata a criança igual profissional, mas ele não tem certificado, não está profissional, está só começando.

Conforme os discursos das mães apontam, independentemente da

deficiência, busca-se no cenário esportivo um professor que ensine com responsabilidade, que seja atencioso e respeite os limites dos seus alunos, mas, sobretudo, que possua firmeza nos momentos necessários no decorrer das aulas. Conforme destacam Munster, Bacciotti e Pereira (2023), considera-se um ambiente apropriado para o desenvolvimento de crianças e adolescentes com deficiência aquele que não realiza nenhum tipo de distinção durante as possibilidades de ensino, evitando assim a estigmatização e o capacitismo.

Quanto aos facilitadores pessoais, a religião foi percebida com frequência na fala das participantes, sendo esse tema emergente apontado como um importante fator não apenas no processo de aceitação do diagnóstico, mas principalmente para o enfrentamento dos desafios existentes no cotidiano da maternidade atípica. Tais apontamentos podem ser observados nas falas a seguir:

(M10) Quando você descobre uma deficiência do filho, você fala, eu vou fazer o melhor que tiver pra ela. E com o tempo você vai vendo que, tá, tem o melhor, tem o bom também, que não precisa ser o melhor. Que com o bom também dá certo. E nisso você vai aceitando que você não precisa ser 10 em tudo. Você pode ser 7, 8 e tá tudo bem. E a vida vai ficando mais leve, né? A religião me trouxe esse conhecimento de que autopiedade, não. A gente se acaba demais com esse sentimento de autopiedade. E achando que a gente tem que ter isso, equilibrando isso na nossa vida, fica mais leve. [...]Nos traz a calma [...]Senão, eu acho que eu estaria pirada, já estaria tomando não sei quantos remédios aí [...] mas tudo isso é muito importante, porque é onde está a nossa calma.

(M7) Aí eu disse que não, que eu não queria aceitar, que eu não estava conseguindo apoio de ninguém, a não ser só de Deus e eu, né? [...]Mas hoje eu me sinto orgulhosa e para mim percorrer esse caminho todo, que não foi fácil, de três anos a três, que ele vai fazer 14 esse ano, e ver o desenvolvimento do 'Aluno 4', e para mim é gratificante e valeu a pena tudo o que eu passei.

(M3) Eu sou evangélica, né? Na época era da Igreja Batista. Aí, sei lá, sempre gostou de ir pra igreja, sempre foi muito bom pra gente, para a 'Aluna 3', ela participa dos grupos, trabalha nas obras lá na Igreja [...] A gente vive aqui nesse nosso mundo. Entre terapias, igreja, passeio. Nesses passeios, a gente aproveita a gratuidade...

Observa-se que o enfrentamento das dificuldades diárias vivenciadas pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência participantes do estudo são minimizadas em ambientes onde o acolhimento e o respeito às diferenças

são percebidos. Nesse sentido, é correto afirmar que ambientes sociais considerados seguros pelos pais e responsáveis podem garantir melhores condições de desenvolvimento (Mckenzie; Willis; Shields, 2021), e que o amadurecimento das habilidades adquiridas nesses espaços é potencializado a partir do apoio recebido no convívio social estabelecido (Qi; Cai; Meng, 2021).

No tocante dos facilitadores políticos, as mães apontaram (n=8) a divulgação dos serviços voltados às pessoas com deficiência como o principal ponto para o acesso às práticas que benéficas para o desenvolvimento saudável dos seus filhos. Esses relatos vão ao encontro de estudos que apontam a divulgação de informações como uma condição básica para a massificação do acesso aos serviços tão necessários para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência (Munster, 2023). Nos discursos, foram observadas diferentes vivências e sugestões para que sejam realizadas as divulgações dos serviços (televisão/ redes sociais/ palestras informativas/ rádio/ em escolas/ clínicas de fisioterapia):

(M2) De vez em quando ele aparece na televisão, porque o Paradesporto também faz muita propaganda com ele, né, então, eles falam lá na escola: “ah, esse é o meu amigo, o ‘Aluno 2’, ah, ele estuda comigo, e tal”. E assim eles ficam sabendo que ele é atleta né, e aí as outras pessoas com deficiência veem também, né?!

(M10) E aí depois eu vi nas redes sociais, compartilhei, mandei para as outras mães que eu já conhecia de crianças com deficiência e tal. Nossa, eu fiquei muito empolgada com essa possibilidade

(M7) A gente foi lá porque agora está sendo mais divulgado, mas antes não era muito divulgado não, porque o pessoal achava que era só para quem era cego. Aí, agora, como estão descobrindo que lá atende todas as deficiências e tal, aí está ampliando, né? As pessoas estão atrás...

(M8) Aí um certo dia, na faculdade da minha filha, foi para uma palestra. E o palestrante era o professor lá do Centro de Referência. A palestra foi sobre inclusão e deficientes. Aí ela se interessou por causa do ‘Aluno 8’. Quando acabou tudo, ela esperou ele terminar e foi atrás dele [...] Daí eu liguei e a gente já foi no dia seguinte.

De um modo geral, nos relatos destacados sobre os facilitadores percebidos para a prática de atividades esportivas paralímpicas pelos filhos com

deficiência, observa-se que as mães mostraram valorizar fatores ligados ao acolhimento e postura profissional daqueles que conduzem as atividades nos Centros de Referência. Ainda, aspectos ligados à religião, assim como o acesso às informações disponíveis, sobressaem-se como pontos favoráveis no processo de aceitação da maternidade atípica e de busca pelos melhores serviços para seus filhos.

### 3.3 Suporte Parental

Os apontamentos das mães das crianças com deficiência sobre as percepções do suporte oferecido por elas aos seus filhos praticantes de modalidades esportivas paralímpicas nos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros foram observados a partir dos temas emergentes baseados nos estudos que abordam a temática e encontram-se dispostos abaixo (Quadro 9):

**Quadro 9** - Temas emergentes para caracterização do Suporte Parental constatado pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência para a prática esportiva paralímpica no Brasil.

	Temas de 1ª Ordem	Temas de 2ª Ordem
<b>SUPORTE PARENTAL</b>	<b>Encorajamento</b>	Preocupação com a saúde do(a) filho(a) (n=08) Suporte voltado ao processo (n=08) A importância do incentivo familiar (n=07) Incentivo pela melhoria individual e contínua (n=07) Comunicação clara com o(a) filho(a) (n=07) Incentivo à busca por novos conhecimentos (n=03)
	<b>Modelagem</b>	Mãe praticar atividades junto com o(a) filho(a) (n=03) Pai praticar atividades junto com o(a) filho(a) (n=02) Atividades realizadas em família (n=02)
	<b>Apoio financeiro</b>	Leva para praticar (n=10) Organização da rotina familiar (n=10) Aquisição de Materiais esportivos (n=03)
	<b>Estrutura familiar</b>	Proximidade com o(a) filho(a) (n=07) Relações de afeto entre mães filhos (n=06) Suporte do cônjuge (n=06) Relação com os irmãos (n=03)

Fonte: a autora.

Quanto ao primeiro tema, o 'Encorajamento', que é apontado como a importante fonte de direcionamento quanto aos comportamentos durante a infância e adolescência, foram observados a partir dos discursos das

participantes temas que contribuem de forma significativa para a continuidade da prática esportiva paralímpica das crianças e adolescentes com deficiência. Ao total, foram elencados seis temas emergentes de 2ª ordem: Preocupação com a saúde do(a) filho(a) (n=08); Suporte voltado ao processo (n=08); A importância do incentivo familiar (n=07); Incentivo pela melhoria individual e contínua (n=07); Comunicação clara com o(a) filho(a) (n=07); Incentivo à busca por novos conhecimentos (n=03). É importante ressaltar que todos os temas categorizados foram direcionados a partir das teorias que embasam o presente estudo.

As temáticas que relacionam a preocupação com a saúde do(a) filho(a) e o suporte voltado ao processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes com deficiência são mais bem compreendidos a partir dos trechos que seguem:

(M2) Nunca tive o intuito de ser um esportista, de praticar isso, não sei o quê. Sempre foi pensando no melhor condicionamento físico dele, no bem da vida dele. E tanto é que eu não sei se ele vai levar isso para frente. Eu sou muito pé no chão, assim. Apesar dos professores dizerem que não, que ele tem chance, que não sei o quê [...] conforme for, a gente vai continuar, porque é um exercício físico, né, isso faz bem pra ele, mesmo porque ele não se movimenta muito, ele fica mais ali nos jogos e tal, e faz bem para a saúde dele, né?

(M10) Eu sempre tive em mente de que a atividade física era importante para ela. Confesso que eu não sou a pessoa mais amante de atividade física, mas enquanto criança e adolescente eu amava. Eu era daquelas que eu fazia esporte, quando tinha as Olimpíadas escolares eu estava em vários esportes, eu gostava muito. E eu sempre tive que ela também deveria fazer esporte, só que pra ela eu sei que é mais difícil.

(M5) Principalmente se eu trabalho muito com o eu, eu falo toda hora, eu fico em cima, né? Você tem capacidade, você vai conseguir coisa melhor. Então, queira sempre algo melhor na sua vida. Não é porque a gente tem um problema que a gente não consegue. Consegue sim. Mas olha, a gente passou por essa dificuldade. Então, aprenda sempre. Eu não vou fazer isso. Vou dar valor a isso. Ela está entendendo, sabe? Dai assim ela vai seguindo! (*na prática esportiva*)

A literatura aponta que o encorajamento vindo da família é fator preponderante para a permanência de crianças e adolescentes com deficiência na prática de atividades físicas (Ku; Jin, 2022). Dessa forma, o encorajamento expresso nas falas das mães aponta para a necessidade de superação das adversidades, demonstrando uma preocupação de que seus filhos acreditem no

seu potencial.

Quanto ao tema 'modelagem', que seria a prática esportiva em conjunto dos pais e dos jovens com deficiência, torna-se importante observar a baixa frequência com que foram relatadas tais situações entre as participantes. Nessa perspectiva, acredita-se que a fala a seguir retrate de forma assertiva a realidade vivenciada pelas mães de crianças e adolescentes com deficiência quanto à não regularidade na prática de exercícios físicos:

(M07) É, antes, antes de eu ter o 'Aluno 7', eu praticava bastante, né? Eu fazia academia. Aí depois que eu tive ele, eu perdi o interesse de cuidar de mim. Não é que eu me larguei, é porque assim, a rotina me deixou cansada e eu não quis buscar mais essas coisas, eu não consegui. Mas assim, pra mim, como eu tenho essa rotina eu já canso bastante e fico ensopada (*risos*) [...] Eu sei que não é esporte, né? Mas pra mim, tem que ter força e coragem, né? Porque, ó, você cuidar de casa, ir pra atendimento, ir levar pra escola, trazer, aí cuidar da bebê, ir pra natação com ele, voltar, pra mim já é um esporte!

A literatura aborda de maneira abrangente a dificuldade encontrada por pais de pessoas com deficiência em reservar momentos de autocuidado (Brito, *et al.* 2019; Miranda; Mendoza, 2021), o que pode comprometer sua saúde e qualidade de vida, gerando enorme sobrecarga física e emocional. Assim, a compreensão da dificuldade que as mães apresentam em cuidar delas próprias enquanto dedicam-se aos cuidados dos filhos é essencial para que as abordagens profissionais relacionadas à temática sejam realizadas de forma respeitosa e com acolhimento.

Ainda na mesma questão, os temas emergentes no presente estudo em relação ao 'Apoio Financeiro' baseiam-se na organização da rotina familiar para que as crianças e adolescentes continuem se desenvolvendo a partir das práticas esportivas paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros. Ademais, foi relatada de forma unânime a dedicação das entrevistadas quanto às atividades de 'Levar para praticar (n=10)' e de 'Organização da rotina familiar (n=10)', que serão mais elucidados a partir dos relatos que seguem:

(M3) Eu saía de casa cinco e pouca da manhã pra estar lá às sete, porque também não podia chegar lá com a barriguinha cheia pra fazer fisioterapia. Então tinha todo um trâmite. Aí eu chegava na central, dava o leite pra ela pra dar um tempo, até pegar o metrô e chegar lá na Praça Onze pra poder, né, chegar

lá e ela não botar o mamazinho pra fora. Aí fomos indo, fomos indo, fazendo fisioterapia, cavalo, aí cavalo, fono e terapias. [...]Eu sou muito organizada. Até hoje com as atividades dela eu sou muito organizada. Anoto na agenda de papel ainda, que eu não abro mão da minha agenda de papel. Então, eu me organizo muito, até mesmo, pra não sacrificar ela também.

(M7) Na nossa rotina da semana a gente conversa muito. A gente ri muito pelas coisas que a gente conversa. Eu faço isso diariamente. É eu andando com ele, conversando, perguntando. Porque isso já é uma rotina de antes, né? Desde pequenininho, porque eu queria que ele me dissesse o que acontecia sem ele estar comigo. Aí, pra mim, ficou uma rotina. E quando ele chegou, como foi a aula? Aí, tipo, é todos os dias. Eu converso com ele todos os dias. Parece aquele rádio. Aí, como eu pego ele e vou para a aula de natação. Aí, nesse meio tempo, a gente vai conversando sobre o que ele passou o dia. Mas é rotina da gente mesmo.

A entrega diária relatada com tantos detalhes pelas entrevistadas vai ao encontro de estudos que afirmam a relevância dessa organização para o desenvolvimento de crianças e adolescentes com deficiência. A este respeito, a literatura vigente aponta que tais esforços podem vir a impactar não somente os indivíduos que desejam iniciar em modalidades esportivas, como também em situações futuras relacionadas ao treinamento de atletas que possam ser revelados a partir dos programas de iniciação esportiva paralímpica (Sur, *et al.* 2021; Synnot, 2016; Vieira; Colere; Souza, 2021). Algumas falas são destacadas a seguir:

(M2) Então, assim, foi, não vou te dizer que sempre foi um mar de rosas, né? A gente sente, às vezes [...] Mas de um modo geral. Eu vejo que as crianças aceitaram bem ele também, e isso me deixa feliz. Tanto no início, quanto nos dias atuais.

(M8) Durante a semana, nós só desgrudamos na hora que ele tá na escola. [...] Porque a rotina da gente é bem puxada. Até quando... Eu trabalho autônomo hoje, vendo umas besteiras. Até quando eu vou vender, vou entregar. Se eu não comprar, ele vai comigo vender, ele vai entregar. Ele faz tudo comigo. Tudo que você imaginar.

(M7) Outra coisa também que eu tenho que falar. Independente, como eu falei no começo, independente se o pai, a família apoiar, quem tem que apoiar é a mãe. Porque ela não tem que esperar eu ter que ter a ajuda do meu marido, ter que ter a minha ajuda da minha família. Não, é sua, é sua e sua. Porque se você não fizer isso, ninguém vai fazer, não. Se eu fosse esperar pelo pai dele, o que ia acontecer? Eu ia ficar em casa com o 'Aluno

7' e ele ia piorar, ia chegar um ponto de quando eu corresse atrás, eu já não ia ter o resultado que eu tive hoje.

Dessa forma, acredita-se que os relatos das mães que participaram do estudo trazem a consciência da entrega diária e, sobretudo, da satisfação que sentem em se organizarem dessa forma quanto ao tema emergente, 'proximidade com o(a) filho(a)', na categoria 'Estrutura familiar'.

### 3.4 Determinantes Sociais

Com relação ao tema 'Determinantes Sociais', a partir do discurso das mães das crianças e adolescentes com deficiência representantes das cinco regiões do país, foram destacadas quatro categorias (temas de 1ª ordem). Destes, emergiram ao total 15 subcategorias (temas de 2ª ordem) (Quadro 10), os quais serão mais bem exploradas a partir das falas destacadas.

**Quadro 10** - Temas emergentes para caracterização dos Determinantes Sociais identificados a partir do discurso das mães das crianças e adolescentes com deficiência que influenciam na prática esportiva paralímpica no Brasil.

	Temas de 1ª Ordem	Temas de 2ª Ordem
<b>DETERMINANTES SOCIAIS</b>	<b>Socioeconômicos</b>	Esporte como meio de ascensão social (n=07) Competição para conhecer novos lugares (n=06) Condições financeiras favoráveis (n=03)
	<b>Ocupação atual</b>	Sobrecarga por afazeres domésticos (n=05) Cuidados integrais à família (n=04) Revenda de cosméticos (n=04) Trabalho da mãe* (n=03)
	<b>Fatores culturais</b>	Desenvolvimento Social a partir do esporte (n=07) Visibilidade social a partir do esporte (n=05) Autocobrança materna (n=05) Atividades ao ar livre (n=03)
	<b>Acesso à serviços</b>	Plano de saúde (n=09) Saúde mental das mães (n=03) Falta de acesso à serviços que contribuiriam para o desenvolvimento do(a) filho(a) (n=04)

Fonte: a autora.

No tema 'Socioeconômico', foram frequentes os apontamentos relacionando o esporte como um meio de ascensão social para as crianças e adolescentes praticantes das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros:

(M8) E o que me despertou também, eu não vou mentir, sobre o Centro, o que eu procurei saber, como era que funcionava, é sobre o Bolsa Atleta, que eles vão ganhar dinheiro, né? Isso já vai ajudar muito aqui em casa!

(M4) E me surpreendi quando eu fiquei sabendo que não, que não era nada disso, que era uma coisa séria, que poderia mexer até com o futuro dele, que isso pode levar pro futuro. Um profissionalizante, entendeu? Ele fala comigo agora, é minha profissão!

(M9) Foi bom, né, ver a minha filha correndo, participando. Fiquei feliz. [...] ela queria desistir, já, né, desse projeto. Mas eu falei pra ela que é uma oportunidade, né, pra ela ser algum atleta lá na frente, né. Ganhar bastante medalha!

No estudo realizado por Cardoso (2016) com atletas paralímpicos brasileiros, o autor constatou que de fato o tempo de ascensão na carreira esportiva de um atleta com deficiência é significativamente menor quando comparado a um atleta sem deficiência que tem sua iniciação esportiva e busca chegar às competições de alto nível competitivo. Ainda nas entrevistas realizadas pelo pesquisador, foi observado que o contexto social do atleta paralímpico pode ser modificado positivamente a partir dos ganhos financeiros e sociais relacionados à sua prática esportiva. Dessa forma, as possibilidades de ascensão social relatadas pelas mães são pertinentes e vão ao encontro dos achados citados.

Da mesma forma, são reportadas expectativas de que a prática esportiva possa ser um meio de conhecer novos lugares, como ilustram as falas a seguir:

(M4) Há poucos dias agora o 'Coordenador 4' falou com ele assim, 'Aluno 4', você vai para São Paulo? Você vai fazer o que lá? *Ele ia competir*. Ele respondeu assim: eu vou conhecer o Parque da Mônica! Eu acho que o 'Coordenador 4' tava querendo fazer uma filmagem pra pôr lá no *Instagram*, no *YouTube*, né, pra passar. Eu falei, meu Deus, meu filho, não era isso que ele queria saber! *Risos...*

(M5) Hoje ela fala assim: mãe, eu vou conseguir porque lá tem viagem pra todo lugar. Eu vou conseguir ser alguém [...] Então, tipo assim, ela botou a cabeça no tempo de fazer isso porque tem um objetivo.

Quanto ao tema 'Ocupação atual', a categoria buscou reunir assuntos que foram emergindo dos discursos das participantes em relação às suas realidades diárias quanto à permanência dos seus filhos na prática das modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros.

Os temas de segunda ordem se correlacionam de forma direta, uma vez que a sobrecarga relatada devido aos afazeres domésticos (n=05) é vivenciada por todas as mães, sobretudo por aquelas que se dedicam integralmente aos cuidados da família (n=04).

Foi observado um padrão no tipo de ocupação das mães, que, para conseguir conciliar as rotinas, optam pela revenda de cosméticos (n=04) de forma autônoma e com flexibilidade de horários. Ainda, torna-se importante salientar que apenas o trabalho das mães foi mencionado (n=03), sendo a ocupação dos cônjuges um assunto não mencionado por nenhuma das participantes. Nessa perspectiva, Barratt, *et al.* (2025) em seu trabalho de revisão sistemática analisaram as duas possibilidades de trabalho desempenhado pelas mães: aquele que é valorizado socialmente e possui remuneração, e aquele que é invisibilizado socialmente, porém essencial para o desenvolvimento dos seus filhos com deficiência. Os autores constataram que as mães de crianças com deficiência tendem a sacrificar sua saúde física e mental em função do bom funcionamento de seus lares e salientaram a importância de pesquisas que investiguem a fundo essa temática tão dura e sensível. Tais achados vão ao encontro dos discursos que seguem:

(M2) E aí, tipo, trabalho o dia inteiro, né? Depois tem que ir pra cozinha, já tem que preparar o almoço pro dia seguinte, não sei o quê. E aí ele me chamou, mamãe, vamos brincar? Eu disse: 'Cristo, eu tenho 500 mil coisas pra fazer, como é que eu vou parar pra brincar?' Mas eu vou, né, nem que seja um pouquinho.

(M4) Aí, eu me sobrecarreguei, porque eu tinha ele, que era uma criança especial, que precisava muito de mim, e tinha ela (*primeira filha*), que também precisava de mim, e eu não dei aquele apoio do meu marido dentro de casa, sabe?

(M8) Não tem que jogar pra ninguém, porque isso foi posto a você. Agora, se você não quer... Como aconteceu comigo, eu me privei, eu privei minha vida, eu privei minha profissão pra tomar conta do meu filho, com orgulho. Sou uma mãe de uma criança com deficiência, com orgulho. Não tenho o que questionar, não tenho vergonha, não tenho preconceito. Senti na pele o que várias mães já sentiram e superei, e cada dia é um passo, cada dia é um passo novo que a gente dá, porque todos os dias a gente sofre [...] Não foi fácil, na verdade nunca é né?

Quanto ao tema 'Fatores culturais', foram observados importantes relatos das mães representantes das cinco regiões do Brasil sobre situações em que o

esporte foi determinante no processo de inclusão social e, sobretudo, na contribuição que a prática esportiva teve no desenvolvimento social dos seus filhos, conforme verifica-se nos trechos abaixo:

(M3) Às vezes a gente só vê na televisão as pessoas falando assim, não porque o esporte muda a vida da criança. A gente vê assim, né? Só teve contato, né? A gente não, não. É verdade, né? A criança tem o que fazer. Mas depois que a gente vê que mudou a vida, ela mesmo fala: “mamãe, o Centro de Referência mudou a minha vida”

(M8) Não tem dificuldade de interagir, não tem dificuldade de amizade, não tem dificuldade de preconceito, porque psicologicamente ele foi bem preparado pra tudo. E ainda hoje eu converso com ele sobre preconceito. E ele diz que isso não importa. Que o que importa é a família que ele tem, que acolhe, que ama. E depois que a gente conheceu os paratletas, foi que a vida dele mudou radicalmente, porque ele viu que tem pessoas igual a ele.

(M9) É que falaram que era bom esse projeto pra ela. Ela tá desenvolvendo mais, né. Porque ela é bem grudada a mim. Agora ela viaja sem mim, né. Ela não saia pra lugar nenhum.

(M7) hoje ele está sabendo nadar, hoje ele está sabendo as modalidades, que até então eu também nem sabia, eu pensava que era só nadar e chegar lá e pegar a medalha. Hoje ele sabe das quatro modalidades, no caso é cinco, né? As modalidades, hoje ele sabe fazer virada, assim, coisas significativas que eu não sabia nem que existia, nem ele sabia, hoje ele já está sabendo.

Falas como essa valorizam a prática esportiva por pessoas com deficiência, não somente quando realizada na infância/ adolescência. Observa-se que mães atípicas buscam constantemente ambientes onde seus filhos sejam tratados com igualdade de oportunidades para que possam, assim, transpor as barreiras sociais impostas ao seu desenvolvimento pleno e efetivo junto à sociedade (Frisina, 2021). Nesse sentido, foram observados importantes relatos quanto à visibilidade social que a prática esportiva de modalidades paralímpicas trouxe às crianças e adolescentes com deficiência, a partir do olhar das mães:

(M4) A camisa vinha escrita assim, Atleta Paralímpico. Quando eles entravam dentro do ônibus e todo mundo olhava, batia o olho assim, Atleta Paralímpico, aquilo ali parecia que tinha um respeito, sabe? Dar lugar para a criança. Teve um dia que o ‘Aluno 4’ estava com a camisa de frente e com o cordão de autismo no pescoço. Eu escutei o murmúrio de uma pessoa assim, hoje todo mundo é autista. Todo mundo é autista, todo

mundo é autista. Mas quando o Dudu virou as costas e ele viu lá, atleta paraolímpico, a pessoa falou, nossa, atleta. Você entendeu?

*(Obs: Associada à deficiência intelectual, o Aluno 4 também possui o laudo do autismo, o que garante o direito a utilização do ‘cordão’ mencionado no relato acima).*

(M10) Então, eu acho que hoje ninguém tem mais a mesma visão da pessoa com deficiência que existe aqui em ‘Município 10’ depois que o Comitê Paralímpico veio para cá. Eu acho que isso transformou a nossa cidade em conhecer e reconhecer que esse público existe, que ele importa sim e que ele tem as suas necessidades.

A visibilidade relatada nas falas acima reforça a necessidade da quebra de estereótipos relacionados às pessoas com deficiência. A associação de comportamentos ineficientes e incapazes à figura da PcD é um estigma social que precisa de atenção para que a sociedade se direcione por caminhos mais inclusivos e moralmente corretos (Seron *et al.* 2021). Esse tema é, portanto, de grande relevância em relação às diversas possibilidades de inserção social que possam, assim como a prática esportiva, propiciar o bem-estar daqueles que se sintam marginalizados (Hilgenberg, 2019),.

Quanto ao tema emergente “acesso à serviços”, o tópico referente aos planos de saúde observado nos discursos das participantes do presente estudo ressalta a importância do acesso a esse serviço, e como essa questão social é vivenciada pelas mães das crianças e adolescentes com deficiência. Em nove das dez entrevistas realizadas foi mencionado o termo “plano de saúde”, sendo possível a identificação de momentos em que o acesso a esse serviço fora mencionado de forma positiva (entre as famílias que possuem), e como algo que poderia contribuir de forma significativa com a realidade de desenvolvimento daquela criança/adolescente que não tem acesso a esse serviço privado, conforme se nota nas falas destacadas.

Situações positivas vivenciadas e relatadas pelas mães que têm acesso ao serviço:

(M2) Depois de tudo que aconteceu, eu mudei de profissional, procurei uma outra médica.

(M8) Aí, assim, durante a gravidez, eu fui acompanhada psicologicamente. Foi tudo muito bom. Eu não tenho o que reclamar, apesar do que a gente passou, né?

(M3) [...] Porque, às vezes, eu vou marcar um médico. Ah, tem

dia tal. Não, esse dia não dá pra mim. Ah, tem dia tal. Quanto que a senhora pode? Eu falei, então. É que a agenda da minha filha, né? É muito grande. Então, eu falo o dia, os horários que a senhora pode.

Situações difíceis e prejudiciais relatadas pelas mães que não possuem plano de saúde:

(M4) A minha gestação foi ótima. Mas a deficiência do 'Aluno4' foi negligência, né? Porque eu falava que eu tava perdendo líquido e os médicos falavam que era xixi. Aí, assim, aí no dia de eu ganhar ele, quando eu cheguei lá, minha bolsa tava seca. Então, eu já tava perdendo ele em casa já. Ele já chegou lá parando. Aí, até que tirou ele, ele acabou de parar e aí foi reanimado, entubado e foi dar os dois pro CTI.

(M5) Daí eu estava com muita dificuldade de conseguir agendar um médico também. Estou aqui dependendo do estado [...] E a minha maior dificuldade estava nessa. E aí eu fui atrás e depois de um tempo eu consegui fazer o exame nela.

Ainda no contexto de saúde, assuntos relacionados à saúde mental das mães de pessoas com deficiência foram abordados com observações que vão desde os problemas de saúde desenvolvido por mães atípicas, ao impacto na qualidade de vida de toda a família a partir do adoecimento mental materno (Haspel; Benyamini; Ginzburg, 2020; Miranda; Mendoza, 2021). As participantes relataram situações referentes ao tema:

(M1) Porque a gente escuta tanta, só que assim, ainda bem que eu procuro ajuda, né? Estou dividindo os conteúdos, e as mães que não procuram. Eu conheço muitas mães que têm depressão. Ai o máximo que aquela criança vai é para o colégio.

(M4) E tem mães que, por exemplo, tem mães que fazem tratamento, que a maioria das mães que têm filhos PcDs, elas também entram no processo de depressão, ansiedade. E é muito angustiante. E tem mães que, você pode ter certeza, toda mãe de PcD tem problemas neurológicos também. Elas ficam tão, às vezes ficam tão perturbadas, até mais do que a própria filha, e não tem nem capacidade de estar ajudando o filho. Então, aquelas mães também precisam de um apoio também. Não é só o filho que precisa, a mãe também precisaria

Quanto aos temas emergentes no presente eixo norteador, foram identificados no discurso das participantes pontos por elas considerados como preponderantes para a participação de crianças e adolescentes com deficiência na prática paralímpica, e que contribuíram de forma significativa na compreensão da associação entre o suporte parental e os determinantes sociais

a partir das barreiras e facilitadores discutidos nas sessões anteriores. Durante o processo de agendamento das entrevistas, aponta-se como um ponto relevante quanto às limitações do estudo a dificuldade encontrada em dois momentos. A comunicação com os coordenadores de algumas regiões dificultou o acesso às mães que haviam sido selecionadas para a pesquisa, assim como os obstáculos para obter o retorno das mesmas. Ainda assim, falas significativas foram consideradas quanto ao cuidado das mães em participar das entrevistas e fornecer informações relevantes que viriam a contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, conforme observa-se:

(M1) Mas eu sempre falo, se for pra falar do 'Aluno1', eu fico o dia inteiro falando[...]e assim, ó, por que que eu aceitei essa entrevista contigo? Porque isso vai me agregar, entendeu? Assim, ó, eu sei que eu tô sendo chamada pra conversar com alguém, tudo que eu falei pra você, meu coração confiou, né? Tem coisas que eu falei pra você que eu nem falei, eu não falo pra minha família, entendeu? Porque às vezes também não precisa todo dia tá, né? [...]Mas eu te desejo tudo que você ouviu de mim, que tu traga, assim, algum conhecimento pra tua profissão, tá?

(M4) Eu acho que hoje eu aprendi muito com você e você aprendeu muito comigo também, né? Aquele dia que você foi no nosso Centro de Referência, eu gostei muito. Eu gosto muito. Eu aprendo muito. E eu acho importante essas entrevistas, eu posso me abrir também. Eu posso conversar. Eu posso pôr pra fora aquilo que eu não tenho coragem de pôr pra outra pessoa que eu sei que ela não vai saber me explicar. Né?

(M10) De nada, tá com Deus. Quando tiver as publicações, você faz chegar aqui, vou ficar feliz em ler! Bom trabalho pra você. Boa análise dos dados.

(M8) Foi uma experiência muito legal. Você vai ser muito bem-vinda quando vier aqui de novo! Se não tiver dinheiro pra estar no hotel, você fica na casa da gente. Não tem problema nenhum, entendeu? Seja muito bem-vinda aqui em Recife. Pode ligar pra gente que a gente vai lhe acolher com certeza.

Assim, acredita-se que as análises cautelosas realizadas nos dados provenientes das entrevistas realizadas vieram ao encontro dos objetivos estabelecidos para o presente estudo e podem estimular reflexões necessárias para o direcionamento de ações concretas no sentido de tornar mais viáveis o

engajamento e a permanência de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva paralímpica.

#### **4. CONCLUSÃO**

Os dados levantados pelos relatos das mães participantes do estudo permitem concluir que existem diversas similaridades com relação às barreiras e facilitadores percebidos nas diferentes regiões brasileiras. Dificuldades relacionadas aos meios de transporte, não apenas quantitativas, mas também qualitativas, foram destacadas como uma barreira expressiva. Por outro lado, fatores ligados ao profissional responsável pela prática esportiva nos Centros de Referência, como firmeza e acolhimento na postura profissional, foram ressaltados como facilitadores para o envolvimento esportivo dos filhos.

As mães reportaram o encorajamento como a principal manifestação do suporte parental para a prática esportiva e, de maneira significativa, salientaram a sobrecarga presente na maternidade atípica. Por fim, conteúdos ligados à religiosidade e às possibilidades de ascensão social dos filhos foram apontados como pontos fortes para o estímulo da prática esportiva paralímpica.

Ao longo dos relatos exibidos, percebe-se o quão complexas são as dinâmicas familiares e suas diferentes formas de influência na participação de crianças e adolescentes com deficiência em programas de formação esportiva. Esse fato evidencia a necessidade de ampliarmos nossos olhares para além do indivíduo com deficiência, atentando também para seu entorno familiar, social e cultural.

#### **REFERÊNCIAS**

As referências utilizadas encontram-se dispostas ao final da tese.

---

## **CAPÍTULO 4**

### Considerações Finais da Tese

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos achados desta tese, intitulada 'Determinantes sociais, Suporte Parental e suas implicações para a inserção de crianças e adolescentes com deficiência na prática esportiva paralímpica no Brasil', foram elaboradas algumas considerações relacionadas às barreiras e facilitadores percebidos por famílias de crianças e adolescentes com deficiência para a prática de modalidades paralímpicas, bem como sobre os determinantes sociais e os tipos de suporte parental preponderantes para o engajamento e a permanência nesta prática. Ao serem pontuadas, espera-se que tais considerações contribuam com as discussões científicas e atuações práticas de profissionais que atuam no desenvolvimento de atividades voltados à população investigada, bem como nos contextos sociais mencionados no decorrer do estudo.

Os objetivos da tese foram alcançados ao verificar as associações existentes entre os determinantes sociais e o suporte parental na inserção de crianças e adolescentes com deficiência na prática esportiva paralímpica no Brasil através das atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros. Entende-se que os resultados trouxeram importantes reflexões quanto às questões sociais existentes no país, uma vez que contribuem para o entendimento de que, para além de estruturas adequadas e materiais que propiciem a acessibilidade, a postura profissional adequada, afetuosa e responsável é determinante para que a prática esportiva paralímpica para crianças e adolescentes seja considerada benéfica pelas famílias. Ainda, é importante ressaltar a questão dos transportes, muito relatada em ambos os artigos da presente tese, pois quando estes não fornecem a acessibilidade adequada, prejudicam não só as crianças e adolescentes que praticam as modalidades oferecidas nos Centros de Referência Paralímpicos, mas toda uma cadeia de acessos que pode afetar até atletas de alto rendimento.

Nessa perspectiva, se faz pertinente ainda a reflexão de que esses jovens que hoje constituem a base do esporte paralímpico nacional podem não se desenvolver plenamente devido às dificuldades encontradas no deslocamento até seu local de prática e o quanto as oportunidades de acesso existentes através de transportes adequados e políticas públicas eficientes podem vir a contribuir para que a prática esportiva seja de fato democrática para crianças e

adolescentes em todo o país. Assim, o presente estudo espera oferecer subsídios para a construção de políticas públicas voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes com deficiência em ambientes esportivos nas diferentes regiões brasileiras.

As hipóteses elaboradas no início das investigações foram necessárias para nortear, juntamente com os objetivos do estudo, as interpretações dos resultados obtidos. Não foi confirmada a hipótese de que os pais com maiores níveis de instrução participariam com maior efetividade das atividades dos filhos ou mesmo que por essa razão poderiam vir a influenciar seus filhos. Conforme verificamos nos dados quantitativos do estudo um e os relatos obtidos nas entrevistas do estudo dois, mães com baixos níveis de instrução são tão ou mais participativas nas atividades de seus filhos quanto aquelas que apresentaram o nível superior completo. Ainda assim, é importante ressaltar que estas últimas reportaram maior facilidade para as interpretações que se fazem necessárias quanto às questões relacionadas à prática de modalidades paralímpicas e as suas especificidades.

A hipótese elaborada com base na afirmativa de que os tipos de deficiência dos filhos seriam fatores decisivos em relação ao suporte parental oferecido para a prática de modalidades esportivas paralímpicas confirmou-se de maneira empírica e teórica, uma vez que não foram encontrados registros de alunos com deficiências severas nos Centros de Referência Paralímpicos investigados, mesmo entre aqueles que se apresentaram com 'deficiências múltiplas'. Dessa forma, confirma-se a presente hipótese que foi ao encontro também da literatura investigada durante a discussão dos resultados.

Considerando a gratuidade das atividades oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos implantados em todo o Brasil, a hipótese de que os fatores socioeconômicos seriam determinantes para a prática esportiva paralímpica das crianças e adolescentes com deficiência torna-se irrelevante. Embora os resultados apontem condições favoráveis à essa confirmação, nesse momento, a neutralidade para a interpretação dos fatos ne faz pertinente. Todavia, é correto afirmar que as diferentes barreiras socioeconômicas existentes nas regiões do Brasil influenciam diretamente a participação esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência, confirmando assim a hipótese concebida com base nesse questionamento.

Por fim, durante as investigações não foram encontrados elementos que confirmem a hipótese que buscou compreender se os pais de crianças e adolescentes com deficiência que eram adeptos à prática de atividades físicas poderiam vir a incentivar a prática esportiva dos seus filhos. Uma possível explicação é o fato de que, mesmo não tendo condições financeiras ou organizacionais para a prática regular de atividades físicas, os pais que constituíram a amostra do presente estudo demonstraram que o suporte oferecido para que seus filhos pudessem se desenvolver a partir da prática esportiva de modalidades paralímpicas não se fundamenta na atividade praticada por si. Assim, é possível afirmar que o entendimento sobre os benefícios da prática esportiva poderia advir de contatos anteriores que os tutores tiveram ao longo de sua vida. Ainda, foi identificado que o conhecimento que possuem sobre os benefícios da prática esportiva foi suficiente para que os pais buscassem esse recurso para o desenvolvimento dos seus filhos.

Constituem limitações do presente estudo o entendimento de que, apesar das contribuições à temática explorada, foram investigadas as variáveis selecionadas a partir de um grupo muito específico de famílias quando comparado aos números gerais de crianças e adolescentes com deficiência no Brasil. A amostra de 318 participantes (Estudo 1, Capítulo 2), embora representativa por ter abrangência nacional, bem como em relação aos estudos na área da Educação Física com populações que apresentem algum tipo de deficiência, pode ser considerada restrita, limitando a generalização dos achados para outros contextos. Além disso, ambos os estudos desenvolvidos tiveram suas análises e discussões centradas nas variáveis elencadas (barreiras, facilitadores, suporte parental e determinantes sociais), ainda que os resultados pudessem ser explorados a partir de diferentes sentidos e percepções.

Outro obstáculo ao longo do desenvolvimento da pesquisa diz respeito a algumas características do Projeto Centro de Referência Paralímpico. Apesar de os polos implantados possuírem características metodológicas semelhantes, a partir das condições de implantação (convênio via universidades, prefeituras municipais ou programas de reabilitação), estes apresentam diferentes realidades Brasil afora e moldam-se a partir de contextos estruturais e pessoais dos profissionais a eles vinculados. Sendo assim, considerou-se uma dificuldade

a adesão à pesquisa dos coordenadores de alguns polos do Projeto, limitando assim o número final da amostra.

Cabe ainda a reflexão de que algumas famílias podem não ter participado devido à falta de familiaridade ou compreensão no manuseio da ferramenta de avaliação remota utilizada. Nesse sentido, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas abrangendo contextos culturais e esportivos diversos, com vistas a expandir o conhecimento científico acerca das relações parentais de crianças e adolescentes com deficiência a partir dos contextos sociais, bem como das barreiras e facilitadores percebidos por essa população. E isto posto, entende-se como sendo possível a exploração do banco de dados do presente estudo em maior profundidade e sob diferentes olhares e perspectivas sociais para futuras publicações, permitindo assim que pontos relevantes sejam evidenciados a partir das diferentes concepções.

Como pontos positivos na condução do estudo, a utilização dos recursos tecnológicos como ferramenta de pesquisa foi muito proveitosa, uma vez que esse recurso garantiu acessos que fisicamente não seriam possíveis, sobretudo nas regiões mais distantes. Ainda, entrevistar mães de crianças e adolescentes com deficiência foi um processo de imersão em um universo que, em muitos casos, tem seu funcionamento de forma paralela a tantas questões sociais do cotidiano daqueles que não convivem com as duras realidades que a deficiência traz. Para mim enquanto pesquisadora durante o desenvolvimento do estudo, o desenvolvimento da abordagem qualitativa, mesmo que distante do produto final que virá a ser publicado em um periódico acadêmico, permitiu entrar em contato com tantas percepções, experiências e realidades sociais diferentes que se torna trabalhosa a separação entre os objetivos de pesquisa e minhas aspirações profissionais e pessoais constituídas ao longo do processo formativo.

O fascínio pelo entendimento das camadas existentes entre as relações parentais, o esporte e crianças com deficiência me movem desde a graduação, no projeto de iniciação científica no qual pude estudar crianças com deficiência e a teoria do Suporte Parental. Assim, concluo o tópico das considerações finais da presente tese com a licença para deixar de lado as questões protocolares e me utilizar de uma frase, retirada de uma das entrevistas realizadas e que melhor retrata a dedicação e a entrega das mães das crianças e adolescentes com deficiência que eu tive a honra de conhecer: “Eu não vou mudar o mundo. E eu

não quero mudar o mundo. Eu só quero que o mundo seja melhor para o meu filho!" (M1).

## REFERÊNCIAS

ABEP, A. B. DE E. E N. **Critério Brasil 2021**. Disponível em: <<https://www.abep.org/criterio-brasil>>. Acesso em: 05 out. 2022.

AHMADLI-SHIRONOVA, L. P. Social Isolation and Relationship in the Family of Children with Autism Spectrum Disorders. **International Journal of Research and Review**. 2024.

ALVES, B. A.; PEREIRA, T. R. C.; AVEIRO, M. C.; COCKELL, F. F. Funcionalidade na perspectiva das redes de apoio no puerpério. **Rev. Bras. Saúde Materna e infantil**. Recife. v.22 , n.3 , p.675-681. 2022.

ANTUNES, M. M. PINTO, L. F. M. Educação física adaptada: uma realidade distante na formação continuada de docentes. **Revista Prática Docente**. v. 8, n. 1, 2023.

ATKIN, A. J.; CARR, S.; MILTON, K. Participation in physical activities among people with disabilities: secondary analysis of the Active Lives survey 2018/19. **The European Journal of Public Health**, v,33 2023.

BACERRA, M. A. G.; MANZINI, M. G.; MARTINEZ, C. M. S. Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. **Rev. Bras. Teraria Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 615-627, 2019.

BAECKE, J. A. H; BUREMA, J.; F., J. E.R. A short questionnaire for the measurement of habitual physical activity in epidemiological studies. **The American journal of clinical nutrition**, v. 36, n. 5, p. 936-942, 1982.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2011.

BARRATT, M. et al. "Parental Experiences of Quality of Life When Caring for Their Children With Intellectual Disability: A Meta-Aggregation Systematic Review." **Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities**, v.38, 2025.

BARROS, A. L. et al. **Sobrecarga dos cuidadores de crianças e adolescentes com Síndrome de Down**. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 22, n. 11, p. 3625 - 3634, 2017.

BIANCONI, E. C.; MUNSTER, M. A. V. Educação Física para jovens e adultos com deficiência intelectual: ênfase e aspectos psicomotores. *In*: MUNSTER, M. A. V. **Educação Física e Esportes Adaptados: Programas e subsídios para a**

inclusão. 1ª Edição . Santana de Paraíba-SP: Manole, 2023. p.129-147.

BIDURSKI, G. M. et al. Barreiras e facilitadores percebidos por pessoas com deficiência praticantes de esportes. **Rev. Kinesis**, Santa Maria- RS, v. 39, p.01-13, 2021.

BOEHM, T. L.; CARTER, E. Quality of Family Life and its Correlates among Parents of Children and Adults with Intellectual Disabilities. **American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities**, n.124 v.2, 2019.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a lei brasileira de inclusão das pessoas com deficiência (**Estatuto da Pessoa com Deficiência**). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 12 de fevereiro de 2025.

CARDOSO, Vinícius Denardin. 2016. **O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas paraolímpicos no brasil**. 217f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

CARR, S.; ATKIN, A. J.; MILTON, K. Type and duration of physical activity in adults with and without disabilities. **Disability and health journal** 2025.

CHENG, L. A.; MENDONÇA, G.; FARIAS JÚNIOR, J. C. Physical activity in adolescents: analysis of the social influence of parents and friends. **Jornal de pediatria**, v. 90, n. 1, p. 35-41, 2014.

COHEN, A.; LANG, J.J.; PRINCE, S.A.; COLLEY, R.C.; TREMBLAY, M.S.; CHAPUT, J.P. Are adolescents who do physical activity with their parents more active and mentally healthier? **Health Reports**, v.36, n.1, pp.19-33, 2025.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. 220 p. ISBN: 978-85-7541-591-7. Available from: doi: 10.7476/9788575415917. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/bwb4z>. Acesso em: 13 mar. 2025.

CPB, **Comitê Paralímpico Brasileiro** - Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros. Disponível em: <<https://cpb.org.br/conteudo/detalhe/39/centro-de-referencia>> Acesso em: 05 out. 2022.

CPB, **Comitê Paralímpico Brasileiro** - Regulamentos Jogos Escolares e Paralimpíadas escolares. Disponível em: [https://cpb.org.br/wp-content/uploads/2024/12/Regulamento Paralimpiadas Escolares 2025-atualizado-22JAN25.pdf](https://cpb.org.br/wp-content/uploads/2024/12/Regulamento_Paralimpiadas_Escolares_2025-atualizado-22JAN25.pdf) Acesso em: 18 mai. 2025.

DINIZ, D. **O que é deficiência** (Coleção Primeiros Passos 324). São Paulo: Brasiliense, 2012.

DELVERT, J. et al. Struggling to Enable Physical Activity for Children with Disabilities: A Narrative Model of Parental Roles. **Scandinavian Journal of Disability Research**. v.24, n.1, p. 196-209. 2022.

DOS SANTOS, L. G. T. F.; DE SOUSA, J. P. C.; CAMPOS, C.; FREIRE, J.; DA COSTA. A. M.; CONRADO, M.; LOURENÇO, T. F. Evolução Histórica da Participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos de Verão. **Motricidade**. v.18, n.3, 2022.

**Estatuto da Criança e do Adolescente** - Versão revisada e com comentários, 2019.

FELIZARDO, S. M. A. S. O impacto do suporte social em famílias de crianças com deficiência. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 3, n. 1, p. 267-273, 2009.

FERREIRA, N. R. et al. Contribuições do esporte adaptado: Reflexões da terapia ocupacional para a área da saúde. *Rev. Interinst. Bras. Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro. n.1, p. 52-66. 2017.

FLORINDO, A. A et al. Validation and reliability of the Baecke questionnaire for the evaluation of habitual physical activity in adult men. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 9, n. 3, p. 129-135, 2003.

FRANÇA, T. H. Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. **Lutas Sociais**, vol.17, n.31, p.59-73, 2013.

FRISINA, C. Barriers and facilitators of physical activity participation for people with disabilities: a parent's perspective. **Development Medicine & Child Neurology**. v.63, p.914-924. 2021.

GAYA, A. **Projetos de pesquisa científica e pedagógica: O desafio da**

iniciação científica. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2016.

GRADY, A.; LORCH, R.; GILES, L.; LAMONT, H.; ANDERSON, A.; PEARSON, N.; ROMITI, M.; LUM, M.; STUART, A.; LEIGH, L.; YOONG, S.L. The impact of early childhood education and care-based interventions on child physical activity, anthropometrics, fundamental movement skills, cognitive functioning, and social-emotional wellbeing: A systematic review and meta-analysis. **Obesity Reviews**, v.26, n.2, p.e13852, 2025.

GHANAMAH, R. The Impact of Physical Activity and Screen Time on Motor Creativity in Kindergarteners. **Children**, v.12, n.2, p.116, 2025.

GRECO, J. P. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental-ensino intencional**. 2012.

GREGUOL, M. **Atividades físicas e esportivas e pessoas com deficiência**. Brasília:

GREGUOL, M.; MALAGODI, B. M. O esporte para pessoas com deficiência. *In*:

GREGUOL, M.; COSTA, R. F. **Atividade Física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 4ª Edição: Manole,Barueri-SP. 2019.p. 484-513.

HALLAL, P. C.; MELO,V. A. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da Educação Física no Brasil. **Ver. Bras. de Ciências do Esporte**. v.39, n.3. p.322-327. 2017.

HAO, Y.; RAZMAN, R. Family factors associated with physical activity in children with intellectual disability: A systematic review. **Journal of Intellectual Disabilities**, v.29, n.1, p.194-213, 2025.

HARRINGTON, D. W.; JARVIS, J. W.; MANSON, H. Parents' Perceived Barriers to Accessing Sports and Recreation Facilities in Ontario, Canada: Exploring the Relationships between Income, Neighbourhood Deprivation, and Community. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v.14, n.10, p. 1272- 1287, 2017.

HASPEL, S. P.; BENYAMINI, Y.; GINZBURG, K. Transactional Model of Parental Adjustment and Caregiving Burden Following a Child's Acquired Disability. **Journal of pediatric psychology**, 2020.

HASSANEIN; ADAWI; JOHNSON, 2021; ELSAYED EA HASSANEIN, E. E. A.; ADAWI, T. R.; JOHNSON, E. S. Social support, resilience and quality of life for

families with children with intellectual disabilities. **Research in developmental disabilities**, v.112, 2021.

HILGEMBERG, T. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Record**, v. 12, n. 1, p. 1-19, 2019.

HONG, J.T. et al. Associations between various kinds of parental support and physical activity among children and adolescents in Shanghai, China: gender and age differences. **BMC Public Health**, v. 20, n. 1, p. 1-9, 2020.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico, Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, 2022. Acesso em: 30 mai. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43463-censo-2022-brasil-tem-14-4-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia>

JAMES, M. E. et al. Parent Support Is Related to Physical Activity among Children and Youth with Disabilities during the COVID-19 Pandemic: Findings from the National Physical Activity Measurement (NPAM) Study. *Disabilities*. v. 2. P. 451-461. 2022.

JOENG, M.; KIM, S. Y.; LEE, E. Parents' Beliefs and Intentions Toward Supporting Physical Activity Participation for Their Children with Disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.32, p.93-105, 2015.

JOHNSON, B.; CHRISTENSEN, L. **Educational research: quantitative, qualitative and mixed approaches**. 3ed. SAGE Publications: California, 2008.

KITCHING, N. 2024. What do you love about sport?' Exploring the embodied experiences of boys and girls in sport. **Sport, Education and Society**, 2024.

KU, B.; MACDONALD, M.; HATFIELD, B.; GUNTER, K. Parental Influence on the physical activity behaviors of young children with developmental disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**. v.37, p. 441–460, 2020.

KU, B.; JIN, J. Understanding parental physical activity support in parents of children with developmental disabilities across two different countries. **Research in Developmental Disabilities**. v.120, 2022.

LAQUES-CZIMBALMOS, N.; SZERDAHELYI, Z.; MÜLLER, A. Development of leisure and sports consumption and sports motivation among children with disabilities. **Applied Studies in Agribusiness and Commerce**, v. 15, n. 1-2, 2021.

LISBOA, T. et al. Suporte social da família e amigos para a prática de atividade física de adolescentes: uma revisão sistemática. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 4, p. 351-359, 2018.

LONGO, et al. Participação em atividades de lazer na percepção de crianças com deficiência e suas famílias no Brasil. **Revista de Medicina de Reabilitação**, v.53, 2020.

MANTOAN, M. T. E.; LANUTI, J. E. O E. **A escola que queremos para todos**. 1ª Edição. Curitiba: CRV, 2022.

MARTÍNEZ, A. H.; MATAS, Y. S.; FERNÁNDEZ, V. A. Perceived motor competence in children from two different perspectives: children and Family. **Motricidade**. v.18, n.3, 2022.

MCKENZIE, G.; WILLIS, C.; SHIELDS, N. Barriers and facilitators of physical activity participation for young people and adults with childhood-onset physical disability: a mixed methods systematic review. **Developmental Medicine & Child Neurology**. v.63, p.914–924, 2021.

MIRANDA, M. J. S.; MENDOZA, C. C. C. Burden of disease in parents and caregivers of children and adolescents diagnosed with disability-related disorders.v.129, 2021.

MIZOGUCHI, Marcus Vinicius. **Motivação, satisfação e suporte parental: estudo da trajetória esportiva de atletas de beisebol**. 2012. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

**MINISTÉRIO DO ESPORTE**. Esporte 2024: Políticas públicas voltadas ao paradesporto marcaram o ano de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/esporte-2024-politicas-publicas-voltadas-ao-paradesporto-marcaram-o-ano-de-2024>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MOURA, A. K .S.; BATAGLION, L. P.; NICOLETTI, L. P.; CARDOSO, V. D.; Percepção dos pais em relação a participação dos filhos nas Paralimpíadas Escolares no estado de Roraima/Brasil. **Journal of Human Sport & Exercise**. v.16 , n.1 , p.1-11. 2021.

MUNSTER, M. A. V. Abordagens de ensino e práticas inclusivas em Educação Física. *In*: MUNSTER, M. A. V. **Educação Física e Esportes Adaptados: Programas e subsídios para a inclusão**. 1ª Edição . Santana de Paraíba-SP: Manole, 2023. p.03-18.

MUNSTER, M. A. V.; BACCIOTTI, P. D. O.; PEREIRA, T. B. L. Plano de Ensino Individualizado aplicado à Educação Física: indicadores para a inclusão. *In:*

MUNSTER, M. A. V. **Educação Física e Esportes Adaptados: Programas e subsídios para a inclusão.** 1ª Edição . Santana de Paraíba-SP: Manole, 2023. p.19-33.

NAKASHIMA, F. S.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, L. F.; O papel dos pais na trajetória esportiva de atletas de ginástica rítmica. **Revista pensar a prática.** v. 15, n. 4, p. 821-1113, 2012.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. et al. Suporte Parental e motivação de jogadores da seleção brasileira de futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol.** v. 9, n. 34, p. 229-237, 2017.

NELSEN, J.; FOSTER, S.; RAPHAEL, A. **Disciplina positiva para crianças com deficiência.** São Paulo: Manole, 2019.

OLIVEIRA FILHO, et al. Paralímpicos – Adendo à Atualização da Diretriz e Cardiologia do Esporte e do Exercício da Sociedade Brasileira de Cardiologia e da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e Esporte. **Sociedade Brasileira de Cardiologia.** v.113, n.3, p.339-344. 2019.

OLIVEIRA, A. M. S. S; GONÇALVES, J. P. Maternidade de filho com deficiência e mercado de trabalho: Vozes de mães que vivenciam essa complexa realidade. **Rev. Perspectivas em diálogo.** Naviraí, v. 11, n. 26, p. 44-63, 2024.

ÖZTÜRK, A. M.; ALEMDAR. D. K. The burden of care for mothers of children with disabilities: Association between quality of family life and fatigue. **Journal of pediatric nursing,** 2023.

PALMA, L. E.; PATIAS, B. C.; FECK, R. M. Atividade física e deficiência física: preferências, motivações e barreiras para a prática de atividade física. **Caderno de Educação Física e Esporte.** Santa Maria – RS, v.18 , n.2 , p.145-151. 2020.

PARRIS, C.; JACOBSON, L.; LINDSTÖRM, H.; KNORRING, L. V.; PERRIS, H. Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behavior. **Acta Psychiatrica Scandinavica.** v. 61. n. 4. p.265-274. 1980.

PAYNE, V. G.; ISAACS, L. D. **Desenvolvimento Motor Humano – Uma abordagem Vitalícia.** 6ª edição. 2007

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação Física Adaptada:

introdução ao universo das possibilidades. *In*: GREGUOL, M.; COSTA, R. F. **Atividade Física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 4ª Edição: Manole, Barueri-SP. 2019.p. 01-22.

PEREIRA-SILVA, N. L.; DESSEN, M, A. Famílias de crianças com síndrome de Down: sentimentos, modos de vida e estresse parental. **Interação em Psicologia**. v.10, n. 2, p. 183 - 94, 2006.

PICCOLO, G. M. **Por um pensar sociológico sobre a deficiência**. Curitiba: Appris, 2015.

QI, J.; CAI, J. H.; MENG, X. Impact of the Paralympic Games on the beliefs of children with physical disabilities engaging in sports and physical activities: A Chinese perspective. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. v.18, n.7296, p1-12. 2021.

ROCHA, J. P. S.; NICOLETTI, L. P.; SANTOS NETO, S. C.; CARDOSO, V. D. Projeto centro de referência paralímpico de roraima: contribuições para a iniciação paralímpica. **Revista extensão & cidadania**. v.9, n.15, 2021.

RODRIGUES, et al. A qualitative study on quality of life in Brazilian families with children with severe or profound intellectual disabilities. **Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities** , v.32, 2018.

SANTOS, M. A. G. N; PEREIRA, M. Esporte e Inclusão: Um estudo sobre acessibilidade. *Licere*, Belo Horizonte. v.26 , n.1 , p.01-31. 2022

SANTOS, et al. Construção e validação de um instrumento de suporte escolar e parental na formação esportiva do adolescente. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, 2020.

SANTOS, S. G.; MORETTI-PIRES, R. O. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Editora Tribo da ilha, 2012.

SERON, B. B.; ARRUDA, G. A.; GREGUOL, M. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Rev. Bras. de Ciência do Esporte**, v.37, n.3, p. 214-221. 2015.

SERON, B. B.; SOUTO, E. C.; MALAGODI, B. M.; GREGUOL, M. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista – dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27048, 2021.

SHIELDS, N.; SYNNOT, A. J. Perceived barriers and facilitators to participation in physical activity for children with disability: a qualitative study. **Pediatrics**. v.16. n.9, 2016

SIEBERT, E. A.; HAMM, J.; YUN, J. Parental influence on physical activity of children with disabilities. *International Journal of Disability, **Development and Education***, v. 64, n.4, p. 378–390, 2016.

SILVA, S.C. DESSEN, M. Relações Familiares na Perspectiva de Pais, Irmãos e Crianças com Deficiência1 **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 3, p. 421-434, 2014.

SIQUEIRA, M. M. A. Do Direito à Habilitação e Reabilitação - Arts. 14 a 17. In: MARTINS, G. M., HOUAISS, L. P. Z. (Org.). **Estatuto da pessoa com deficiência**: comentários à Lei 13.146/2015. Indaiatuba, SP: Editora Foco, p.64 – 71, 2019.

SUNELAITIS, R. C.; ARRUDA, D. C.; MARCOM, S. S.; **A repercussão de um diagnóstico de síndrome de Down no cotidiano familiar**: perspectiva da mãe. *Rev. Paulista de Enfermagem*. v. 20, n. 3, p. 264 - 271, 2007.

SUR, M. H.; KIM, S. Y.; ZITTEL, L.; GILSON, T. A. Parental Self-Efficacy and Practices in Physical Activity of Young Children with and without Disabilities. **Journal of Child and Family Studies**. v. 30, p.1567–1576, 2021.

TEAM, R. C. (2014). **R Core Team 2014**. R: A Language and Environment for Statistical Computing.

TOTSIKA, V.; HATTON, C.; EMERSON, E.; HASTINGS, R. Pathways to social well-being for children with intellectual disabilities: testing the Family Investment Model. **Intellectual Disability Research Journal: JIDR**, 2023.

TROST, S. G.; SALLIS, J. F.; PATE, R. R.; FREEDSON, P. S.; TAYLOR, W. C.; DOWDA, M. Evaluating a model of parental influence on youth physical activity. **American Journal of Preventive Medicine**, v.25, n.4, p.277–282, 2003.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**. v.41, 2025.

VALENTINI, N. C.; VILLWOCK, G.; VIEIRA, L. F.; VIERA, J. L.; BARBOSA, M. L. L.; Validação Brasileira da Escala de Autopercepção de Harter para Crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 23, n.3, p. 411-419, 2010.

VERENOVA, A.; MAROVA, I.; CHMELIK, F. The role of volunteers in a swimming organization for persons with disabilities. **Healthcare**. v. 10, n.2149 , p. 1-12. 2022.

VIEIRA, Y.; COLERE, J.; SOUZA, D. L. Facilitadores e barreiras para a prática esportiva por parte de atletas com comprometimentos no Brasil. **Retos**. v.41, p. 812-822. 2021.

VILELA, R. B.; RIBEIRO, A.; BATISTA, N. A. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: uma aplicação aos desafios do ensino no mestrado profissional. **Revista Millenium**. n.2, v.11, p.29-36, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Guidelines Approved by the Guidelines Review Committee. In: **WHO Guidelines on Physical Activity and Sedentary Behaviour**. Geneva: World Health Organization, 2020.

WRIGHT, A.; ROBERTS, R.; BOWMAN, G.; CRETENDEN, A. Barriers and facilitators to physical activity participation for children with physical disability: comparing and contrasting the views of children, young people, and their clinicians. **Disability and Rehabilitation**, p. 1–9, 2018.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### **Prezado (a) Senhor (a):**

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa “DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA” que será desenvolvida nos Centros de Referência Paralímpicos de todo o Brasil. O objetivo geral da pesquisa será analisar os fatores sociais determinantes e o suporte parental na inserção de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva.

A sua participação é muito importante e caso, seja da sua vontade voluntariar-se, ela seria realizada da seguinte forma: em um horário pré-agendado, na própria instituição (Centro de Referência) onde seu(sua) filho(a) realiza suas atividades, você responderá a cinco questionários que buscam compreender as atitudes dos pais em relação à inserção de crianças e adolescentes em programas esportivos. Para isso serão apresentados a você os seguintes questionários: Nível Socioeconômico, Nível de Suporte Parental, Barreiras e Facilitadores, Sobrecarga do Cuidador. Para o segundo momento da pesquisa, entraremos em contato para que possamos agendar as entrevistas com 3 famílias por região do Brasil, de acordo com a disponibilidade e os critérios de inclusão. Nesta etapa serão realizadas entrevistas pela plataforma Google Meet e os dados serão gravados para posterior transcrição das falas. Todos os questionários citados nesse termo possuem fidedignidade para a pesquisa e levarão em torno de 15 a 20 minutos ao total para serem respondidos. Tanto a gravação quanto os questionários serão mantidos guardados durante o período de cinco anos pela pesquisadora responsável.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa, e não implicará em prejuízos na participação efetiva dos atendimentos às crianças e adolescentes. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa / para esta e futuras pesquisas e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Esclarecemos ainda, que o (a) senhor (a) não pagará ou será remunerado (a) pela participação.

Os benefícios esperados relacionam-se à obtenção de novos conhecimentos sobre como os fatores socioeconômicos, suporte parental e outros determinantes sociais podem influenciar a participação de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva. Espera-se que estes dados possam oferecer subsídios para que sejam elaboradas estratégias para aumentar os níveis de prática de atividade física nesta população. Os resultados da pesquisa serão enviados por meio eletrônico a fim de que o retorno adequado seja popularizado a todos os participantes. Quanto aos riscos, estes são os mínimos possíveis, uma vez que você apenas responderá a questionários. No entanto, caso você sinta qualquer desconforto emocional em responder, compreenderemos a não finalização do mesmo sem qualquer ônus, como já fora exposto anteriormente. Caso tenha qualquer dúvida sobre os resultados, você poderá entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento

para maiores explicações: Aryelle Malheiros Caruzzo (44)99948-5157 : [aryelle\\_malheiros@hotmail.com](mailto:aryelle_malheiros@hotmail.com) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo, Seres Humanos ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Londrina, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Pesquisadora Responsável

Aryelle Malheiros Caruzzo - RG: 10.733.638-9

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## Apêndice B – Questionário criado via plataforma *Google Forms* para coleta de dados a nível nacional

Link de acesso ao questionário utilizado para coleta de dados a nível nacional

<https://forms.gle/9ATgSJKkDrDvyfa8>

*Apresentação do questionário na plataforma:*



Seção 1 de 11

### COLETA DE DADOS - CR BRASIL

**B** *I* U ↻ ✕

**Prezado(a) Senhor(a):**

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa "DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA" que será desenvolvida nos Centros de Referência Paralímpicos de todo o Brasil.

A sua participação é muito importante e desde já agradecemos muito, caso seja da sua vontade voluntariar-se! Todos os questionários contidos aqui, possuem seriedade e fidedignidade com a pesquisa e levarão em torno de 15 a 20 minutos ao total para serem respondidos!

Mais uma vez, agradecemos muito a sua participação!

Vamos começar?

### **Apêndice C – Roteiro para Entrevista Semiestruturada**

---

<b>Tese</b>
Determinantes sociais, Suporte Parental e suas implicações para a inserção de crianças e adolescentes com deficiência na prática esportiva no Brasil
<b>Artigo 2 (Cap.3)</b>
Esporte paralímpico no Brasil: compreendendo as barreiras e os facilitadores através do olhar de mães de crianças e adolescentes com deficiência.
<b>Doutoranda</b>
Aryelle Malheiros Caruzzo
<b>Orientadora</b>
Prof <sup>a</sup> Dra. Márcia Greguol

#### **Eixos norteadores:**

1) Barreiras percebidas	3) Suporte Parental
2) Facilitadores percebidos	4) Determinantes Sociais

Roteiro da Entrevista Semiestruturada (15 questões) realizada com 10 mães de crianças de adolescentes que praticam as modalidades paralímpicas oferecidas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, participantes do estudo:

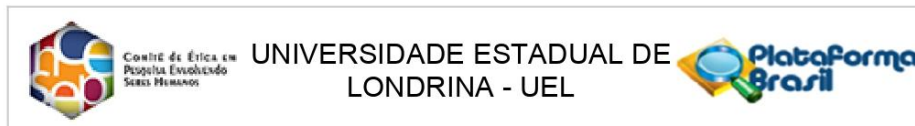
- 1) Como você se sentiu e reagiu quando descobriu a deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?
- 2) Você acredita que o restante da família se sentiu e reagiu da mesma forma? Como foi para eles?
- 3) Atualmente como você percebe o potencial do(a) seu(sua) filho(a)?
- 4) Como você acha que as outras pessoas percebem esse potencial da mesma forma?
- 5) Quais tipos de atividades vocês realizam em família?
- 6) O que você e seu filho (a) costumam fazer juntos?
- 7) Como foi o processo de inserção do seu filho nas atividades do Centro de Referência? O que te despertou o interesse?
- 8) Como você teve conhecimento do projeto?
- 9) Qual é a importância que você atribui ao Centro de Referência Paralímpico na vida e no desenvolvimento do(a) seu(sua) filho(a)?

- 10) Você avalia que a prática esportiva trouxe impactos positivos no desenvolvimento social do(a) seu(sua) filho(a) desde que ele(a) iniciou no projeto? Caso sim, quais?
- 11) Qual a distância/ tempo/ tipo de transporte para participar das atividades do Projeto Centros de Referência.
- 12) Para você, quais são as características de um bom profissional que lida com pessoas com deficiência?
- 13) Quais as principais barreiras que você observa para que seu filho participe das aulas do Centro de Referência Paralímpico?
- 14) Como você avalia o papel da família para o desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes com deficiência?
- 15) Por fim, qual é a sua percepção sobre o seu papel no desenvolvimento do(a) seu(sua) filho(a)? Você acredita estar conseguindo cumprir esse papel? Caso não, por quê?

*Ao final de cada entrevista, foi disponibilizado um tempo/ espaço livre de fala às participantes:  
A partir de tudo que conversamos, tem algo que você gostaria de acrescentar?*

## ANEXOS

## Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos – UEL



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA

**Pesquisador:** ARYELLE MALHEIROS CARUZZO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 65283422.9.0000.5231

**Instituição Proponente:** CEFE - PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UEL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.868.340

#### Apresentação do Projeto:

A família representa um sistema complexo de relações que, a partir das interações, divide-se em subsistemas que se atravessam e influenciam entre si, como a relação conjugal, as relações parentais, fraternais, entre outras (SILVA; DESSEN, 2014). Portanto, o desenvolvimento infantil é diretamente influenciado pelas interações familiares da sua convivência, especialmente quando as crianças apresentam algum tipo de deficiência, uma vez que o modo como seus pais ou responsáveis lidam com as suas limitações interfere diretamente no desenvolvimento das suas habilidades físicas e sociais (LEWIS DESSEN, 1986 apud NAKASHIMA; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012). Nessa perspectiva, o Suporte Parental é uma teoria que olha diretamente para a importante fonte de apoio e direcionamento que crianças e jovens recebem de seus pais e responsáveis em relação a diversos aspectos importantes para o desenvolvimento durante a infância/ adolescência, como o engajamento esportivo por exemplo (NASCIMENTO JUNIOR, et al. 2017). Estudos apontam que as expectativas vindas da família podem ser fontes primárias de interferência na participação esportiva das crianças e adolescentes (BRUSTAD, 1988 apud BARROS, DE ROSE 2006),

**Endereço:** LABESC - Sala 14  
**Bairro:** Campus Universitário **CEP:** 86.057-970  
**UF:** PR **Município:** LONDRINA  
**Telefone:** (43)3371-5455 **E-mail:** cep268@uel.br



Conselho de Ética em  
Pesquisa Envolvendo  
Seres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DETERMINANTES SOCIAIS, SUPORTE PARENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INSERÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA EM PROGRAMAS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA

**Pesquisador:** ARYELLE MALHEIROS CARUZZO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 65283422.9.0000.5231

**Instituição Proponente:** CEFE - PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UEL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.868.340

#### Apresentação do Projeto:

A família representa um sistema complexo de relações que, a partir das interações, divide-se em subsistemas que se atravessam e influenciam entre si, como a relação conjugal, as relações parentais, fraternais, entre outras (SILVA; DESSEN, 2014). Portanto, o desenvolvimento infantil é diretamente influenciado pelas interações familiares da sua convivência, especialmente quando as crianças apresentam algum tipo de deficiência, uma vez que o modo como seus pais ou responsáveis lidam com as suas limitações interfere diretamente no desenvolvimento das suas habilidades físicas e sociais (LEWIS DESSEN, 1986 apud NAKASHIMA; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012). Nessa perspectiva, o Suporte Parental é uma teoria que olha diretamente para a importante fonte de apoio e direcionamento que crianças e jovens recebem de seus pais e responsáveis em relação a diversos aspectos importantes para o desenvolvimento durante a infância/ adolescência, como o engajamento esportivo por exemplo (NASCIMENTO JUNIOR, et al. 2017). Estudos apontam que as expectativas vindas da família podem ser fontes primárias de interferência na participação esportiva das crianças e adolescentes (BRUSTAD, 1988 apud BARROS, DE ROSE 2006),

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

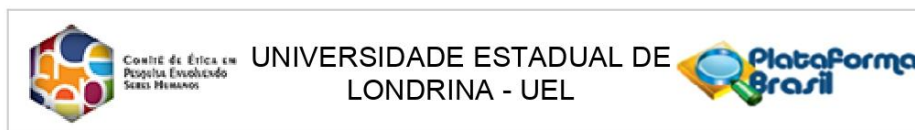
**CEP:** 86.057-970

**UF:** PR

**Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**E-mail:** cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.868.340

deficiência sobre a não participação efetiva dos seus filhos em atividades esportivas. As justificativas foram desde a percepção de que as atividades não eram praticadas em locais adequados, não possuíam direcionamento adequado aos seus filhos e não eram ministradas por profissionais responsáveis e capacitados para tais práticas (LIEBERMAN; ROBINSON; ROLLHEISER, 2006). Ainda, foi relatado também o medo de que seus filhos se arrissem e como consequência adquirissem algum tipo de trauma ou lesão. Nesse sentido, com o intuito de reduzir as barreiras percebidas e propiciar a percepção de facilitadores e benefícios advindos da prática esportiva, observou-se que a maior divulgação de informação para os pais sobre as possibilidades de seus filhos é fundamental para a melhoria dos níveis de atividade física entre jovens com deficiência (GREGUOL; GOBBI; CARRARO, 2014). Partindo da compreensão de que a deficiência de uma criança pode gerar diversas inseguranças, torna-se correto também afirmar que pais/ responsáveis de crianças com deficiência, a partir do grau que a mesma apresenta, passam por dificuldades além daquelas já enfrentadas por pais de crianças sem deficiência (PEREIRA-SILVA, DESSEN, 2006). Tais dificuldades vão desde o auxílio no seu crescimento, alimentá-las, gerenciar o aprendizado do uso do banheiro corretamente, dentre outras questões que precisam estar sempre sendo conciliadas com idas a terapias voltadas ao tipo de deficiência da criança, visitas constantes à fisioterapeutas, fonoaudiólogos dentre outras especialidades necessárias para o adequado desenvolvimento dessa criança (SUNELAITIS, ARRUDA, MARCOM, 2007; NELSEN, FOSTER, RAPHAEL, 2019). Ainda assim, mesmo com as barreiras e dificuldades para que seus filhos tenham acesso a um desenvolvimento integral, muitos pais/responsáveis se preocupam em buscar outras estratégias para oportunizar melhores possibilidades de desenvolvimento para seus filhos, esforçando-se para ir além das tarefas diárias (SILVA, FEDOSSE, 2018), mesmo que tais escolhas afetem a sua própria qualidade de vida (BATISTA, et al. 2016). Dessa forma, conhecer os fatores sociais que podem contribuir para a inserção das crianças e adolescentes com deficiência em atividades esportivas tornam-se essenciais.

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

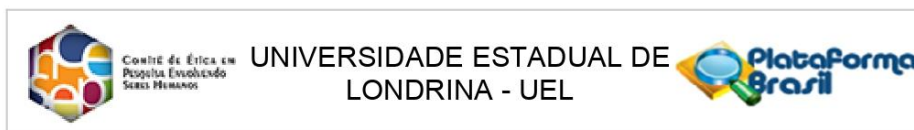
**CEP:** 86.057-970

**UF:** PR

**Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**E-mail:** cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.868.340

(GREGUOL, GOBBI, CARRARO, 2014), de modo que o manejo de projetos e atividades que propiciem o seu desenvolvimento físico, social e psicológico. Assim, a intenção da presente pesquisa é compreender quais os determinantes sociais, o suporte parental e suas implicações para a inserção de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva, de modo a conceber as respostas necessárias para a seguinte questão problema: Quais os fatores sociais determinantes para que pais e responsáveis de crianças e adolescentes com deficiência insiram seus filhos em atividades de iniciação esportiva?

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Analisar os fatores sociais determinantes e a atitude parental na inserção de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva.

Objetivo Secundário:

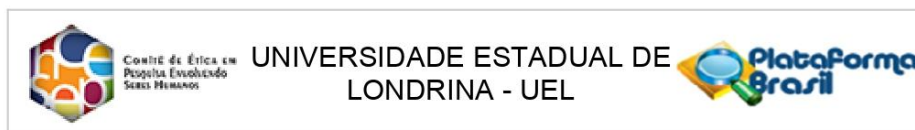
- Identificar as características sociais das famílias das crianças e adolescentes com deficiência que participam de programas esportivos paralímpicos.
- Comparar os fatores socioeconômicos (idade, escolaridade, renda, escolaridade dos pais e local onde reside) e as barreiras e facilitadores, conforme os tipos e o grau das deficiências das crianças e adolescentes brasileiros que participam de programas esportivos paralímpicos.
- Examinar a associação das características sociais sobre a atitude parental na participação esportiva paralímpica de crianças e adolescentes com deficiência no território nacional.
- Compreender o papel do suporte parental, dos facilitadores e das possíveis barreiras percebidas para a participação esportiva de crianças e adolescentes com deficiência, representantes das cinco regiões do Brasil.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Quanto aos riscos, estes são os mínimos possíveis, uma vez que os participantes irão apenas

<b>Endereço:</b> LABESC - Sala 14	<b>CEP:</b> 86.057-970
<b>Bairro:</b> Campus Universitário	
<b>UF:</b> PR	<b>Município:</b> LONDRINA
<b>Telefone:</b> (43)3371-5455	<b>E-mail:</b> cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.868.340

responder a questionários. No entanto, caso os mesmos sintam qualquer desconforto emocional em responder, compreenderemos a não finalização do mesmo sem qualquer ônus ao sujeito e lhe será oferecido todo o apoio psicológico necessário, com custos a serem cobertos pela pesquisadora responsável. Sobre os dados dos participantes que serão fornecidos ao estudo, a Pesquisadora se responsabilizará pela não divulgação de qualquer informação dos participantes, visto que as informações pessoais serão arquivadas e não ficarão em qualquer ambiente online, conforme é indicado na Carta Circular da CONEP para pesquisas em âmbito virtual.

**Benefícios:**

Os benefícios esperados relacionam-se à obtenção de novos conhecimentos sobre como os fatores socioeconômicos, suporte parental e outros determinantes sociais podem influenciar a participação de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva. Espera-se que estes dados possam oferecer subsídios para que sejam elaboradas estratégias para aumentar os níveis de prática de atividade física nesta população. Os resultados da pesquisa serão enviados por meio eletrônico a fim de que o retorno adequado seja popularizado a todos os participantes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa bem estruturada, sobre tema altamente relevante, em uma sociedade que carece de políticas de inclusão mais claras e mais assertivas, contribuindo para o avanço na área pesquisada.

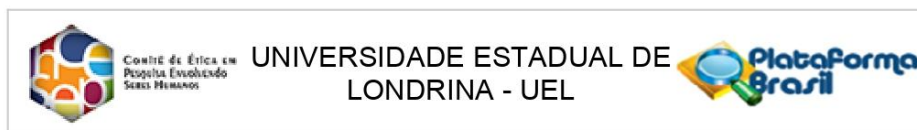
**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termo de apresentação obrigatória atendendo as especificações das normativas da CONEP e adequações sugeridas pelo CEP atendidas.

**Recomendações:**

Os critérios de inclusão deverão conter apenas as condições de elegibilidade para a pesquisa, como a faixa etária e a condição de necessidade especial elencada pelo pesquisador nesse parágrafo em questão. Assinar o TCLE deve ser um direito do pesquisado se ele concordar com a forma como participará da pesquisa e se tiver seus direitos assegurados pelo responsável da

<b>Endereço:</b> LABESC - Sala 14	<b>CEP:</b> 86.057-970
<b>Bairro:</b> Campus Universitário	
<b>UF:</b> PR	<b>Município:</b> LONDRINA
<b>Telefone:</b> (43)3371-5455	<b>E-mail:</b> cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.868.340

pesquisa, e não um critério de inclusão. Sugerimos suprimir essa primeira parte dos critérios de inclusão.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Adequações sugeridas pelo CEP local foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresenta-Lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

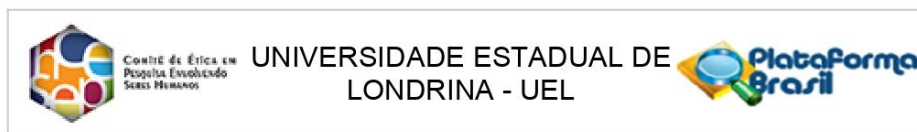
- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/Uel.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2041359.pdf	25/01/2023 00:40:47		Aceito

<b>Endereço:</b> LABESC - Sala 14 <b>Bairro:</b> Campus Universitário <b>UF:</b> PR <b>Município:</b> LONDRINA <b>Telefone:</b> (43)3371-5455	<b>CEP:</b> 86.057-970  <b>E-mail:</b> cep268@uel.br
--	--



Continuação do Parecer: 5.868.340

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado_AryelleCaruzzo_corrigido.pdf	25/01/2023 00:40:25	ARYELLE MALHEIROS CARUZZO	Aceito
Outros	CartaResposta_Adequacoes_AryelleCaruzzo.pdf	25/01/2023 00:24:23	ARYELLE MALHEIROS CARUZZO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_AryelleCaruzzo_corrigido.pdf	25/01/2023 00:18:39	ARYELLE MALHEIROS CARUZZO	Aceito
Outros	Termo_de_Confidencialidade_Sigilo_Aryelle_Caruzzo.pdf	20/01/2023 17:35:37	ARYELLE MALHEIROS CARUZZO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracaocpb_AryelleCaruzzo.pdf	20/11/2022 17:04:54	ARYELLE MALHEIROS CARUZZO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Aryelle_Malheiros_Caruzzo.pdf	20/11/2022 16:59:16	ARYELLE MALHEIROS CARUZZO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

LONDRINA, 30 de Janeiro de 2023

Assinado por:

Adriana Lourenço Soares Russo  
(Coordenador(a))

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**CEP:** 86.057-970

**UF:** PR

**Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**E-mail:** cep268@uel.br

**Anexo B - Questionário Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)**  
 (Associação Brasileira de Pesquisa – ABEP 2020)

Você deve assinalar a quantidade de itens de eletroeletrônicos citados e estes devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Itens de conforto	Não Possui	Quantidade que possui			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

- A água utilizada neste domicílio é proveniente de?

- ( ) Rede geral de distribuição  
 ( ) Poço ou nascente  
 ( ) Outro Meio

- Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

- ( ) asfaltada/pavimentada  
 ( ) terra/cascalho

- Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

- ( ) Analfabeto
- ( ) Fundamental I incompleto
- ( ) Fundamental I Completo
- ( ) Fundamental II Incompleto
- ( ) Fundamental II Completo
- ( ) Médio Incompleto
- ( ) Médio Completo
- ( ) Superior Incompleto
- ( ) Superior Completo

### Anexo C - Questionário Suporte Parental I – (Trost, *et al.* 2003)

#### 1. Para mim, praticar atividade física é:

não importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito importante
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

#### 2. Sobre a prática de atividade física pelo seu filho:

	Todos os dias	Muitas vezes na semana	Uma vez na semana	Raramente	Nunca
Meu filho pratica atividade física	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

#### 3. Tente se lembrar de quantas vezes na semana passada você:

Incentivou seu filho a praticar atividade física ou esporte?

- Nunca    Uma Vez    Algumas Vezes    Quase todos os dias    Todos os dias

Praticou atividade física ou esporte com seu filho?

- Nunca    Uma Vez    Algumas Vezes    Quase todos os dias    Todos os dias

Levou seu filho a algum lugar onde fosse possível praticar atividade física ou esporte?

- Nunca    Uma Vez    Algumas Vezes    Quase todos os dias    Todos os dias

Ficou assistindo seu filho enquanto ele praticava alguma atividade física ou esporte?

- Nunca    Uma Vez    Algumas Vezes    Quase todos os dias    Todos os dias

Disse ao seu filho que faz bem praticar atividade física ou esporte?

- Nunca    Uma Vez    Algumas Vezes    Quase todos os dias    Todos os dias

#### 4. Considero que a prática de atividade física para meu filho é:

Não é importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito importante
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

#### 5. Na sua infância, houve alguém que o influenciava a praticar atividade física?

- Sim   Quem? \_\_\_\_\_
- Não

#### 6. Você praticou atividade física/esportiva regular durante sua infância?

- Sim   Qual? \_\_\_\_\_
- Não

## Anexo D - Questionário Suporte Parental II – (Santos, *et al.* 2020)

### QUESTIONÁRIO CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO ESPORTIVA DO ADOLESCENTE (CEFFEA)

Abaixo estão algumas questões sobre a participação da **FAMÍLIA** e da **ESCOLA** na formação esportiva do adolescente. Leia com atenção cada item e marque com um "X" na escala a alternativa que melhor representa sua realidade.

<b>MINHA FAMÍLIA:</b>		<b>LEGENDA:</b> 1=Nunca, 2=Algumas vezes, 3=Freqüentemente, 4=Sempre			
01	Contribui financeiramente com as despesas de transporte para minha prática ou treinamento esportivo.	1	2	3	4
02	Contribui financeiramente com as despesas de transporte para os jogos que minha equipe participa.	1	2	3	4
03	Contribui financeiramente com taxas cobradas nos jogos em que minha equipe participa.	1	2	3	4
04	Mantém contato com o professor ou outro membro da direção da equipe em pratico/treino o esporte.	1	2	3	4
05	Entende as etapas que compõem a minha prática ou o meu treinamento esportivo.	1	2	3	4
06	Entende o esporte que eu pratico.	1	2	3	4
07	Me motiva a praticar o esporte para que eu possa melhorar o condicionamento físico.	1	2	3	4
08	Me motiva a praticar o esporte para que eu possa socializar com outros adolescentes.	1	2	3	4
09	Me motiva a praticar o esporte para que eu possa viajar e conhecer outras culturas, costumes e pessoas.	1	2	3	4
10	Em competições ou amistosos participa incentivando a mim e a minha equipe.	1	2	3	4
11	Comparece as competições ou amistosos da minha equipe.	1	2	3	4
12	Acompanha na mídia o esporte.	1	2	3	4

<b>MINHA ESCOLA:</b>		<b>LEGENDA:</b> 1=Nunca, 2=Algumas vezes, 3=Freqüentemente, 4=Sempre			
13	Tem participação ativa na minha formação esportiva, pois consigo praticar/treinar o esporte e acompanhar todas as atividades escolares sem prejuízo para o meu aprendizado.	1	2	3	4
14	Tem infraestrutura adequada para o meu bom desenvolvimento esportivo.	1	2	3	4
15	Me libera com facilidade para ir aos jogos e competições, abonando faltas e facilitando na realização das provas e trabalhos.	1	2	3	4
16	Apoia o desenvolvimento do esporte, e mesmo na dificuldade demonstra com ações práticas esse apoio, buscando soluções e meios para que a equipe siga praticando/treinamento e participando de competições.	1	2	3	4
17	Busca parceria com outras instituições ou empresas para apoiar o desenvolvimento do esporte na escola.	1	2	3	4

**Para as questões 18, 19, 20 e 21 responda de acordo com a legenda:**

<b>EM RELAÇÃO A SUA ESCOLA, VOCÊ:</b>		<b>LEGENDA:</b> 4=Nunca, 3=Algumas vezes, 2=Freqüentemente, 1=Sempre			
18	Já ficou de recuperação de alguma matéria, por causa da prática/treinos e competições.	1	2	3	4
19	Já reprovou/retenção de série ou ano, por causa da prática/treinos e competições.	1	2	3	4
20	Fica afastado(a) muito tempo da escola por causa de jogos e competições durante o ano.	1	2	3	4
21	Considera que por pratica/treinar e competir está atrasado(a) em relação ao aprendizado dos conteúdos das matérias em relação aos seus colegas de sala.	1	2	3	4

## Anexo E – Questionário Baecke de Atividade Física Habitual – (Baecke, *et al.* 1982)

1)	Qual a sua ocupação principal?		
2)	No trabalho, eu fico sentado:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre
3)	No trabalho, eu fico em pé:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre
4)	No trabalho, eu ando:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre
5)	No trabalho, eu levanto objetos pesados:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Muito frequentemente
6)	Depois do trabalho, eu me sinto cansado:		
	<input type="checkbox"/> Muito frequentemente	<input type="checkbox"/> Frequentemente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca
7)	No trabalho, eu sudo:		
	<input type="checkbox"/> Muito frequentemente	<input type="checkbox"/> Frequentemente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca
8)	Em comparação com o trabalho de outras pessoas da minha idade, o meu trabalho é fisicamente:		
	<input type="checkbox"/> Muito mais pesado	<input type="checkbox"/> Mais pesado	<input type="checkbox"/> Iguamente pesado <input type="checkbox"/> Mais leve <input type="checkbox"/> Muito mais leve
9)	Você pratica exercício físico? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se sim: Qual exercício você pratica mais frequentemente?		
Quantas horas por semana você pratica este exercício? _____ Quantos meses por ano? _____			
Se você pratica um segundo exercício físico: Qual exercício? _____ Quantas horas por semana você pratica este exercício? _____ Quantos meses por ano? _____			
10)	Em comparação com outras pessoas da minha idade, minha atividade física durante os momentos de lazer é:		
	<input type="checkbox"/> Muito maior	<input type="checkbox"/> Maior	<input type="checkbox"/> Igual <input type="checkbox"/> Menor <input type="checkbox"/> Muito menor
11)	Durante os momentos de lazer, eu sudo:		
	<input type="checkbox"/> Muito frequentemente	<input type="checkbox"/> Frequentemente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca
12)	Durante os momentos de lazer, eu pratico exercícios físicos:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre
13)	Durante os momentos de lazer, eu assisto à televisão:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre
14)	Durante os momentos de lazer, eu ando:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre
15)	Durante os momentos de lazer, eu ando de bicicleta:		
	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Raramente	<input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Muito frequentemente
16)	Quantos minutos você caminha e/ou anda de bicicleta por dia para ir ou voltar do trabalho, escola e shopping?		

**Anexo F – Questionário Barreiras e Facilitadores para a prática de atividade física**  
(Seron; Arruda; Greguol, 2015)

---

Assinale em cada item a seguir se ele ajuda, atrapalha ou não interfere na prática habitual de atividade física do seu filho.

<b>INDICADORES</b>	<b>AJUDA</b>	<b>ATRAPALHA</b>	<b>NÃO INTERFERE</b>
Apoio dos amigos			
Simpatia do professor			
Conhecimento do professor			
Apoio da família			
Divulgação de informações			
Segurança do ambiente			
Equipamentos específicos para a prática			
Disposição pessoal			
Horário da atividade			
Acessibilidade arquitetônica			
Transporte			
Custo financeiro			
Limitações físicas			
Existência de programas específicos			
Cansaço físico			
Habilidades físicas			
Espaço disponível para atividade			
Interesse pessoal			
Conhecimento ou orientação sobre Atividade Física			
Estado de humor			
Presença de dores			
Companhia para a prática			
Clima adequado			
Medo de se machucar			
Falta de tempo			
Preocupação com a aparência			

**Anexo G – Autorização para coleta de dados em todos os polos do Projeto Centro de Referência Paralímpico Brasileiro – CRPB**

---

**Comitê Paralímpico Brasileiro  
Diretoria de Desenvolvimento Esportivo do CPB**



**Assunto: Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição Co-Participante**

Eu, Ramon Pereira de Souza, Diretor de Desenvolvimento Esportivo do Comitê Paralímpico Brasileiro, responsável pelo Projeto Centros de Referência Paralímpicos, declaro que estou de acordo com a condução do projeto de pesquisa "Determinantes sociais, suporte parental e suas implicações para a inserção de crianças e adolescentes com deficiência em programas de iniciação esportiva" sob a responsabilidade de Aryelle Malheiros Caruzzo, nas nossas dependências/ atividades para as suas coletas de dados, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, até o seu final em (30/04/2025).

Estou ciente que as unidades de análise da pesquisa serão os pais das crianças e adolescentes com deficiência que participam das atividades propostas pelos Centros de Referência Paralímpicos Brasileiros, bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

São Paulo, 10 de novembro de 2022

**Prof. Dr. Ramon Pereira de Souza**  
Diretor de Desenvolvimento Esportivo  
Comitê Paralímpico Brasileiro